

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Letras e Artes / Escola de Belas Artes
Departamento de Desenho Industrial

Curso de Graduação em Desenho Industrial
Habilitação em Projeto de Produto

Relatório de Projeto de Graduação

Projeto MANIFESTO

Tornando visível corpos invisíveis através do simbólico da roupa



Rio de Janeiro
Setembro de 2022

Evelyn Cristina Pereira Farias DRE: 117057077

Orientadora: Deborah Chagas

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Letras e Artes / Escola de Belas Artes
Departamento de Desenho Industrial

Projeto MANIFESTO:
Tornando visível corpos invisíveis através do simbólico da roupa

Autora: Evelyn Cristina Pereira Farias

Relatório de Projeto de Graduação em Desenho Industrial submetido à Banca de Avaliação do Departamento de Desenho Industrial da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Bacharel em Desenho Industrial / Projeto de Produto.

Orientadora: Prof.^a Dr^a Deborah Chagas
Christo

Rio de Janeiro
Setembro de 2022

Evelyn Cristina Pereira Farias

Projeto MANIFESTO:

Tornando visível corpos invisíveis através do simbólico da roupa

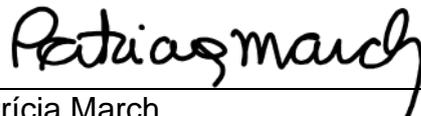
Relatório de Projeto de Graduação em Desenho Industrial submetido à Banca de Avaliação do Departamento de Desenho Industrial da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Bacharel em Desenho Industrial / Projeto de Produto.

Aprovado em:



Prof.^a Dr.^a Deborah Chagas Christo
EBA, UFRJ
orientadora

Prof.^a MsC Jeanine Geammal
EBA, UFRJ



Prof.^a Dr.^a Patricia March
EBA, UFRJ

Rio de Janeiro
Setembro de 2022

CIP - Catalogação na Publicação

F224p Farias, Evelyn Cristina Pereira
PROJETO MANIFESTO: TORNANDO VISÍVEL CORPOS
INVISÍVEIS ATRAVÉS DO SIMBÓLICO DA ROUPA / Evelyn
Cristina Pereira Farias. -- Rio de Janeiro, 2022.
178 f.

Orientadora: Deborah Chagas.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Desenho Industrial, 2022.

1. Design. 2. Corpos deficientes. 3. Inclusão.
4. Expressão. 5. Moda . I. Chagas, Deborah ,
orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente gostaria de agradecer e dedicar esse projeto a minha família e amigos.

À minha mãe de coração Maria Luiza, que me acolheu em sua casa e em seus braços com todo o amor que ela tinha para oferecer.

À minha tia Renata, que me mostrou a importância de enfrentarmos os obstáculos da vida para conquistarmos nossos sonhos e nosso lugar no mundo.

Aos meus irmãos do coração Miguel e Théo que me trazem calma e alegria e me fazem enxergar a vida através de uma perspectiva lúdica e leve.

Ao meu tio Lyncoln, que chegou na minha vida no momento em que eu mais precisava. Ele que me ajudou a passar para a Universidade dos meus sonhos, me incentivou a escolher o Design, foi responsável por me mostrar que a felicidade está nas coisas mais simples, como sentar à mesa com a sua família depois de um dia cansativo, estar entre a natureza e apreciá-la, gostar de andar de bike em um domingo de sol e a importância de desacelerar e de se estar no momento presente de corpo e alma. Sempre esteve ao meu lado, apoiando as minhas escolhas e dando todo o suporte para alcançar os meus objetivos de forma íntegra. Aquele que ESCOLHEU nunca largar a minha mão e me disse uma vez “Em tudo que você se propor a fazer, dê sempre o seu melhor” e desde então é o que eu sempre busco fazer. DAR O MEU MELHOR.

À minha amiga Aline, que esteve ao meu lado em todos os momentos da graduação. Sempre esteve disposta a me ouvir e a me ajudar. Juntas passamos por diversas coisas, rimos, choramos, cantamos, gritamos, viramos noites para entregar projetos, e agora nos tornamos irmãs do coração.

À minha orientadora Deborah que desde o início topou embarcar nessa jornada de conhecimento, me conduzindo e incentivando. Além disso, sempre acreditou no meu potencial.

Agradeço também a todos os professores que passaram e fizeram parte da minha trajetória desde os anos iniciais até a academia. Todos foram essenciais para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

RESUMO

FARIAS, Evelyn Cristina Pereira. **Projeto Manifesto**: Tornando visível corpos invisíveis através do simbólico da roupa. Rio de Janeiro, 2022. Relatório de Projeto de Graduação em Desenho Industrial - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Este projeto aborda a moda como uma forma de linguagem que se manifesta através do vestuário. Entendendo assim a importância da moda como meio de manifestação cultural, como uma ferramenta responsável pela construção da identidade e sensação de pertencimento. Através dessa pesquisa é possível compreender o mercado de moda inclusiva no Brasil e como o Design de Produto juntamente a Moda pode contribuir para uma sociedade mais inclusiva. Logo, a proposta desenvolvida é uma coleção de vestuário com objetivo de desconstruir preconceitos e estimular a capacidade de manifestação e de expressão de corpos invisíveis.

Palavras-chave: Design; Moda Inclusiva; Semiótica

ABSTRACT

FARIAS, Evelyn Cristina Pereira. **Project Manifesto**: Making Invisible Bodies Visible through the symbolic of clothing. Rio de Janeiro, 2022. Graduação em Desenho Industrial - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This project approaches fashion as a form of language that manifests itself through clothing. Thus understanding the importance of fashion as a means of cultural manifestation, as a tool responsible for the construction of identity and a sense of belonging. Through this research it is possible to understand the inclusive fashion market in Brazil and how Product Design together with Fashion can contribute to a more inclusive society. Therefore, the proposal developed is a collection of clothing with the objective of deconstructing prejudices and stimulating the ability to manifest and express invisible bodies.

Keywords: Design; Inclusive Fashion; Semiotics

Lista de Figuras

Figura 1 - Porcentagem da população com deficiência no Brasil	6
Figura 2 – Tipos de deficiência física	8
Figura 3 - Peças disponíveis no mercado de roupas inclusivas.....	11
Figura 4 - Personas	15
Figura 5 - Camiseta branca da marca Gucci R\$ 2.790,00	20
Figura 6 - Camiseta branca da loja de departamento Renner R\$ 39,90	21
Figura 7 - Camiseta branca da marca Calvin Klein R\$ 239,00	22
Figura 8 - Camiseta preta da marca Cammys	23
Figura 9 - Camiseta preta da loja de Departamento C&A.....	24
Figura 10 - Scarpin Christian Louboutin modelo Kate 100mm - \$745 (R\$ 4.861,12).....	25
Figura 11 - Scarpin preto Verniz - R\$ 59,99.....	25
Figura 12 - O cantor Seu Jorge no desfile da Laboratório Fantasma	37
Figura 13 – Coleção do Laboratório Fantasma no SPFW que mistura Japão e África	38
Figura 14 - Modelo Tess Holiday, em seu primeiro desfile,	39
Figura 15 - Roupas feitas por Nylon e tecidos recicláveis	40
Figura 16 - Detalhes tridimensionais que empoderam ainda mais o corpo.....	41
Figura 17 - Mulher grávida nas passarelas	42
Figura 18 - Mulher desfila com prótese.....	42
Figura 19 – Homem cadeirante com Síndrome de Down caído no chão.....	45
Figura 20 – Homem na cadeira de rodas.....	45
Figura 21 – Pessoas com deficiência no esporte.....	46
Figura 22 - Pessoas com deficiência vestindo roupas adaptadas	54
Figura 23 - Site da Tommy Hilfiger no Brasil sem a linha Adapte	55
Figura 24 - Site da Tommy Hilfiger nos Estados Unidos.....	55

Figura 25 - Camiseta com sistema de velcro nos ombros	56
Figura 26 - Colete com sistema de zíper para abertura frontal	57
Figura 27 - Calça com sistema de velcro para abertura.....	57
Figura 28 - Blusa com sistema de velcro para abertura dos bolsos.....	58
Figura 29 - Camiseta com sistema de velcro para abertura nas costas.....	58
Figura 30 - Calça Jeans com sistema de velcro e botões magnéticos	59
Figura 31 - Macacão com abertura oculta para acesso abdominal.....	61
Figura 32 - Moletom de lã de mangas compridas sem etiquetas e costuras	61
Figura 33 - Moletom de lã de mangas compridas sem etiquetas e costuras	62
Figura 34 - Calça legging com cós alto, costura plana e sem etiquetas	62
Figura 35 - Cadeira de rodas que se transforma em uma carruagem	63
Figura 36 - Fantasia de princesa adaptada.....	64
Figura 37 - Cadeira de rodas que se transforma em um barco pirata.....	64
Figura 38 - Fantasia de pirata adaptada	65
Figura 39 - Fantasia de tubarão adaptada	66
Figura 40 - Fantasia de unicórnio adaptada.....	66
Figura 41 - Calça Legging Seamless Technology.....	67
Figura 42 - Cós alto possibilitando maior conforto	68
Figura 43 - Camisa Jeans clássica com fecho magnético	69
Figura 44 - Jaqueta Camilleri Spring Bomber com Zíper Magnético.....	70
Figura 45 - Seated Dress Pant.....	71
Figura 46 - Homem vestindo a Seated Dress Pant.....	72
Figura 47 - Seated Parka	73
Figura 48 - Mulher vestindo a Seated Parka.....	73
Figura 49 - Roupas Cyberpunk.....	76

Figura 50 - Radical Visibility.....	77
Figura 51 - Coleção de Hong Kong.....	77
Figura 52 - Performance de Transfat.....	78
Figura 53 - Vestido na estampa marítimo.....	79
Figura 54 - Saia Tronco.....	80
Figura 55 - Calça Iron Adapte Amputado.....	81
Figura 56 - Camisa Mc Oxford Adapte Cadeirante.....	82
Figura 57 - Bermuda Army Adapte Cadeirante.....	83
Figura 58 - Camiseta Pima Cores Adapte Amputado.....	84
Figura 59 - Short Viscose Adaptada Xadrez.....	86
Figura 60 - Short Viscose Adaptada Xadrez.....	86
Figura 61 - Barra de navegação que dá acesso a coleção.....	87
Figura 62 - Calça Unisex adaptada com abertura frontal e lateral.....	88
Figura 63 - Jaqueta Jeans adaptada.....	89
Figura 64 - Aviamentos e soluções identificados.....	92
Figura 65 - Conceito do Projeto.....	97
Figura 66 - Painel Visual do Conceito.....	98
Figura 67 - Sketch book conceitual.....	100
Figura 68 - Camiseta Short Jeans.....	101
Figura 69 - Calça suspensório invertida.....	102
Figura 70 - Vestido calça jeans.....	103
Figura 71 - Vestido braços.....	104
Figura 72 - Camiseta Golas.....	105
Figura 73 - Short bolsos deslocados.....	105
Figura 74 - Short assimétrico.....	106

Figura 75 - Saia Dobra Desdobra	106
Figura 76 - Camisa mangas removíveis.....	107
Figura 77 - Camisa Assimétrica	108
Figura 78 - Camisa costuras aparentes	108
Figura 79 - Calça short.....	109
Figura 80 - Casaco	110
Figura 81 - Agrupamento das peças conforme os conceitos	111
Figura 82 - Painel de detalhamento das peças.....	113
Figura 83 - Calça Short opção de uso 1.....	115
Figura 84 - Calça Short opção de uso 2.....	116
Figura 85 - Camiseta Short	118
Figura 86 - Casaco opção de uso 1	120
Figura 87 - Casaco opção de uso 2	121
Figura 88 - Casaco opção de uso 2	122
Figura 89 - Vestido braços opção 1	124
Figura 90 - Vestido braços opção de uso 2.....	125
Figura 91 - Coleção MANIFESTO.....	127
Figura 92 - Zíper invisível com cores sortidas.....	130
Figura 93 - Zíper tratorado com cores sortidas	131
Figura 94 - Velcro	131
Figura 95 - Botão magnético.....	132
Figura 96 - Colchete de gancho.....	132
Figura 97 - Rebite autoperfurante	133
Figura 98 - Linha e fio 100% poliéster.....	134
Figura 99 - Tabela de medidas do corpo feminino adulto	135

Figura 100 - Modelagem em papel Kraft.....	138
Figura 101 - Partes do vestido braços (gola, mangas e corpo).....	138
Figura 102 - Vestido braços em fase de construção.....	139
Figura 103 - Marcação dos bolsos.....	140
Figura 104 - Mangas da cintura em construção.....	140
Figura 105 - Vestido braços (Vista frontal).....	140
Figura 106 - Molde e peça piloto.....	141
Figura 107 - Vestido braços opção de uso 1.....	142
Figura 108 - Detalhes do vestido braços.....	143
Figura 109 - Vestido braços opção de uso 2.....	144
Figura 110 - Vestido braços costas opção de uso 3.....	145
Figura 111 - Usabilidade do vestido braços.....	146
Figura 112 - Ecobag de algodão cru opção 1.....	147
Figura 113 - Ecobag de algodão cru opção 2.....	148

Sumário

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: PROPOSIÇÃO DO PROJETO.....	3
I.1: Apresentação e Contextualização da Indagação.....	4
I.1.1 O mercado de vestuário inclusivo no Brasil	8
I.2: Objetivos	9
I.2.1 Geral	10
I.2.2 Específicos.....	10
I.3: Justificativa.....	10
I.4: Interlocutor do Projeto	13
I.5: Metodologia	15
CAPÍTULO II: DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.....	17
II.1: Moda como Linguagem – Manifestação Cultural.....	18
II.2: A lógica semiótica da Moda.....	19
II.3: Moda como distinção individual e integração social	29
II.4: Corpo vestido e corpo deficiente.....	32
II.5: O Design como ferramenta de Inclusão no Brasil	52
II.6: Levantamento de Similares	53
II.6.1: Tommy Hilfiger	53
II.6.2: Target – Coleção para sua marca infantil Cat & Jack	59
II.6.3: IZ Adaptive	66
II.6.4: Rebirth Garments.....	74
II.6.5: Equal Moda Inclusiva	78
II.6.6: Riachuelo + Barbie + À La Garçonne.....	85
II.6.7: Aria.....	88
II.7: Análise dos Similares.....	90
II.8: Requisitos projetuais	92
CAPÍTULO III: CONCEITUAÇÃO.....	93
III.1: Conceito	94
III.2: Expressão Visual do Conceito e Oportunidades	96
III.3 Geração de Alternativas.....	99
III.4 Projeto Manifesto.....	114

CAPÍTULO IV: DETALHAMENTO E FINALIZAÇÃO	128
IV.1: Materiais e Aviamentos	129
IV.2: Processo de Construção	134
IV.3: Modelo Final	142
IV.4: Embalagem	146
CONCLUSÃO.....	149
Referências Bibliográficas.....	150
APÊNDICE A: Entrevista com a profissional de educação física Camila Fuchs	155
APÊNDICE B: Fichas Técnicas.....	159

INTRODUÇÃO

“Diversos não são os outros, diversos somos todos nós” (Reinaldo Bulgarelli).

Porque no mercado brasileiro são encontrados poucos produtos inclusivos, e no que tange a moda esse cenário é ainda mais perceptível? Porque a indústria da moda exclui e limita corpos? Porque ao nos depararmos com o diferente o sentimento despertado é o de reatividade e estranheza?

Foram através destas reflexões e destes questionamentos que comecei a pensar como o Design e a Moda, elementos tão presentes na minha vida, podem contribuir para uma sociedade mais inclusiva, onde diferentes corpos possam ser vistos e se sentirem representados.

Como designer, aprendi que é preciso identificar um problema e solucioná-lo. No entanto, considero o design uma ferramenta capaz de gerar inovação a partir das oportunidades e propor melhorias, tendo sempre como foco seu interlocutor, que é a pessoa na qual aquele produto/ serviço será destinado.

Diante disso, enxerguei no mercado de moda a oportunidade de propor e criar roupas inclusivas, haja visto a falta de investimento das empresas e conhecimento nesta área.

Além disso, é sabido que em algum momento da vida todos nós iremos experimentar alguma perda de habilidade, seja ela, momentânea, temporária ou permanente. Tendo isso em vista, penso na moda inclusiva não só para pessoas com deficiência, mas também para as que não possuem. Afinal, o produto inclusivo se preocupa com o conforto, a segurança e meios para melhorar a qualidade de vida.

Todavia, enxergo a moda de vestuário como meio de se comunicar, de se expressar e de pertencer, por isso ela se faz de extrema importância na questão da inclusão social.

Diante disso, o vigente projeto busca abordar a moda como forma de linguagem, expressividade e representatividade. Analisando desta maneira, como podemos incluir sem gerar a exclusão e entender como a roupa é capaz de individualizar ao mesmo tempo que faz com que o indivíduo se sinta parte de um movimento identitário. O tema proposto se

concretiza por meio desses estudos, na realização de uma linha de roupas inclusiva que tem por objetivo dar visibilidade a corpos que não são vistos.

CAPÍTULO I: PROPOSIÇÃO DO PROJETO

I.1: Apresentação e Contextualização da Indagação

Antes de começarmos a falar sobre o tema, é necessário explicar o porquê escolhi utilizar a palavra indagação ao invés de problema como normalmente é chamado no design.

De acordo com o dicionário Aurélio (6ª edição) o termo indagar significa procurar saber; pesquisar, investigar, inquirir. Por isso considero esta colocação válida, dado que não enxergo o tema desse projeto como um problema, mas sim como um campo que posso explorar, estudar e entender melhor. Com o intuito de agarrar as oportunidades que ele me oferece e dessa forma propor melhorias.

O Tema

Minha paixão pela moda se intensificou na transição da infância para a adolescência. Na tentativa de me reconhecer e entender todas as mudanças que estavam acontecendo na minha cabeça e com o meu corpo, encontrei na moda uma maneira de expressar e colocar para fora o que eu estava sentindo sem ter que usar a minha voz. No entanto, as referências que eu tinha de estilo vinham das atrizes globais que em sua maioria eram brancas, magras e tinham cabelos lisos. Realidade esta que era totalmente contrária à minha. Apesar das inúmeras tentativas de me enxergar nessas meninas, eu não conseguia me identificar, me sentir pertencente àquele grupo. Em resumo, eu estava tentando me enquadrar em um sistema imposto pela sociedade e alimentado pela mídia. Posto isso, por muito tempo tentei ir contra ao que eu sou, como quando por exemplo tomei a decisão de alisar meus cachos, ficar horas sem comer para poder caber no menor tamanho possível e até mesmo cheguei a rejeitar a cor da minha pele. Eu sentia falta de representatividade.

Ainda na adolescência, com o crescimento das redes sociais fui buscando me cercar de pessoas que se pareciam comigo em algum aspecto da vida. E em paralelo a isso fui entendendo a importância de ser quem eu era, como eu era e da minha história. Hoje a roupa para mim é a extensão de quem eu sou. Quando escolho uma peça para vestir, eu estou escolhendo como eu quero que as pessoas me vejam, como eu quero ser reconhecida, como eu quero me comunicar, a mensagem que eu quero passar. Ao escolher uma roupa eu estou contando a minha história, estou passando as minhas convicções, meu posicionamento e minha visão de mundo. Posto isso, diante do significado que a moda de

vestuário tem na minha vida e através das minhas observações e vivências notei que no Brasil pouco se pensa sobre a inclusão. E quando parei para pensar nisso atrelado a moda, me dei conta de que nunca havia visto uma loja de roupas inclusivas ou até mesmo o ambiente preparado para receber uma pessoa com deficiência.

Porém quando digo roupas inclusivas não estou dizendo que deveria ter uma sessão de roupas exclusivas para aquele público, mas que as marcas ao fabricarem as roupas deveriam ter em mente que pessoas com deficiência também irão utilizar aquela roupa. Logo, pensar em maneiras que facilitem o vestir e a realização das atividades diárias. Afinal, todos nós precisamos nos vestir, então porque o PcD não entra nessa história?

Foi a partir dessa conscientização que comecei a pensar em realizar um projeto voltado para pessoas com deficiência a fim de fomentar o mercado de vestuário inclusivo no Brasil. Mas também mostrar a importância da representatividade e da inclusão.

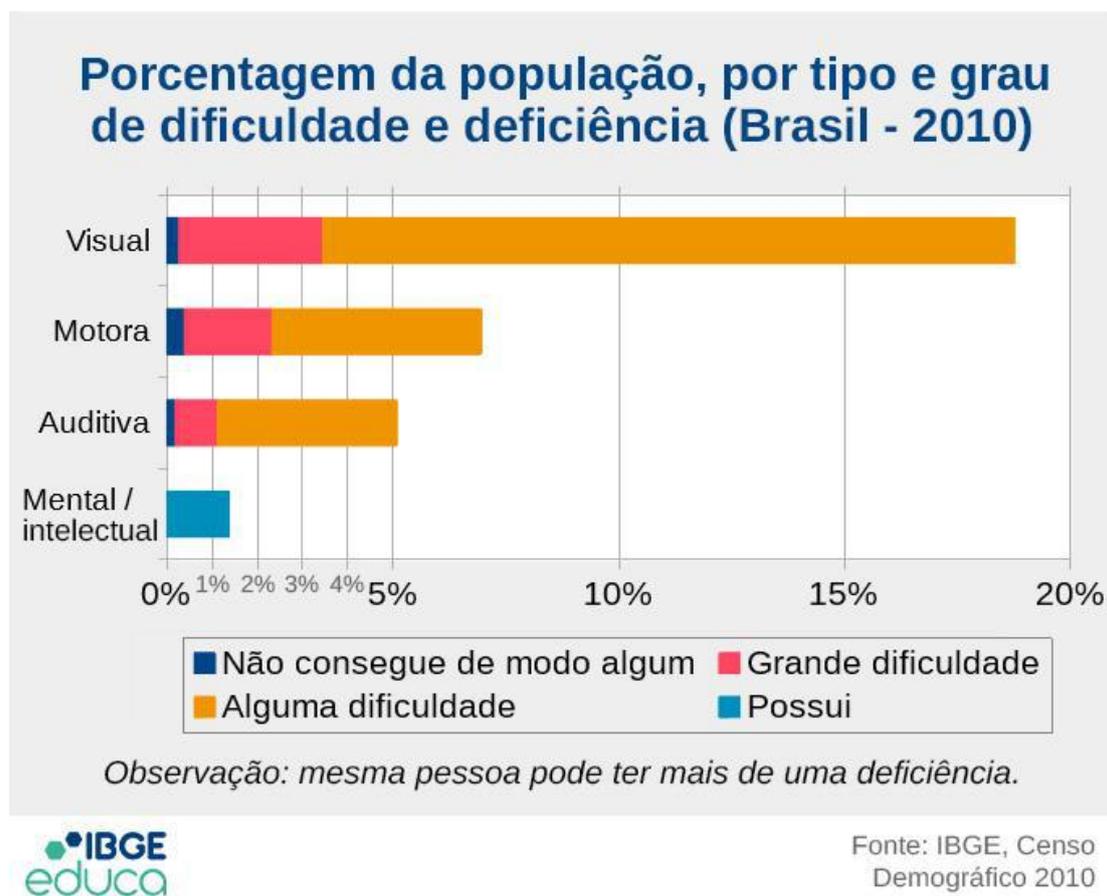
Segundo dados levantados em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), quase 46 milhões de brasileiros, cerca de 24% da população, declarou ter algum grau de dificuldade em pelo menos uma das habilidades investigadas que foram elas: enxergar, ouvir, caminhar ou subir degraus ou possuir deficiência mental / intelectual.

Para isso, o IBGE, seguindo o conceito internacional de pessoa com deficiência que seria aquela que tem pelo menos muita dificuldade em uma ou mais questões, realizou a pesquisa buscando captar a percepção sobre a dificuldade em ouvir, enxergar e caminhar ou subir escadas, mesmo contando com facilitadores como aparelhos auditivos, lentes de contato e bengalas.

Já para reconhecer as pessoas com deficiência intelectual e mental foi utilizado como critério a compreensão sobre a dificuldade em realizar atividades habituais. Posto isso, não foram consideradas perturbações, doenças ou transtornos mentais como autismo, neurose, esquizofrenia e psicose.

Dessa forma, pode-se considerar dentre os que possuem grande ou total dificuldade para enxergar, ouvir, caminhar ou subir degraus, além dos que declararam ter deficiência mental ou intelectual, temos mais de 12,5 milhões de brasileiros com deficiência, o que corresponde a 6,7% da população.

Figura 1 - Porcentagem da população com deficiência no Brasil



Fonte: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html/>. Acesso em: 18 jan. 2022.

Conforme mostrado é possível perceber que há uma dificuldade de afirmar um número exato de pessoas com deficiência, pois há variações no grau da perda de alguma habilidade, além disso, pode haver uma única pessoa com mais de um tipo de deficiência.

Para nossa discussão, vamos abordar a deficiência física. Esta que pode ser classificada em:

- Temporária - se tratada permite que a pessoa volte às suas habilidades anteriores;
- Recuperável - quando há melhora por meio do tratamento, ou quando áreas que não foram atingidas suprem a falta daquela que sofreu a perda da habilidade;
- Definitiva - apesar do tratamento a pessoa não apresenta possibilidade de cura, substituição ou não há perspectiva de que áreas não atingidas supra a perda daquela habilidade;

- Compensável - Permite melhora por meio da substituição de órgãos por aparelhos. Como por exemplo a amputação compensada pelo uso da prótese.

As causas podem ser:

- Hereditária - resulta de doenças transmitidas por genes podendo manifestar-se no nascimento ou posteriormente;
- Congênita - se apresenta na fase intra uterina e já nasce com a pessoa;
- Adquirida - quando ocorre após o nascimento, em qualquer fase da vida, em virtude de infecções, traumatismos, acidentes, dentre outros;

Para um maior esclarecimento, segue abaixo um quadro que mostra os principais tipos de deficiência.

Figura 2 – Tipos de deficiência física

PARAPLEGIA	Perda total das funções dos membros inferiores
PARAPARESIA	Perda parcial das funções motores dos membros inferiores
MONOPLEGIA	Perda total das funções motoras de um só membro (inferior ou posterior)
MONOPARESIA	Perda parcial das funções de um só membro (inferior ou posterior)
TETRAPLEGIA	Perda total das funções dos membros inferiores e superiores
TETRAPARESIA	Perda parcial das funções dos membros inferiores e superiores
TRIPLEGIA	Perda total das funções de três membros
TRIPARESIA	Perda parcial das funções de três membros
HEMIPLEGIA	Perda total das funções motoras de um hemisfério do corpo (direito ou esquerdo)
HEMIPARESIA	Perda parcial das funções motoras de um hemisfério do corpo (direito ou esquerdo)
AMPUTAÇÃO	Perda total ou parcial de um determinado membro ou segmento de um membro
PARALISIA CEREBRAL	Lesão de uma ou mais áreas do sistema nervoso central, tendo como consequência alterações psicomotoras, podendo ou não causar deficiência intelectual
OSTOMIA	Intervenção cirúrgica que cria um ostoma (abertura/óstio) na parede abdominal para adaptação de bolsa de coleta; processo cirúrgico que visa à construção de um caminho alternativo e novo na eliminação de fezes e urina para o exterior do corpo humano (colostomia: ostoma intestinal; urostomia: desvio urinário).
NANISMO	Deficiência no crescimento que culmina em baixa estatura- se comparado com a média.

Fonte: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html/>. Acesso em: 18 jan. 2022.

Perante o exposto, é válido ressaltar que a deficiência diz respeito às limitações, impedimentos e funcionalidade. Ela jamais pode ser considerada uma doença.

De acordo com o Artigo 2º da Lei nº13.146/2015, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência): “Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.” Embora seja sabido que essas barreiras são criadas por um sistema que marginaliza e exclui corpos e pessoas consideradas diferentes.

I.1.1 O mercado de vestuário inclusivo no Brasil

Como falado acima, cerca de 24% da população possui algum tipo de deficiência. No entanto, ao analisar a indústria de vestuário é notório que o nicho de moda inclusiva é pouco explorado. Muito dessa postura parte da desinformação, mas também de uma ideia preconceituosa na qual acreditam que pessoas com deficiência não consomem, logo, não geram lucro. Dessa forma pode-se dizer que a indústria ainda não enxergou ou não quer enxergar que este público também precisa se vestir, não obstante gostariam de consumir e

se comunicar por meio das roupas e acessórios. Em uma entrevista, a estilista Michele Simões, criadora da plataforma Meu Corpo é Real, que em 2006 se tornou cadeirante após um acidente de carro, relatou uma situação que pela primeira vez a fez se sentir vista realmente, para além da sua deficiência. Foi quando ao entrar em um elevador uma mulher começou a olhar para ela, coisa que até então pareceu normal, pois segundo Michele é comum na vida de um cadeirante os olhares que quase sempre vêm acompanhados de um sentimento de piedade. Ao sair do elevador, a pessoa direcionou-se a ela e disse que tinha gostado da forma como as cores da sua roupa estavam coordenadas. Foi a partir desse episódio que ela entendeu a importância que a moda possui, porque ela cria conexão entre as pessoas, fazendo com que elas iniciem uma conversa, despertando dessa maneira uma curiosidade em saber de onde é aquela peça, qual é a cor, as referências daquele estilo dentre outras coisas.

Por esse motivo, acredito na roupa como essa potência que permite você se vestir de uma segunda pele e ser quem você quiser ser e consequentemente ser vista.

Logo, penso que a moda atrelada à inclusão pode através da vestimenta dar visibilidade a este grupo de pessoas que ainda seguem reduzidos a estereótipos que os diminui e os exclui. Segundo estimativa do Banco Mundial, 15% da população global (ou aproximadamente 1 bilhão de indivíduos) possuem alguma forma de deficiência. Isso nos mostra que apesar da falta de investimento no campo de moda inclusiva, há potenciais consumidores. Segundo a organização global de consultoria e inteligência de mercado, Coherent Market Insights, a moda adaptável e inclusiva, corresponde a um mercado global cujo crescimento estimado é de 278,9 bilhões de dólares (calculados em 2017) para 400 bilhões de dólares até 2026.

Tendo isso em vista, busco neste projeto criar uma linha de roupas inclusivas que permita que a pessoa tenha a liberdade de fazer suas próprias escolhas na hora de se vestir. Ademais, acredito na roupa inclusiva para além da funcionalidade, pois entendo que o caminho seja investir em uma roupa que gere identificação e traduza a personalidade de quem a veste. Portanto, aposto na moda como meio para conquistarmos a diversidade e a inclusão.

I.2: Objetivos

I.2.1 Geral

O objetivo geral do projeto é criar uma linha de roupas inclusivas para pessoas com deficiência, a fim de naturalizar corpos deficientes por meio de uma vertente mais humanitária que busca evidenciar as diferentes formas de ser e estar no mundo.

Buscar ao máximo atender diferentes tipos de corpos através da modelagem, bem como aliar praticidade, funcionalidade, conforto e apelo estético ao design das peças.

Criar produtos inclusivos que despertem o interesse das empresas em investir nesse setor e também provocar as pessoas que não possuem deficiência a expandir seus pensamentos e utilizar-se destes a fim de acabar com o preconceito. Além disso, elaborar peças que buscam auxiliar no processo de aceitação e expressividade do corpo.

I.2.2 Específicos

- Abordar e Incentivar o debate sobre questões inclusivas.
- Pesquisar a moda como forma de linguagem, expressividade e representatividade.
- Analisar como podemos incluir sem gerar a exclusão.
- Investigar como a moda pode individualizar e criar o sentimento de pertencimento através do movimento identitário.
- Estar atento às reais necessidades do interlocutor a fim de perceber como as peças podem auxiliá-lo nas tarefas diárias, proporcionando conforto, segurança e estilo.
- Estudar os diferentes materiais dispostos no mercado têxtil.
- Criar cortes e modelagens que atendam o público em questão garantindo qualidade, conforto e estilo.

I.3: Justificativa

No mercado nacional, a disponibilidade de roupas inclusivas voltados para pessoas com deficiência são escassos, talvez porque diante de um sistema capacitista, o mercado não enxerga que o PcD possui poder de escolha e compra. Ainda assim, quando encontradas roupas inclusivas é notório o foco na funcionalidade da peça em detrimento da estética. Resumindo-se a roupas sem personalidade, onde pouco se explora cores, formas, texturas, tecidos, entre outros aspectos.

Figura 3 - Peças disponíveis no mercado de roupas inclusivas



Fonte: Elaboração Própria

Além disso, grande parte das marcas ao fabricarem roupas adaptadas não levam em consideração as diferentes formas de ser no mundo e os diferentes corpos. Por essa razão acredito que essa seja uma demanda com grande potencial.

Sendo assim, acredito que a moda é uma manifestação identitária que se comunica através dos símbolos. Por meio do vestuário pretendo explorar a multiplicidade das pessoas com deficiência, que são homogeneizadas por terem um corpo não-normativo. Este trabalho explora as diferentes expressões da personalidade de pessoas com deficiência através da moda e da vestimenta. A música 'AmarElo' do cantor Emicida com participação da Majur e Pablo Vittar dialoga com o objetivo deste projeto, como pode ser observado abaixo:

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes
que nem devia tá aqui

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Tanta dor rouba nossa voz
sabe o que resta de nóiz?
Alvos passeando por aí
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência
me resumir a sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi
Por fim, permita que eu
fale, não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem
é o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso
algoz e fazer nóiz sumir

A partir de pesquisas e um bate papo que tive com a profissional de educação física, Camila Fuchs, que faz parte do grupo de pessoas com deficiência, obtive algumas percepções que me fizeram ter a certeza da importância desse projeto. Ao decorrer da conversa, duas questões me deixaram intrigada. A primeira foi que quando questionada sobre a dificuldade de se vestir, Camila, afirmou não ter, dizendo que desde sempre se veste sozinha. A segunda foi quando relatou que ela se sentia representada pela moda, uma vez que tinha como preferência usar roupas básicas por serem mais confortáveis.

Embora esses depoimentos aparentam ir em desacordo com o que está sendo proposto, tentei entender o porquê das suas falas.

Camila, é uma mulher que nasceu com uma deficiência congênita conhecida como mielomeningocele, que consiste na má formação da coluna vertebral onde a medula, a meninge e as raízes nervosas não são formadas corretamente durante a formação do feto. Isto é, ela já se descobriu com esse corpo e teve de lidar com as dificuldades desde o seu nascimento. Fator esse que fez com que ela se adaptasse a diversas situações e obstáculos frente à falta de ações inclusivas.

Para refletir sobre sua primeira fala, busquei traçar um paralelo entre o cadeirante tendo que andar com sua cadeira de rodas em uma rua esburacada. Sim. Ele vai passar, apesar da dificuldade, pois para ele aquela é uma situação comum. Logo, o indivíduo já está habituado a essa circunstância. Mesmo que essa não seja a melhor maneira ou como deve ser visto que é preciso oferecer as melhores condições para todos.

Já sua segunda fala me leva a um lugar de conformismo, pois infelizmente ela se condicionou a pensar que a roupa “básica” é o suficiente e que supre todas as suas necessidades, o que é um comportamento esperado visto que ela teve que se adaptar ao mundo e se ajustar as coisas que já haviam nele. Além disso, é comum as pessoas associarem o básico ao conforto, no entanto, é possível termos peças que expressam personalidade e ao mesmo tempo seja confortável.

Com base nisso, este projeto propõe-se questionar a lógica atual do mercado de moda inclusiva a fim de reconhecer e servir a demanda existente de pessoas com deficiência, promovendo o respeito e inclusão. Através da linguagem da moda pretendo dar visibilidade e voz para este público que por tantos anos ficou à margem da sociedade. Além da busca por atender o maior número possível de variações de corpos.

Através do levantamento e análise de dados relacionados ao produto e ao público, e da avaliação das possíveis alternativas de abordagem da indagação, poderei desenvolver o conceito e as soluções mais adequadas ao objetivo deste projeto.

I.4: Interlocutor do Projeto

O projeto tem como interlocutor jovens entre 15 e 19 anos. Essa escolha se deu por ser o período que marca a fase da adolescência. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) a adolescência é definida como sendo o período da vida que começa aos 10 anos e termina aos 19 anos completos. Para a OMS, a adolescência é dividida em três fases: a pré-adolescência, que vai dos 10 aos 14 anos, a adolescência em si, abrangendo dos 15 aos 19 anos, e a juventude, dos 15 aos 24 anos, concluindo o ciclo que liga a infância à fase adulta.

A fase da adolescência é quando a pessoa está no processo de descoberta do “eu” e da sua própria intimidade. É um momento de introversão, onde o indivíduo sente necessidade de viver dentro de si mesmo. Segundo a neurocientista cognitiva britânica Sarah-Jayne Blakemore, especialista em cérebro adolescente, esta é uma fase de transformações rápidas, ela descreve o desafio dessa etapa do desenvolvimento humano como "uma tempestade perfeita", graças ao aumento súbito e simultâneo de "alterações hormonais, neurais, sociais e de pressões da vida".

É um momento de mudanças de personalidade, onde o indivíduo busca se sentir representado e pertencente a um grupo. É nesse período também que a insegurança com o corpo devido às alterações hormonais começa, logo a necessidade de expressão se torna latente. É nesse sentido que o projeto vem, com o propósito de tornar esse processo de autoconhecimento e busca por uma identidade mais leve e prazerosa. Ainda que o seguinte projeto tenha seu foco nas Pessoas com Deficiência sabe-se que não há a intenção de fazer uma roupa olhando para deficiência, mas sim para quem está vestindo aquela peça, auxiliando assim os indivíduos nas diferentes formas de se expressar no mundo.

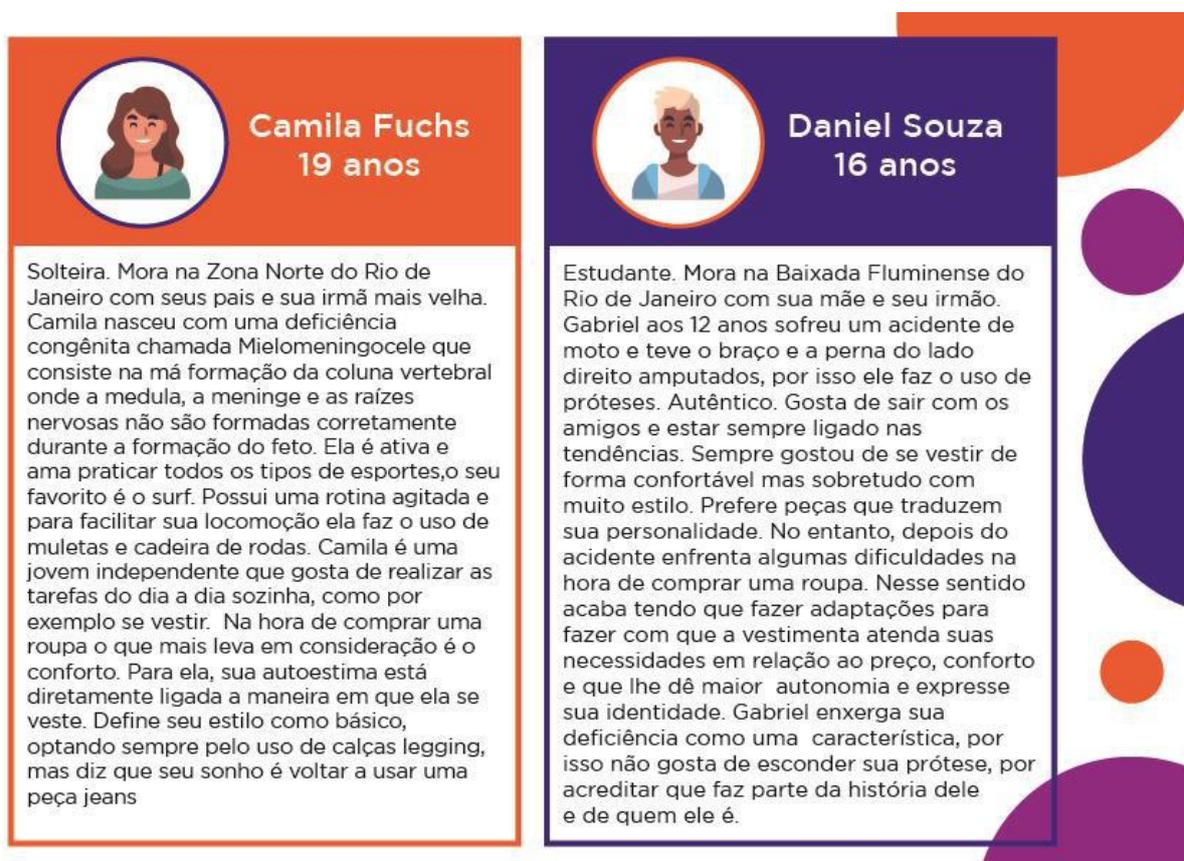
Além disso, o presente projeto tem como intuito atender as classes sociais C e D por entender ser um público com menor poder aquisitivo e na maioria dos casos não possuem acesso a produtos diferenciados e de qualidade.

Ademais, pensando como um todo nas camadas sociais menos favorecidas é evidente que estes já encontram obstáculos na hora de se vestir, no entanto, ao fazermos um recorte para pessoas com deficiência esse problema se torna ainda mais latente e o acesso quase impossível. Até porque estes não são nem considerados potenciais consumidores, logo, cabe aos próprios usuários realizarem adaptações nas peças de roupa alinhando dessa forma as suas necessidades.

É importante ressaltar que as marcas não produzem pensando nos diferentes corpos, muito pelo contrário a indústria da moda exclui e padroniza os corpos. Logo, quando esse corpo deficiente é colocado em pauta, na maioria das vezes, essa ação é feita como uma jogada de marketing, ou seja, não há de fato um interesse pela causa. Ou quando produtos inclusivos são feitos para serem comercializados, estes acabam indo para o mercado com preços inacessíveis, fazendo assim um recorte de classe.

Como uma tentativa de entender e personificar esse interlocutor optei por utilizar a ferramenta da Persona. Embora, minha primeira alternativa para representar esse público tenha sido através da realização de um Moodboard onde agrupei perfis de pessoas que eu supunha fazer parte das classes C e D. Entretanto, analisando o board cheguei a uma conclusão de que essa minha escolha estava me levando para o caminho da estereotipagem. Afinal, como eu defino de que classe uma pessoa pertence apenas por sua imagem? Dessa forma, optei por construir personas com as informações coletadas através de pesquisas secundárias.

Figura 4 - Personas



Fonte: Elaboração Própria

I.5: Metodologia

Como metodologia foi-se utilizado os conceitos e as etapas de desenvolvimento do Bruno Munari, autor do livro “Das Coisas Nascem Coisas”, que sugere uma metodologia baseada

na definição do problema (que aqui chamamos de indagação), por meio da sua investigação, definição e decomposição.

“O problema não se resolve por si só; no entanto, contém já todos os elementos para sua solução. É necessário conhecê-los e utilizá-los no projeto de solução.”
(Bruno Munari).

Partindo da constatação de Munari (1998) ao citar que o problema de design resulta de uma necessidade, definiu-se as seguintes etapas:

Problematização: que consiste no capítulo I, acerca dos elementos da proposição. Essa etapa define o problema, a partir da temática do projeto, e identifica seus componentes, além de definir objetivos, justificativas e metodologia;

Pesquisa ou Levantamento, Análise e Síntese de Dados: onde serão realizadas coletas e análise de dados e informações acerca da problemática. Será importante estudar e entender produtos similares e os usuários desse tipo de produto, bem como, será necessário um estudo acerca da temática da inclusão de corpos deficientes no mercado de vestuário no Brasil. Por fim, esta etapa se finaliza apresentando os requisitos de projeto, que irão nortear a fase de criação.

Criatividade: consiste no capítulo III, ou Desenvolvimento de Alternativas Projetuais, onde será feita a conceituação do projeto, com base nos conhecimentos adquiridos nas etapas anteriores. Moodboards, brainstorming e sketches servirão de ferramenta para a geração de alternativas.

Finalização: Essa etapa corresponde ao capítulo IV, de Detalhamento e Finalização, onde ocorrerão testes e estudos com materiais e processos diversos, de acordo com o andamento e definição da alternativa escolhida até o encontro de uma solução.

CAPÍTULO II: DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

II.1: Moda como Linguagem – Manifestação Cultural

Poderíamos considerar a moda como uma forma de linguagem, que se manifesta por meio do vestuário e se relaciona através dos símbolos como uma manifestação cultural dentro de determinado contexto sociocultural? Para responder a esta pergunta temos que entender o que é moda e o que é linguagem.

Afinal o que é moda? E porque por tanto tempo ela foi vista como um fenômeno fútil e sem importância, que dificilmente poderia ser utilizada como um objeto de estudo da sociedade? Compreender a moda, é uma compreensão de nós mesmos, dos outros e de nossa maneira de agir. Atualmente o termo moda é utilizado para diversas áreas do consumo, desse modo, todos os objetos da cultura material parecem seguir sua lógica. No entanto, ela não se resume apenas à produção de artigos de vestuário e de adornos ou a aparência de indivíduos e grupos.

Embora a moda seja associada principalmente ao vestuário e ele ainda possua estas características, é sabido também que ele tem outras funções que não se restringem apenas à função prática e objetiva de proteger o corpo. A moda pode ser vista como uma rica fonte de estudo do comportamento humano, uma vez que retrata determinados aspectos socioculturais da nossa sociedade e é capaz até de intervir na maneira como as relações humanas se estabelecem dentro dela, estabelecendo-se como uma lógica social, e tendo um papel fundamental na estruturação e no funcionamento da sociedade.

Sendo assim, pode-se dizer que a moda é um fenômeno social, que reflete os modos culturais de uma determinada sociedade, uma vez que essa se atrela a aspectos, tais como, valores, crenças, manifestações artísticas, etc.

Nesse sentido, como a moda se apresenta como uma forma de linguagem? De acordo com Ferreira (2004) a linguagem é um sistema de signos que possibilita a comunicação entre indivíduos, expressando ideias, sentimentos e modos de comportamentos. Entretanto, essa não necessariamente está vinculada a um sistema verbal falado ou escrito. Como é o caso da linguagem binária utilizada para comunicação entre os computadores. Sua mensagem é enviada por meio de um comando que se utiliza da combinação de dois dígitos o 0 e o 1. A combinação desses dígitos leva o computador a criar várias informações: letras, palavras, textos, cálculos. Desta forma, podemos entender que a linguagem da moda, diferentemente

da linguagem verbal e escrita, não segue uma normatização tão rígida, porém seus signos podem ser analisados por meio da semiótica focada nos aspectos socioculturais.

Logo, o vestuário passa a se enquadrar como um processo linguístico não-verbal, fundamentado em aspectos socioculturais, que ao serem utilizados em espaços públicos de interações sociais tem a função de apresentar o sujeito e assim de ser reconhecido diante do outro. De acordo com Gardin, *“o corpo é considerado o primeiro veículo de comunicação e expressão utilizado pelo ser humano como meio de produção de linguagem”* (2008, p.75).

Entende-se que a relação entre corpo e vestimenta possibilita aos indivíduos e aos grupos sociais o poder da mimetização do eu para o social ditando dessa maneira as relações humanas.

Segundo McCracken (2003), a cultura é a relação entre ideias e ações pelas quais os indivíduos de um determinado grupo constroem e norteiam os processos de significações que estruturam as suas relações sociais com os outros. Dessa forma, em nossa sociedade, podemos ver o consumo como uma ação que vai além da subsistência, ou seja, deixou de ser uma necessidade e passou a expressar significados que se relacionam com aspectos identitários de cada indivíduo.

Diante disso é que nasce a relação entre moda e cultura. O consumo de moda pode ser visto como um processo de construção identitário e de reconhecimento social. Esta possibilita o indivíduo por meio da linguagem visual do vestuário afirmar sua identidade que se manifesta através das suas escolhas individuais e também viabilizar a inserção deste, dentro de uma redoma social que o mesmo pertence ou deseja pertencer.

Portanto, é possível afirmar que a moda é consumida pelos signos e símbolos estabelecidos através dos elementos da indumentária que funcionam como instrumentos capazes de mimetizar experiências sociais, valores e até mesmo noções de mundo.

II.2: A lógica semiótica da Moda

Para começar a abordar o conceito da semiótica atrelada a moda sugiro uma reflexão por meio destas imagens a seguir:

Figura 5 - Camiseta branca da marca Gucci R\$ 2.790,00



Gucci
Camiseta oversized com estampa Gucci

R\$ 2.790
12 x R\$ 232,50

 [Modelagem grande](#) [Guia de tamanhos](#)

Tamanho L selecionado 

Comprar **Wishlist** 

Previsão de entrega
2 de nov. - 9 de nov.

Fonte: https://www.farfetch.com/br/shopping/men/gucci-camiseta-oversized-com-estampa-gucci-item-12147157.aspx?size=23&storeid=10564&utm_source=google&utm_medium=cpc&pid=googleadwords_int&af_channel=Search&c=8402308293&af_c_id=8402308293&af_siteid=&af_keywords=pla-1033832033924&af_adset_id=81106387370&af_ad_id=403513328286&is_retargeting=true&shopping=yes&gclid=Cj0KCQjwtrSLBhCLARIsACh6Rmiys5BWkGGFpN2sOvPTwZJz5gw4R_J-5w9szol03gMIkIThEp4vzDAaAtiLEALw_wcB. Acesso em: 29 out. 2021.

Figura 6 - Camiseta branca da loja de departamento Renner R\$ 39,90



CAMISETA MANGA CURTA EM ALGODÃO SEM ESTAMPA BRANCO



5 de 5  (1) [Ver avaliações](#)

VIKO

Vendido e entregue por [Lojas Renner](#)

R\$ 39,90

2x de R\$ 19,95* sem juros no Cartão Renner

COR | Branco



TAMANHO



 PROVADOR VIRTUAL  TABELA DE MEDIDAS

COMPRAR

Fonte: https://www.lojasrenner.com.br/p/camiseta-manga-curta-em-algodao-sem-estampa/-/A-582620057-br.lr?sku=582623725&gclid=Cj0KCQjwtrSLBhCLARIsACH6RmiAn2BEdncOJMhrPRq7ky3oBimtS5WzSXFj0wnH09Unkhrpg_ePmjlaAg-wEALw_wcB. Acesso em: 29 out. 2021.

Figura 7 - Camiseta branca da marca Calvin Klein R\$ 239,00



CAMISETA MASCULINA LISA LIQUID COTTON OFF WHITE CALVIN KLEIN - G

R\$ 239,00

EM ATÉ 4X R\$ 59,75 SEM JUROS

 **FIT FINDER** [Encontrar seu tamanho](#)

TAMANHO



COMPRAR AGORA

Fonte: https://www.calvinklein.com.br/camiseta-masculina-lisa-liquid-cotton-off-white-calvin-klein-40m6300_0901/p?skuld=2127869. Acesso em: 29 out. 2021.

Figura 8 - Camiseta preta da marca Cammys



Camiseta Em Algodão Egípcio Camys Todo Dia Gola U Preto

R\$ 226,00 até 3x de R\$ 75,33

Cor



Tamanho



Confira a tabela de medidas



Fonte: <https://www.camys.com.br/collections/essentials/products/camiseta-em-algodao-egipcio-camys-todo-dia-gola-u-preto>. Acesso em: 29 out. 2021.

Figura 9 - Camiseta preta da loja de Departamento C&A



blusa feminina básica manga curta decote redondo
preta

★★★★☆ (117)

#VistaA
Mudança algodão + sustentável

por **R\$ 25,99**

em até **3x** de **R\$ 8,66** sem juros

escolha o tamanho:

[guia de medidas](#)

PP P M G GG

 **FIT FINDER** [Encontrar seu tamanho](#)

• RESTAM POUCAS UNIDADES •



COMPRAR

Figura 10 - Scarpin Christian Louboutin modelo Kate 100mm - \$745 (R\$ 4.861,12)



Fonte: http://us.christianlouboutin.com/us_en/shop/women/kate-1.html. Acesso em: 03 nov. 2021.

Figura 11 - Scarpin preto Verniz - R\$ 59,99



Fonte: <https://www.zattini.com.br/scarpin-ala-salto-alto-verniz-preto-J36-0093-006?campaign=gglepqpla>. Acesso em: 03 nov. 2021.

Algumas das questões que fiquei me perguntando a partir dessas imagens apresentadas é: Que características um mesmo produto deve ter para que um apresente um valor mais elevado que o outro e o que faz uma pessoa pagar mais caro por algo que pode ser encontrado por um preço com um custo melhor?

É evidente que os produtos e mercadorias, nas construções discursivas, tornam-se manifestações de objetos de valor investidos de sentidos que podem agir sobre as buscas

do sujeito para o seu constituir-se presente no mundo. Esses sentidos geralmente podem se expressar através de códigos que se apresentam de diferentes formas sendo ela de maneira explícita, como no primeiro exemplo, onde o símbolo da Gucci se destaca na camiseta fazendo com que o indivíduo transmita a mensagem de forma direta ou em casos em que o código não se mostra tão evidente, como na camiseta da Cammys e da Calvin Klein mas ainda assim o sujeito opta por este produto, pois no seu subconsciente ele tem a consciência de que está usando um artigo que possui valor no social. Já o terceiro caso se configura no reconhecimento do grupo para com aquele símbolo. Por exemplo, o scarpin do Christian Louboutin, só significará algo e terá valor para os indivíduos que conhecem e sabem o que o solado vermelho representa.

Portanto, as peças de vestuário, por si, são coisas que se convertem em objetos de natureza relacional nos quais são investidos valores que passam a ser desejados pelos sujeitos e quando integram as aparências, adquirem papel de adjuvantes e auxiliam quem os portam a realizar sua performance a ser sancionada no social.

Nesse sentido, o vestuário passa a se enquadrar como um processo linguístico não-verbal, fundamentado em aspectos socioculturais, que ao serem utilizados em espaços públicos de interações sociais tem a função de apresentar o sujeito e de assim fazê-lo ser reconhecido pelo outro.

A moda por não seguir um processo sistemático pode assumir interpretações e ser entendida de formas diferentes. Por isso, a semiótica aparece como uma tentativa de organizar essa linguagem não verbal para uma melhor interpretação e leitura.

A Semiótica é uma ciência que estuda os signos, estes são responsáveis por realizar a representação da realidade. Por possuir uma enorme abrangência conceitual de acordo com a sua aplicabilidade, é necessário compreender qual será o objeto de estudo a fim de escolher uma metodologia semiótica apropriada para a aplicação em relação aos signos estudados. Nesse projeto o objeto de estudo é a moda como representação de um corpo.

Certamente, autores cujo foco esteja centrado na linguística irão trabalhar a semiótica voltada para uma análise da linguagem verbal e escrita, como o linguista e filósofo Ferdinand Saussure. No entanto, nossa abordagem irá se basear nos conceitos do

semiólogo Peirce (1993) que estuda o processo de interpretação da realidade feita pelo pensamento como signo, este concebido como mediação ou relação triádica.¹

Como se constrói nosso saber, melhor dizendo, as ideias e representações que fazemos do chamado real? (...) Em sua essência o signo está intimamente ligado ao trabalho da consciência humana, e claro da estrutura físico-perceptiva do ser, de fato o homem se relaciona indiretamente com os fatos reais. Esta forma de nos ver como seres intérpretes, explica as diversificadas interpretações que tantos homens, desde aqueles primeiros, nossos antepassados, até os que são nossos contemporâneos já realizaram e realizam incessantemente construindo “mundos no mundo”. (ROMANATO, 2010).

Portanto o signo não é uma entidade física e palpável, mas uma entidade abstrata e subjetiva existente na consciência daqueles que compartilham uma mesma cultura, já que prescinde de uma característica relacional entre os transmissores e receptores destas entidades. Para isto, é necessária a relação entre os envolvidos em um processo de comunicação para a existência do signo, pois desta forma as instâncias de transmissão e significação estarão relacionadas.

Desse modo, a linguagem do vestir pode ser compreendida por meio das combinações de elementos, tais como cor, textura, forma e acabamento. Mas a proposta é entender a moda como um fenômeno que vai além do seu significado funcional e físico, ela também é construída por meio dos seus significados sociológicos, psicológicos e culturais. Ela é capaz por exemplo de fazer com que uma peça de roupa adquira diferentes significados dependendo da cultura em que é analisada. Tal como comunicar se um indivíduo pertence ou não a um determinado grupo social.

Na cultura ocidental, a burca, vestimenta utilizada por mulheres muçulmanas para cobrir todo o corpo, é vista como símbolo de repressão e submissão feminina. Já na cultura oriental ela é vista como um símbolo religioso que prega a preservação do corpo da mulher.

Dessa forma, fica evidente que o contexto no qual o signo está inserido, neste caso, o signo é a roupa, pode ter seu significado alterado de acordo com os aspectos culturais.

¹ A Tríade semiótica de Peirce envolve o signo, o objeto que o signo representa e o interpretante, em que: o signo pode ser genericamente considerado um elemento de comunicação que representa algo para alguém; o objeto que o signo representa é algo que transmitirá uma mensagem a alguém e o interpretante é o receptor do signo.

Nesse sentido, é importante refletirmos o quanto os signos através do discurso cultural podem sustentar estruturas e relações que favoreçam apenas um determinado grupo. Como acontece na nossa sociedade onde o patriarcado se faz como um sistema social baseado em uma cultura que se beneficia das relações de poder e domínio dos homens sobre as mulheres e todos os demais sujeitos que não se encaixam com o padrão considerado normativo de raça, gênero e orientação sexual.

A cultura na visão de Barthes (1975, p. 84) se sonoriza como uma pronúncia do cotidiano, ou seja, são as nossas leituras, nossas músicas e nossas conversas. São estas características que constituem o nosso repertório, ou, como diz o semiólogo, é uma questão intertextual que se categoriza como intertexto, isto é, o “banco de influências” textuais que determinam um texto.

Em vista disso, a cultura é o intertexto. Não existe fala sem um paradigma. Para Barthes a cultura é inscrita e circunscrita na subjetividade. Analisando alguns aspectos da nossa sociedade pode-se observar que algumas noções culturais são tão naturais e estão tão enraizadas no nosso modo de perceber o mundo que muitas das vezes não a percebemos. É quase como um processo de inculcação, onde quanto menos explícitos são os códigos mais fortes serão seus significados.

Isto ocorre por meio da linguagem visual da moda e do seu potencial de produzir significações, sendo possível apontar marcas identitárias que permeiam o subconsciente da sociedade construindo estereótipos e alimentando as desigualdades sociais. Por esta razão é importante termos em mente que o signo é parte de um todo.

II.3: Moda como distinção individual e integração social

A moda, como já falado anteriormente, é um fenômeno social amplo podendo ser analisada de muitos ângulos diferentes e a partir de diferentes objetos, pois esta se aplica a todos os setores da vida social, seja ele político, econômico, religioso, etc. Todavia, nesta investigação analisaremos o fenômeno da moda através do vestuário por, efetivamente, ser a representação do parecer e tornar mais visível as mudanças contínuas e constantes das formas em um curto tempo que a caracterizam como movimento. Além disso, o objetivo é analisar a moda como ferramenta que possui grande importância na constituição da identidade, no que tange a representatividade, expressividade e pertencimento. Para isto iremos destacar alguns autores que relacionam moda e sociedade.

Embora alguns autores considerem que o estudo da moda não pode ser estruturado apenas sobre a narrativa da distinção social, esta por muito tempo já esteve restrita à nobreza e a aristocracia. E isto sem dúvida, ainda hoje reflete no comportamento e nas diferentes formas de apropriação da moda pelos sujeitos sociais. Se atualmente podemos sugerir que as fronteiras de acesso aos produtos da moda parecem estar mais flexíveis, em outros períodos da história essa relação se dava de forma mais rígida sendo o consumo de moda um importante instrumento de distinção social.

Apesar de haver algumas discussões sobre o nascimento do fenômeno moda, há quem acredite que a moda no vestuário teve suas origens no fim do período medieval, possivelmente no início do Renascimento, por conta da expansão do capitalismo mercantil. Dado que na Idade Média, por mais que houvesse mudanças ornamentais estas eram duradouras e suas formas permaneciam inalteradas, além de que a vontade de diferenciação e a busca por mudanças não eram requisitos. No entanto, é possível notar que as vestimentas mesmo que de forma inconscientemente e involuntária eram diferentes para a nobreza e as classes menos favorecidas. Mas de fato o fenômeno moda no sentido em que conhecemos hoje se intensificou na Era Moderna.

Posto isso, com a intensificação da produção, o desejo de distinção caracterizadas pelas modas de classe, dá espaço ao sentimento de uma maior individualização, apoiados no impulso modernizante de cultivo da subjetividade. Por outro lado, como parte de um

processo dual, as modas que, de certa maneira, prometiam a diferenciação social, também asseguravam ao indivíduo um conforto de pertencimento a um determinado grupo ou classe.

Neste contexto, as investigações de George Simmel (1858-1918) sobre a moda, através da relação dialética entre distinção - desejo à mudança e integração social - necessidade de aceitação social a partir da mimetização, são fundamentais para compreendermos o jogo de diferenciação que se estabelece entre as classes, expressos através do estilo de vida.

Para o autor (1998, p.162), “as modas são sempre modas de classe” e, para se desenvolver, a moda precisa de uma sociedade complexa e dividida, que preze tanto o pertencimento social quanto a diferenciação individual. Simmel em suas colocações reforça a ideia de que na moda a mimetização seria um dos pilares que a impulsiona, ou seja, a moda acompanharia as classes superiores, tão logo as classes inferiores iriam se apropriar desta como um mecanismo de ascensão social. Sendo assim, o primeiro grupo reagiria para diferenciar-se da massa criando uma nova moda.

Para a moda é essencial nesse contexto o seguinte: ela satisfaz, por um lado, a necessidade de apoio social, na medida que é imitação; ela conduz o indivíduo as trilhas que todos seguem. Ela satisfaz, por outro lado, a necessidade da diferença, a tendência à diferenciação, a mudança, à distinção, e, na verdade, tanto no sentido da mudança de seu conteúdo, o qual confere um caráter peculiar à moda de hoje em contraposição à moda de ontem e à de amanhã, quanto no sentido de que modas são sempre modas de classe. (SIMMEL, 2014, p. 160-161).

Embora haja uma rivalidade entre as classes e uma busca por prestígio social, parece equivocado afirmar que o movimento da moda ocorra apenas de cima para baixo, eliminando o desejo de expressão e autonomia dos indivíduos nas suas escolhas. Acredito que através da moda o indivíduo tenha a oportunidade de diferenciação individual através da maneira em que este se reconhece e se apresenta, assim como também é capaz de fazer com que o indivíduo se sinta pertencente a um grupo gerando um sentimento de representatividade.

Ao pensarmos profundamente sobre estes aspectos, vemos que a moda se enquadra em um processo de reconhecimento e pertencimento pois ela transfere ao sujeito a possibilidade de manifestar-se. Godart (2010, p.18) assim como nas colocações de Simmel denomina este processo como um princípio de “afirmação”, pois segundo o autor, a moda

proporciona aos indivíduos e aos grupos sociais o poder da mimetização e da diferenciação por meio das associações simbólicas que o vestuário e outros elementos da indumentária possuem dentro de um determinado sistema cultural.

Nesta confrontação de ideias é possível verificar que outro autor que aborda estas relações de mimetização e expressão do eu para o social é Lipovetsky (1989), no entanto com um olhar diferente. Para Lipovetsky o desejo do consumo não está apenas com o intuito de obter prestígio social. O autor menciona que a moda passa a ganhar tal poder de manipulação social a partir do fim da idade média, tornando-se um agente de reconhecimento e diferenciação dentro do processo de interação entre o eu e os outros, dando subsídio para a afirmação de uma identidade singular. *“É cada vez menos verdadeiro que adquirimos objetos para obter prestígio social, para nos isolar dos grupos de estatuto inferior e filiar-nos aos grupos superiores”* (LIPOVETSKY, 1989, p. 172).

Desta forma, a moda consumada, como batiza Lipovetsky, generalizou o espírito de curiosidade, estimulando a novidade no clichê ou a sede do novo no seio de uma tradição. Sua contribuição para pensar o fenômeno da moda reside no fato de que esta engloba e constitui os processos políticos, as relações afetivas, a esfera econômica etc. Para Lipovetsky (1989), na interseção entre a moda e a mídia, encontra-se características que, até então eram consideradas específicas do fenômeno moda como por exemplo a corrida pela novidade, do encantamento com o tempo presente, da sedução e do apego aos detalhes, espalhando-se assim nas demais esferas da vida contemporânea.

Na dupla articulação da moda entre imitação e distinção que se desdobra no binômio coletivo/individual, pode-se dizer que a moda consegue promover o equilíbrio entre a necessidade de uma manifestação coletiva de reconhecimento e o desejo renovado da distinção, da renovação de si mesma.

A moda faz o elo entre a coletividade e a individualidade do sujeito, por ela o indivíduo é capaz de expressar suas ideologias dentro de uma coletividade que se manifesta nos seus grupos de pertencimento. Por esse motivo a moda se torna em nossa sociedade um fenômeno sociológico e cultural.

Posto isso, é importante ressaltar e corroborar que a coletividade não pode de maneira alguma aniquilar o individual, pois o primeiro é responsável por proporcionar um conforto psicológico e um sentimento de reconhecimento e pertencimento, mas o grupo representa uma parte de quem você é, uma parte da sua história, mas ele não o define como um todo.

II.4: Corpo vestido e corpo deficiente

Ana Claudia de Oliveira, professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em seu dossiê sobre o Corpo vestido no social: contribuições da semiótica para o estudo da aparência e da identidade, discorre sobre a interação da roupa com o corpo e como a fusão destes possui o poder de carregar nas diferentes sociedades, a própria história das pessoas no mundo e também pelos sentidos que põe em circulação. Dessa forma, roupa e corpo como uma espécie de simbiose se moldam e produzem sentidos através da escolha de cada indivíduo a fim de delinear as aparências do sujeito no social. Corroborando dessa forma a ideia da moda como uma forma de linguagem.

No quarto de vestir, no armário, ao se escolher uma roupa, escolhe-se, sobretudo, valores e posições na sociedade. Com a sua plástica e os seus valores culturais, é o corpo, por algumas de suas partes, que se impõe à plástica da moda. Nesse jogo enunciativo o vestir faz ver o que em nossa sociedade é valorizado sexualmente. (OLIVEIRA, 2009, p.57).

Portanto, o corpo juntamente a roupa se estabelece em um jogo de aparências onde a busca do parecer ser situado em uma dada sociedade, com o corpo vestido para si mesmo e, principalmente, para os outros torna-se quase como um valor cultural.

Segundo Castilho (2009), ao ser vestido por um corpo, a roupa passa a fazer parte dos recursos de “manipulação empregado pelo sujeito que o veste, pois, além de marcar a presença de tal sujeito, já direciona um certo tipo de comportamento dos ‘outros’, e do próprio sujeito em questão” (CASTILHO, 2009, p. 37). Fica evidente que as roupas ao vestirem um corpo, tornando-se um corpo-Moda na construção identitária do sujeito é capaz de performar papéis sociais (OLIVEIRA, 2008).

Em Cidreira (2005, p. 19), o corpo vestido se constitui como uma aparição a fim de conectar o corpo e a roupa em uma unidade de sentido, que está em relação e é circunscrita a cada

cultura. Em vista disso, o corpo vestido atuaria na composição das particularidades das aparições de cada sujeito e também nas relações que são estabelecidas por meio destas unidades de aparição na sociedade. Por isso, podemos pensar no corpo vestido enquanto uma unidade de estilo, uma forma de aparição, mas como um resultado inacabado de investimentos pessoais e sociais, que inserida na dinâmica da cultura, será sempre questionada e reformulada na medida de seus valores.

Para Maria Cláudia Bonadio (2015), o conceito do corpo vestido, aparece como uma forma de abordar diversos temas relacionados à aparição do corpo com a roupa: as formas e motivos de cobertura corporal, a moda, a relação da roupa com indicações de gênero e classes sociais, e sua capacidade de trabalhar com identidades. Essa multirreferencialidade dada por Bonadio mostra a importância social da relação corpo-roupa, especialmente enquanto corpos vestidos na sociedade. Os motivos de cobertura corporal vão além da ideia da necessidade de proteção do corpo e passa a ter outros sentidos e valores sociais.

Segundo Renata Leahy, os desfiles de moda atuariam como uma porta de entrada para as diferentes manifestações e possibilidades corporais. Explorando dessa maneira as possibilidades que os corpos vestidos podem se mostrar através da relação que se estabelece entre o corpo e a roupa, na qual a primeira é responsável por moldar e evidenciar as silhuetas do corpo, com base nas diferentes nuances que são formadas pelos movimentos corporais de cada indivíduo. Como também dos vazamentos corporais que para a autora seriam as experiências e a cultura que cada corpo carrega.

Portanto, pode-se afirmar que a visualidade produzida pelo corpo vestido dependerá da forma com que cada tipo corporal, com sua carga pessoal e cultural impressa nas formas e modos do corpo, vai interagir com a roupa. Essa constatação se confirma na fala de Oliveira onde:

A roupa não veste um suporte vazio, o corpo. Ao contrário, sendo carregado de sentidos na sua malha de orientações, este interage com as direções, formas, cores, cinetismo e materialidades da roupa e atua de variados modos nas suas configurações, tomadas de posições e movimentação. (OLIVEIRA, 2008, p. 93).

Diante disso, fica claro que o corpo pode ser entendido para além de uma estrutura de suporte para a roupa, ou seja, diferentemente de um cabide, ele carrega nas suas diferentes composições e traços sentidos sociais e culturais que juntamente com os materiais e cortes

que a roupa possui irão compor um jogo visual capaz de traduzir e expressar sentimentos, sensações e construir a identidade do indivíduo.

Portanto, a roupa no corpo é capaz de criar diversas visualidades através dos sentidos possíveis, elaborados e difundidos em cada sociedade. Além disso, a roupa é moldada pelo corpo e vice-versa, sendo a primeira capaz de moldar os contornos corporais, imprimindo silhuetas e visualidades diversas, interferindo, ainda, nos modos como o corpo manifesta seus gestos e movimentos. Aliado à roupa, a moda será responsável por conectar o sujeito com as ideias da atualidade sobre a visualidade do corpo e as novidades em modelos de vestimentas da sociedade, fazendo o elo entre os desejos sobre a roupa e os desejos sobre o corpo, na formação da sua aparência e as ideias de beleza valorizadas para uma sociedade.

Que roupa vou usar hoje? Será que vai chover ou vai fazer sol? Essa roupa está adequada? O que será que as pessoas vão achar? Talvez estas sejam algumas das perguntas que você já se fez antes de sair de casa. No momento em que escolhemos aquilo que iremos vestir estamos escolhendo também como iremos nos apresentar e como queremos ser vistos e interpretados. Esse momento de escolher o vestuário que parece como um ritual vem atrelado também com a arrumação dos cabelos, a escolha dos acessórios, dos sapatos e, em alguns casos, a face é adornada pela maquiagem que combina com todo o arranjo e compõe dessa maneira a aparência. É um programa que conta com uma sequência de ações realizadas antes de sair de casa e de aparecer em público, pois, estar apresentável para entrar em cena em nossos compromissos sociais, apesar de parecer fútil, é de extrema importância, uma vez que tem potência para formalizar modos de existência ou, em outras palavras, estilos de vida (CLEMENTE, 2020).

Em vista disso pode-se adicionar também a esse conjunto de pareceres as linguagens do corpo que em conformidade com a roupa articula outras linguagens constitutivas do plano da expressão, como a cinética, os deslocamentos que formam a dinâmica rítmica, a gestualidade com que o corpo vestido exprime em suas falas verbais e ocupa o espaço tridimensional das cenas no ato de assumir poses, posturas e atitudes que constroem o estar do sujeito no social. Logo, o corpo vestido é um corpo que encena através dos seus gestos e movimentos podendo assim se comunicar.

A partir do momento que o corpo se torna presente, não é possível pensá-lo unicamente como matéria da natureza, em que a organicidade decreta totalmente suas possibilidades e sentidos existenciais. Para o filósofo Merleau-Ponty (1999), o corpo tem como papel permitir a existência humana a partir da dimensão da experiência, tendo em vista o contato com determinada cultura, por meio da presença corporal, que cada sujeito recebe e incorpora suas impressões, ao tempo em que age, realizando e inaugurando um modo de vida. Por meio de influências de determinado meio, expressa pelo corpo e sua aparência o seu modo de estar no mundo, aderindo e recompondo os modos da aparição em determinada cultura.

Temos visto, grupos e indivíduos lutando pelo exercício dos seus direitos e por uma sociedade onde as diversidades e as diversas formas de existência sejam respeitadas. Visto que, um dos grandes responsáveis por esse jogo de aparências é a influência da mídia na construção da imagem corporal, o corpo passa a ter uma valorização similar com a da roupa onde ambos se tornam ferramentas capazes de qualificar o sujeito. Em consequência disso, temos visto pessoas cada vez mais jovens se submetendo a tratamentos estéticos invasivos, fazendo dietas restritivas em busca do “corpo perfeito” e vivendo uma vida a fim de mostrar uma felicidade e uma perfeição irreais. Os padrões de beleza exigidos pelas mídias estão afetando a auto imagem dos indivíduos e causando sérios prejuízos à saúde mental. Um exemplo disso é o uso de filtros, recurso utilizado nas redes sociais, que tem como objetivo mascarar o que o indivíduo considera como “imperfeito”, modificando assim sua aparência.

Lábios preenchidos. Cílios volumosos. Pele sem poros. Nariz pontudo. Rosto fino. Acredita-se que estes são alguns dos atributos para se alcançar a beleza ideal buscada por milhares de pessoas que compartilham do mesmo desejo. Recentemente, uma pesquisa feita pelo grupo Girlguiding constatou que um terço das mulheres jovens não publica fotos sem antes usar um filtro que modifique a aparência. Destas, 39% afirmaram que se sentiam infelizes por, na vida real, serem diferentes das imagens projetadas na tela do smartphone.

Diante disso, fica evidente que as redes midiáticas atuam fortemente na construção identitária cuja atuação prescritiva e manipulatória leva ao fortalecimento tanto dos padrões de modos de ser como o de se fazer e estar no social. Em resposta a esta padronização dos corpos, algumas marcas já estão começando a dar espaço e voz para que diversos

tipos de corpos possam se manifestar, ratificando dessa maneira a importância da representatividade nos diversos meios. A exemplo desta atitude podemos citar a LAB Fantasma, empreitada do artista Emicida e seu irmão Evandro Fióti. Na passarela do SPFW - São Paulo Fashion Week em 2016, a marca encerrou o segundo dia de desfiles com uma coleção que trazia influências orientais e africanas apresentadas por um casting diverso. Segundo Emicida “As passarelas do nosso País precisam ser um reflexo do que se vê em nossas calçadas. É muito importante que cores e etnias diferentes sejam vistas em um espaço que discute a beleza e a elegância”. (Santos, 2016).

A apresentação contou com a participação do cantor Seu Jorge que teve sua entrada marcante com um look de moletom e saia plissada, e uma música inédita composta por Emicida como trilha.

Figura 12 - O cantor Seu Jorge no desfile da Laboratório Fantasma



Fonte: <https://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2016/10/lab-injeta-representatividade-na-passarela-do-spfw.html>. Acesso em: 16 nov. 2021.

A narrativa da LAB partiu da história de Yasuke, um samurai negro que rompeu paradigmas no século XVI. "É algo similar ao que queremos fazer com este desfile. Ao lado disso, unimos a reflexão sobre o entendimento, geralmente tão raso, das contribuições da cultura da África para o mundo", detalhou Fióti sobre o tema. "Queremos ressignificar conceitos através das roupas, sugerir um novo olhar. Quando essa mudança te toca, todo seu universo é contaminado e você passa a observar as coisas de maneira diferente. Se permite perguntar 'por que não?'".

O desfile da LAB não só deu visibilidade aos corpos negros como também corpos gordos. Levando para a passarela uma grade ampla de tamanhos que atende até o G5, dialogando

assim com diferentes parcelas do espectro de consumidores de moda. Segundo Evandro Fióti, as modelagens de influência oriental foram de grande importância uma vez que estas atendem uma gama maior de corpos.

Figura 13 – Coleção do Laboratório Fantasma no SPFW que mistura Japão e África



Fonte: <https://www.lilianpacce.com.br/desfile/lab-outubro-de-2016/>. Acesso em: 15 dez. 2021.

Ainda nesse contexto de exibição de corpos diversos, Ronaldo Fraga, na sua coleção de primavera- verão 2017/18 trouxe para o Parque do Ibirapuera em São Paulo peças inspiradas nos anos 20. Em parceria com a estilista Silvia Schaefer, dona de uma marca de

grife de beachwear, Ronaldo apostou em biquínis e maiôs com um estilo retrô. Para isso, ele contou com a participação de pessoas com diferentes faixas etárias, modelos com pernas biônicas, gordas, barbudos, tatuados, entre outros.

Outra marca que apostou em um desfile com mais diversidade foi a Chromat, na Semana de Moda de Nova York. Fundada por Becca McCharen-Tran, suas roupas trazem de repertório diversas áreas como arquitetura, moda e tecnologia. Por isso é possível notar em suas produções a tridimensionalidade e a exploração no desempenho dos corpos. O espetáculo contou com pessoas de diversas raças, corpos e idades.

Figura 14 - Modelo Tess Holiday, em seu primeiro desfile, em um vestido de retalhos com a estampa da camiseta Sample Size



Fonte: <https://www.metropoles.com/colunas/ilca-maria-estevao/chromat-comemora-seus-10-anos-de-diversidade-com-desfile-no-nyfw/>. Acesso em: 06 jan. 2022.

Algumas peças foram feitas a partir de materiais reciclados, como por exemplo o nylon das redes de pesca.

Figura 15 - Roupas feitas por Nylon e tecidos recicláveis



Fonte: <https://www.metropoles.com/colunas/ilca-maria-estevao/chromat-comemora-seus-10-anos-de-diversidade-com-desfile-no-nyfw/>. Acesso em: 06 jan. 2022.

As roupas de banho da coleção evidenciam a silhueta feminina através dos detalhes vazados e dos elementos tridimensionais.

Figura 16 - Detalhes tridimensionais que empoderam ainda mais o corpo



Fonte: <https://www.metropoles.com/colunas/ilca-maria-estevao/chromat-comemora-seus-10-anos-de-diversidade-com-desfile-no-nyfw/>. Acesso em: 06 jan. 2022.

Figura 17 - Mulher grávida nas passarelas**Fonte:**

<https://www.metropoles.com/colunas/ilc-a-maria-estevao/chromat-comemora-seus-10-anos-de-diversidade-com-desfile-no-nyfw/>. Acesso em: 06 jan. 2022.

Figura 18 - Mulher desfila com prótese**Fonte:**

<https://www.metropoles.com/colunas/ilc-a-maria-estevao/chromat-comemora-seus-10-anos-de-diversidade-com-desfile-no-nyfw/>. Acesso em: 06 jan. 2022.

Com base no que foi visto, pode-se dizer que embora algumas marcas estejam trabalhando em busca de uma exposição e liberdade de manifestação de diferentes corpos, ainda é possível notar que os corpos com deficiência ainda são minoria. Além disso, fica evidente que as mídias possuem uma parcela de culpa e ainda seguem operando em discordância a esse movimento. Aliás, esta através da construção da aparência é capaz de dar visibilidade a determinados tipos de corpos ao mesmo tempo que inviabiliza outros, produzindo dessa maneira um complexo jogo de visibilidade e invisibilidade que é armado para o corpo vestido desempenhar no social.

Tendo isso em vista e trazendo para a discussão o nosso tema principal, é possível inferir que o corpo deficiente seria um corpo invisibilizado? um corpo que ninguém quer ver? um corpo considerado imperfeito e por conta de suas imperfeições não é digno de ser exposto e valorizado?

Diante dessas interrogações, cabe a nós tentarmos entender o que é um corpo deficiente e porque ele, assim como todos os outros corpos devem e precisam ser vistos e respeitados. Tendo isso em vista, o objetivo desse projeto é pensar em como podemos transformar o preconceito em potência por meio da moda. Para isso, é necessário compreendermos e resgatarmos a existência desses corpos deficientes ao longo da história para que assim possamos não repetir os erros do passado e propor melhorias para o presente e para o futuro.

A existência de pessoas deficientes é marcada por diversas lutas, de um lado o preconceito da sociedade advindo da falta de interesse em buscar informações sobre a causa e do outro um abandono por parte dos governos. Além disso, muito se sabe que embora o culto ao corpo seja uma prática bem presente nos dias atuais, ela data desde a Antiguidade. A busca pelo belo e o fascínio pelo corpo ideal fez com que pessoas com deficiência (PcD) fossem excluídas, abandonadas, exterminadas, exploradas e vivessem em cárcere.

Durante a pré história com o nomadismo - prática realizada pelos povos nômades - pequenos grupos precisavam se deslocar constantemente em busca de recursos para sua sobrevivência, pois estes eram dependentes da caça e da coleta. Por esta razão, pessoas que possuíam alguma dificuldade de deslocamento ou ausência de alguma habilidade eram abandonadas.

Na existência de fator que poderia pôr fim ou causar grave prejuízo à totalidade do grupo ou tribo (por exemplo, uma pessoa enferma, seja por acometimento de doenças, seja por ferimentos em virtude de caça ou guerra), o mesmo deveria ser abandonado ou sacrificado em benefício da manutenção do coletivo (MOISES, 2019, p. 40).

Posteriormente, na Antiguidade, especificamente na Grécia e na Roma Antiga havia por parte da sociedade uma supervalorização do corpo a fim de prepará-lo para as guerras com o objetivo de conquistar territórios e escravos. Neste período, a sociedade em Esparta tinha como crença a eugenia, prática que tem como objetivo melhorar a qualidade genética da população. A fim de justificar a existência desta prática, eles utilizavam a premissa de que as raças humanas consideradas superiores teriam que ser predominantes.

Por este motivo, pessoas que apresentassem qualquer diferença colocando à risca o “ideal” prevalecente na época eram eliminadas, à exemplo disso era o costume espartano de

lançar crianças com deficiência em um precipício. Ademais, a cidade-estado tinha como marca principal o militarismo e para manter o preparo físico necessário para defender o território eles praticavam esportes como a ginástica, a dança, os jogos e as lutas. Como consequência a guerra nos campos de batalha era frequente a mutilação das mãos, dos braços e das pernas que eram feitas de forma bruta e traumática.

Em Atenas, a sociedade era voltada para o intelecto e a contemplação do corpo, pondo as margens as crianças com deficiência. Por conta da não assistência, da marginalização e do desprezo, aqueles com deficiência precisavam continuar a sua luta pela sobrevivência. Dessa maneira, para sua subsistência restavam a estes conseguir dinheiro por meio da caridade, da esmola, da prostituição, de atividades circenses ou de eventos sociais onde eram ridicularizados e usados para o entretenimento da nobreza. Segundo BIANCHETTI (1998 apud PEE, 2006, p.27) “deficientes mentais, em geral tratados como ‘bobos’ eram mantidos nas vilas ou nas propriedades das abastadas patrícias, como protegidos da parte familiar” [...].”

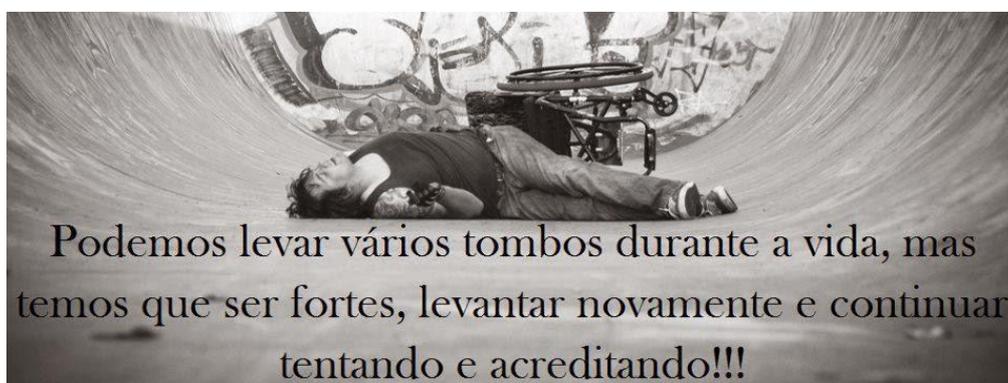
Com o surgimento do Cristianismo, alguns princípios foram instituídos dentre eles a ideia do amor ao próximo, o senso de caridade, humildade, perdão, valorização do simples e compreensão da pobreza. Estes princípios fizeram com que a execução de pessoas se tornasse um ato inaceitável e aqueles que antes eram esquecidos e marginalizados agora encontravam respaldo na igreja.

Nesse sentido, a igreja cristã pautada pelos seus princípios de caridade e amor ao próximo contribuiu em grande parte para a criação de hospitais voltados para o atendimento dos pobres e marginalizados, dentre os quais indivíduos com algum tipo de deficiência. Desta forma, foram criadas instituições de caridade e auxílio em diferentes regiões, como o hospital para pobres e incapazes na cidade de Lyon, construído pelo rei franco Childebert no ano de 542 (Silva, 1987).

Diante disso, é interessante notar que até os dias atuais a assistência dada a pessoas com deficiência ainda é vista como uma ação de caridade e o olhar filantrópico sobre a deficiência ainda permeia a nossa sociedade. Isso se torna um problema uma vez que estes são colocados em um lugar que muitas vezes eles não pediram para estar. São vistos como heróis, como modelo de inspiração e exemplo de superação quando na verdade elas estão

fazendo coisas do cotidiano, ou um hobby ou apenas realizando o trabalho delas. Quantas vezes você já se deparou com essas imagens e textos que só corroboram esse olhar de piedade?

Figura 19 – Homem cadeirante com Síndrome de Down caído no chão



Fonte: <https://desafiaroslimites.blogspot.com/2016/08/frases-sobre-deficiencia.html>. Acesso em: 23 nov. 2021.

Figura 20 – Homem na cadeira de rodas



Fonte: <https://www.instagram.com/jumperequipamentos/>. Acesso em: 23 nov. 2021.

Figura 21 – Pessoas com deficiência no esporte



Fonte: <https://www.instagram.com/jumperequipamentos/>. Acesso em: 23 nov. 2021.

Sim, eu sei, muitas vezes. E estas vêm sempre acompanhadas de uma frase motivacional que desperta sentimentos contraditórios porquê de primeira você pensa “Nossa que pessoa guerreira, que exemplo de superação, que força de vontade” por outro lado vem o alívio de não ser aquela pessoa e o sentimento de que “por pior que seja a minha vida, ela poderia estar pior”. Imagens como estas servem apenas para objetificar as pessoas deficientes tornando-as objetos excepcionais em benefício das pessoas não deficientes. Esse tratamento da publicidade em relação às pessoas com deficiência foi chamado pela comediantes australiana e ativista do direito das pessoas com deficiência, Stella Young, de “inspirational porn”, que significa pornô inspiracional.

Dessa forma, as pessoas com deficiência vão se tornando menos reais e vão sendo desumanizadas, gerando assim um afastamento e uma exclusão.

Em contrapartida na Idade Média a falta de investigações sobre as pessoas com deficiência no campo científico, fez com que o desconhecido e o fanatismo religioso de uma parcela significativa da sociedade considerassem pessoas com deficiência bruxas ou pensassem que estas estariam “endemoniadas”. Por esta razão, a deficiência era considerada um castigo de Deus e estas eram vistas como pecadoras. Por isso, restavam-lhe apenas ficarem segregadas em confinamentos como casas, porões, vales e ilhas.

A partir do século XVIII com as ideias iluministas grande parte dos costumes medievais foram desaparecendo, dando lugar a corrente humanista que consiste na valorização do ser humano e sua condição. Este movimento foi responsável por promover diversas

transformações no âmbito cultural, econômico, político, religioso e científico, surgindo dessa forma as primeiras pesquisas no campo das deficiências, pesquisas estas que contribuíram para comprovar a capacidade destas pessoas em aprender e desenvolver um raciocínio lógico. Apesar deste avanço, verificou-se também a institucionalização das pessoas com deficiências, logo os considerados incapazes para o sistema organizacional social passaram a ser internados em asilos, manicômios e hospícios.

Quanto à educação das pessoas com deficiências, esta era restrita apenas às classes burguesas, não atingindo assim camadas populares, deixando-os carentes de assistência educacional.

Já no cenário brasileiro, temos registros de que a primeira Constituição assegurava em seu artigo 179, inciso XXII “A Instrução primaria, e gratuita a todos os Cidadãos”, no entanto, a cidadania se restringia a homens, excluindo mulheres e escravos, e sobre as pessoas com deficiência, lembra-se apenas no artigo 8º, inciso I, como um dos quesitos para a perda dos direitos de cidadania a “incapacidade física ou moral” (BRASIL, 1824).

Diante disso, foram criadas as primeiras instituições voltadas para a escolarização de pessoas com deficiência, e que hoje são centros de referência em toda a América Latina. São eles: o Instituto de Meninos Cegos, atualmente denominado Instituto Benjamin Constant (IBC), criado em 1854 e oficializado por meio do decreto 1428, pelo imperador Dom Pedro II. E o segundo é o Instituto de Surdos-Mudos, atualmente denominado Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), idealizado através dos esforços do professor francês surdo Edgar Houet. Como dito anteriormente, até o surgimento destas instituições as pessoas com deficiência procuravam auxílio por meio de médicos ou asilos de caridade distribuídos pela corte e em algumas províncias de maior desenvolvimento. O IBC e INES tiveram grandes contribuições para o surgimento de outras instituições em um país onde a educação ainda era restrita.

Apesar desses centros já serem um começo para o acesso das pessoas com deficiência à educação, é necessário pontuar que essa iniciativa também tinha um interesse em torná-los produtivos e subsistentes, já que o modelo econômico capitalista já se apresentava forte. Por isso as disciplinas que compunham a estrutura didática destas instituições eram as práticas manuais como encadernação, conserto de pianos e confecção de vassouras.

Isso explica o que vemos ainda nos dias atuais, trabalhos menos favorecidos sendo ofertados para PcD.

Por volta de 1914 e 1918, o mundo enfrenta a Primeira Guerra Mundial, acontecimento esse que afetou todo o mundo e conseqüentemente seus efeitos foram sentidos em escala global. Grande parte dos soldados que retornaram para os seus países, apresentaram sequelas de combate que parte resultava em uma perda de alguma habilidade e a outra na mutilação de um membro, tornando-os dessa maneira pessoas com deficiência. Isso fez com que o poder público tomasse decisões e providências na esfera médica, assistencial e informativa.

Com a industrialização brasileira, na primeira metade da década de 1930, houve um aumento acelerado no contingente populacional, sendo necessário assim maior investimento em hospitais. Com a modernização na produção brasileira e o contato da população com as máquinas da época, houve milhares de acidentes que causaram deficiências e a morte de operários.

Por esse motivo, a classe operária se uniu a outros movimentos sociais em busca dos seus direitos, sendo eles: melhores salários, melhores condições de trabalho e acesso à escolarização. Em 1934 a Constituição fixa direitos trabalhistas e permite o voto feminino; em paralelo a isso o entendimento sobre o direito e a capacidade da educação da pessoa com deficiência amplia-se.

Apesar disso, nesse mesmo período surge o movimento higienista baseado em conceitos médicos que defendia uma educação eugênica² para a formação de uma nação forte e saudável, e no âmbito escolar, o escolavismo propõe uma educação laica e gratuita,

² A eugenia é a seleção dos seres humanos com base em suas características hereditárias com objetivo de melhorar as gerações futuras. O termo foi criado pelo cientista inglês Francis Galton (1822 - 1911), em 1883. A palavra eugenia deriva do grego e significa "bom em sua origem ou bem nascido". A eugenia defende que raças superiores e de melhores estirpes conseguem prevalecer de maneira mais adequada ao ambiente. Com isso, busca-se aplicar a teoria da seleção natural de Charles Darwin (1809 - 1882) à espécie humana. (fonte: <https://www.todamateria.com.br/eugenia/> .

expressa no documento Manifestos dos Pioneiros da Educação em 1932. Considerando-se essas ações, é possível notar que há uma contradição, uma vez que, ao passo que eles propõem uma educação pública para a inserção de pessoas até então excluídas, a educação eugênica prega a seleção dos seres humanos com base nas suas características hereditárias, prevalecendo as raças superiores. Dessa forma, é inegável que há uma exclusão e marginalização daqueles que são considerados inferiores, dentre estes as pessoas com deficiência.

Em seguida, é instaurado o Estado Novo, e juntamente a esta nova fase o IBC é fechado para reforma e não se sabe as medidas que foram tomadas com aqueles que estudavam na organização. Nesse período, não se tem registros de nenhuma ação voltada para PcD.

Adiante, com a Segunda Guerra Mundial, com os países destruídos e a morte de milhares de pessoas, as nações se uniram, a fim de refletirem sobre o acontecimento e assim se ajudarem. Desta reunião criou-se a Organização das Nações Unidas (ONU).

(...) resolvidos a preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra, que por duas vezes, no espaço da nossa vida, trouxe sofrimentos indizíveis à humanidade, e a reafirmar a fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor do ser humano, na igualdade de direito dos homens e das mulheres, (...). (ONU, 1945).

Este documento estabeleceu que todas as pessoas devem ter seus direitos respeitados, inclusive as minorias, pois perante a lei somos todos iguais. Na Constituição de 1946, que sucedeu a criação da ONU, ficou determinada a educação com um direito assegurado a todos. No entanto, baseado nos preceitos da ciência moderna e do pensamento liberal, Helena Antipoff³ trouxe para o Brasil o conceito de classes especiais, que se baseia no nivelamento das capacidades intelectuais dos estudantes, julgando o que seria “normal” e “anormal”. Esta atitude serve apenas como uma ação que corrobora a exclusão, o

³ **Helena Wladimirna Antipoff**, mais conhecida como **Helena Antipoff** (Grodno, 25 de Março de 1892 — Ibirité, 9 de Agosto de 1974) foi uma psicóloga e pedagoga russa que depois de obter formação universitária na Rússia, Paris e Genebra, se fixou no Brasil a partir de 1929, a convite do governo do estado de Minas Gerais, no contexto da operacionalização da reforma de ensino conhecida como Reforma Francisco Campos-Mário Casassanta. Grande pesquisadora e educadora da criança com deficiência, Helena Antipoff foi pioneira na introdução da educação especial no Brasil, onde fundou a primeira Sociedade Pestalozzi, iniciando o movimento pestalozziano brasileiro, que conta, atualmente, com cerca de 100 instituições. Seu trabalho no Brasil é continuado pela Fundação Helena Antipoff. (fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Helena_Antipoff/. Acesso em: 5 jan. 2022)

preconceito e alimenta a ideia capacitista tão presente em nossa sociedade nos dias atuais. Mas para frente abordaremos com mais detalhes esse preconceito que se traduz no capacitismo.

Ao longo da década de 1950 os discursos e debates sobre o direito de aprender das pessoas com deficiência ganharam força por meio de fóruns, encontros de especialistas e campanhas. Em 1957 houve a campanha nacional de educação do surdo, e nesse mesmo período no Rio de Janeiro, foi fundada a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE)⁴. Mais tarde durante os anos sessenta, ocorre a campanha nacional das pessoas com deficiência mental e também o Brasil passa pela ditadura militar, onde pessoas foram torturadas, mortas e exiladas. Diante do respaldo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, Lei nº 4.024/61, que aponta o direito dos “excepcionais”⁵ à educação, preferencialmente dentro do sistema geral de ensino, em 1973, surgiu o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP) que tem por finalidade promover a Educação “Especial”⁶ no período pré-escolar, nos ensinos de 1º e 2º graus, superior e supletivo, para os deficientes da visão, da audição, mentais, físicos portadores de deficiência múltiplas, educandos com problemas de conduta e os superdotados, visando à sua participação progressiva na comunidade, obedecendo aos princípios doutrinários, políticos e científicos que orientam a Educação Especial.

Com o fim da ditadura e a volta do sistema democrático, intelectuais irão avançar nas pesquisas em diversas áreas como na educação, na medicina e também em questões políticas e sociais. Desde então tivemos diversas outras ações para a inclusão de pessoas com deficiência. Como por exemplo, o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência,

⁴ A Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) nasceu em 1954, no Rio de Janeiro. Caracteriza-se por ser uma organização social, cujo objetivo principal é promover atenção integral à pessoa com deficiência intelectual e múltipla. A rede APAE destaca-se por seu pioneirismo e capilaridade, estando presente em mais de 2 mil municípios em todo território nacional. (fonte: <https://www.apae.com.br/> . Acesso em: 5 jan. 2022)

⁵ A palavra excepcional nesse contexto é utilizada de maneira equivocada, pois aponta para as diferenças e as deficiências como algo considerado fora do “normal” ou que foge do “padrão”

⁶ Mais uma vez surge um termo a fim de colocar a deficiência como uma excentricidade, que deve ser vista e colocada a parte da vida em sociedade. Na minha concepção ao colocar essa palavra nesse contexto parece que pessoas com deficiência devem ser isoladas e guardadas em um outro lugar.

comemorado em 3 de Dezembro e promovido pelas Nações Unidas desde 1992, possui o intuito de promover uma maior compreensão dos assuntos concernentes à deficiência e mobilizar a defesa da dignidade, dos direitos e o bem estar das pessoas. Procura também aumentar a consciência dos benefícios trazidos pela inclusão das pessoas com deficiência em cada aspecto da vida política, social, econômica e cultural. Outro exemplo foi o Estatuto da Pessoa com Deficiência, Lei Brasileira de Inclusão (Lei 13.146/2015), sancionada no mês de julho de 2015, prevê o direito a igualdade de oportunidades e a proibição de qualquer tipo de discriminação.

Portanto, após analisar toda a trajetória do corpo deficiente é possível notar que a história destes é marcada por uma sequência de rejeição, abandono e tentativas de eliminação. Tratados por muitas vezes como aberrações e vistos sempre como um problema que deveria ser eliminado. Apesar de algumas ações e leis buscarem uma maior igualdade, mais oportunidades e visibilidade às pessoas com deficiência, pergunto-me porque ainda enxergamos o diferente com estranheza e afastamento? Por que ao propormos a inclusão, geramos a exclusão? E por que grande parte da oratória de inclusão fica apenas no discurso?

A verdade é que conforme foi apresentado, o olhar capacitista sobre o PcD já data de um longo período. E esse olhar funciona como um véu que tapa nossos olhos diante das diversas possibilidades e habilidades que uma pessoa com deficiência tem, fazendo com que ela passe a não ser mais vista. Restando apenas o preconceito.

A lógica do pensamento capacitista se coloca em um lugar de superioridade, onde as pessoas com deficiência são inferiores às sem deficiência. Estas são consideradas inválidas e não aptas. Todavia, quem define o que é ou não perfeito e quem é ou não aceito? Infelizmente, perante um olhar pequeno, o PcD é visto como uma pessoa que deveria ser consertada, mas a verdade é que a perda de alguma habilidade não significa uma doença ou um problema e sim uma característica humana ou condição natural. Resumir a existência de uma pessoa com deficiência é perder todo o potencial que ela tem a oferecer.

É necessário entendermos que a deficiência é como ser alto ou baixo, gordo ou magro, essas características fazem parte de um indivíduo, mas não a definem. Posto isso, é preciso enfrentar nossos preconceitos e repensarmos todas as nossas atitudes frente à deficiência.

II.5: O Design como ferramenta de Inclusão no Brasil

O termo “design”, apropriado da língua inglesa, vem do latim que evoca o verbo designare, que na língua portuguesa possui o sentido de desígnio (intenção) e de desenho (configuração). Pode-se entender o design como o ato de conceber/ projetar juntamente com a ação de registrar/ configurar. Logo, significa planejar e dar forma. Através do Design é possível gerar inovação, propor melhorias em alguns serviços/ produtos e solucionar problemas existentes. Para que isso aconteça é preciso entender as reais necessidades do interlocutor a fim de promover uma interação saudável entre interlocutor e serviço/produto/ambiente.

Posto isso, para este projeto é necessário analisarmos como o Design pode contribuir com projetos mais inclusivos e porque apesar das diversas vertentes como Design for All, Design Inclusivo e Design Universal ainda são poucos os projetos no Brasil pensados para alcançar o maior número possível de pessoas.

Para falarmos sobre inclusão, necessariamente precisamos falar sobre educação. Tendo isso em vista, é necessário que tenhamos uma educação inclusiva que seja capaz de compreender as características de cada indivíduo a fim de promover a diversidade, o sentimento empático e a exploração das diversas formas de ser/estar/fazer. Trazendo esse tema para o ambiente universitário e dentro da minha própria percepção, pude notar que embora haja projetos voltados para inclusão, este ainda é um campo pouco explorado nas disciplinas de projeto. Uma vez que o ensino no curso de Design se a tem em sua maioria a metodologia e a teoria. Em consequência disso, há um desconhecimento por parte dos designers quanto à prática dessa abordagem nos seus projetos profissionais. E se de alguma forma este produto for realizado, ele esbarra em um problema que é um mercado resistente a sua concepção. É nesse sentido que entra a educação como principal veículo de informação, pois no nosso sistema capitalista as pessoas com deficiência não são vistas como consumidoras em potencial, sequer são vistas.

Logo, para que avancemos em serviços/produtos e ambientes inclusivos é imprescindível que haja uma mudança na cadeia educacional para que pessoas e empresas entendam sobre o capacitismo e suas consequências, quem são essas pessoas com deficiência e quais suas reais necessidades e dificuldades. Ademais, e não menos importante é necessário que haja também a participação do Estado no que tange aos investimentos nesse setor. Dessa forma, universidades juntamente com as empresas e as políticas públicas são capazes de fazer com que todos se sintam representados e pertencentes.

No entanto, afirmo que, pensar em inclusão é pensar em inovação, pois o diferente nos faz sair da zona de conforto e expandir o nosso olhar para pensar em soluções que podem ser aplicadas em diversos campos. Portanto, o que nos faz pensar que os produtos inclusivos também não seriam benéficos a pessoas sem deficiência? Se analisarmos a moda inclusiva, pode-se notar que ela se preocupa em como proporcionar conforto, em como não machucar o nosso corpo, dessa maneira ela também se torna necessária para nós. Afinal quem não quer se sentir confortável?

Levando em consideração uma outra questão comum na indústria da moda é que as modelagens são construídas pensadas para os corpos que ficam em pé, apesar das pessoas passarem a maior parte do seu tempo trabalhando na posição sentada, principalmente com a pandemia e o modelo de Home Office. Deste modo, a lógica inclusiva se apresenta como um leque de possibilidades e oportunidades que podem ser aplicadas para todos sem distinção.

II.6: Levantamento de Similares

Nessa análise foi feito um levantamento das marcas que trabalham no ramo de moda inclusiva, para que possamos ter um melhor entendimento do que pode ser encontrado no mercado, buscando assim novas oportunidades, inovação e pontos de melhoria.

II.6.1: Tommy Hilfiger

Em 2016, a Tommy Hilfiger lançou sua primeira linha inclusiva. Esta iniciativa teve seu início a partir da parceria com a ONG Runway of Dreams para criar uma linha de roupas mais

inclusiva para crianças com deficiências físicas. No entanto, o sucesso e a receptividade foram tão grandes que a coleção recebeu um selo de marca inclusiva e ainda expandiu o projeto com a criação de uma coleção voltada também para adultos. A marca tem como propósito poder fornecer a todas as pessoas com deficiência física mais opções de vestuário. De acordo com a empresa "A missão da Tommy Adaptive é ser inclusiva e capacitar pessoas com todas as habilidades para se expressarem por meio da moda" (TOMMY HILFIGER, 2016).

Figura 22 - Pessoas com deficiência vestindo roupas adaptadas



Fonte: <https://br.tommy.com/>. Acesso em 29 nov. 2021.

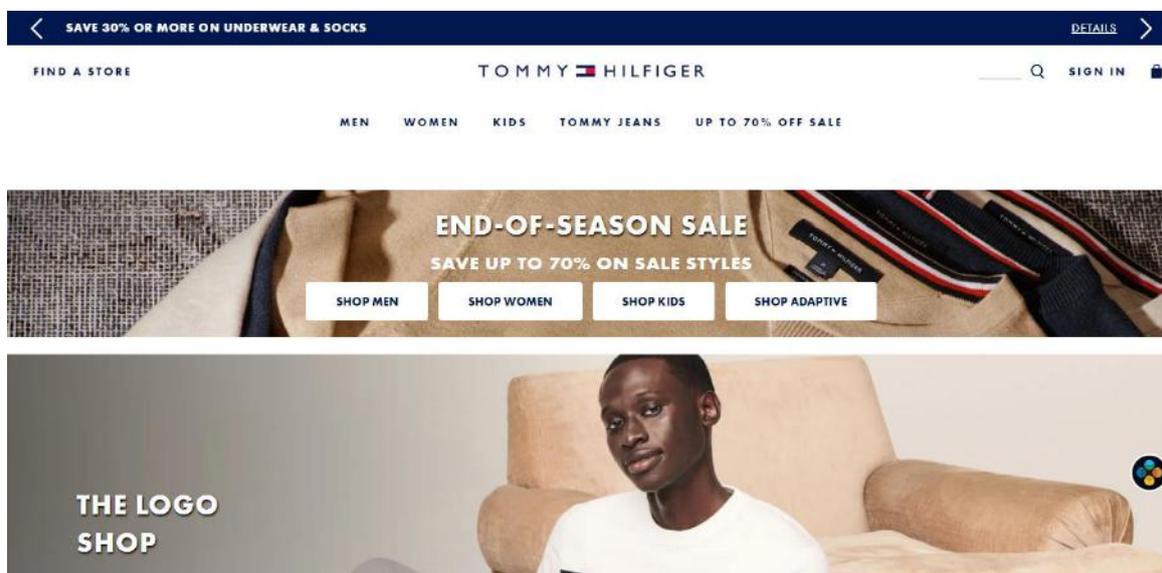
No entanto, a partir de uma análise comparativa entre o site brasileiro e o site americano da Tommy foi possível observar que embora a marca afirme investir pesado na moda adaptada e expandir seu sucesso comercial para todo o mundo, não é possível encontrar na página brasileira sua linha adapte para vender. Em contrapartida no site americano a linha aparece em destaque. Outro ponto interessante é que a grife trata todo o mundo nos seguintes territórios: Europa, Austrália e Japão. Onde entra a América Latina e a África? Afinal, nesses continentes também temos pessoas que precisam se vestir, seja ela com alguma deficiência ou não.

Figura 23 - Site da Tommy Hilfiger no Brasil sem a linha Adapte



Fonte: <https://br.tommy.com/>. Acesso em 29 nov. 2021.

Figura 24 - Site da Tommy Hilfiger nos Estados Unidos



Fonte: <https://usa.tommy.com/en/>. Acesso em 29 nov. 2021.

Segundo a marca, sua linha de roupas é focada em peças essenciais do dia-a-dia, como camisetas, calças, bermudas, vestidos e jaquetas. Entretanto, é importante salientar que o uso da palavra essencial usada nesse contexto me intriga em dois sentidos. Seria aquilo que não pode faltar no guarda roupa de uma pessoa ou uma roupa considerada básica? Se for a segunda opção, a marca assume que o básico para o PcD basta e essa postura é comum entre as marcas, geralmente elas assumem que a funcionalidade deve se sobrepor à personalidade de quem vai usar e a estética do produto.

A Tommy em seu site diz que apesar da sua funcionalidade no que diz respeito à facilidade de vestir-se, também é levado em consideração a estética e a qualidade das roupas. As peças se tornam acessíveis através de algumas modificações e usos de aviamentos como:

- bainhas ajustáveis
- zíperes que podem ser fechados e abertos com uma mão
- aberturas laterais
- sistemas de fechamento com corda elástica, cintos ajustáveis, botões magnéticos, velcro, dentre outras características.

Figura 25 - Camiseta com sistema de velcro nos ombros



Fonte: <https://inovasocial.com.br/negocio-social/tommy-hilfiger-adaptive/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

Figura 26 - Colete com sistema de zíper para abertura frontal



Fonte: <https://inovasocial.com.br/negocio-social/tommy-hilfiger-adaptive/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

Figura 27 - Calça com sistema de velcro para abertura



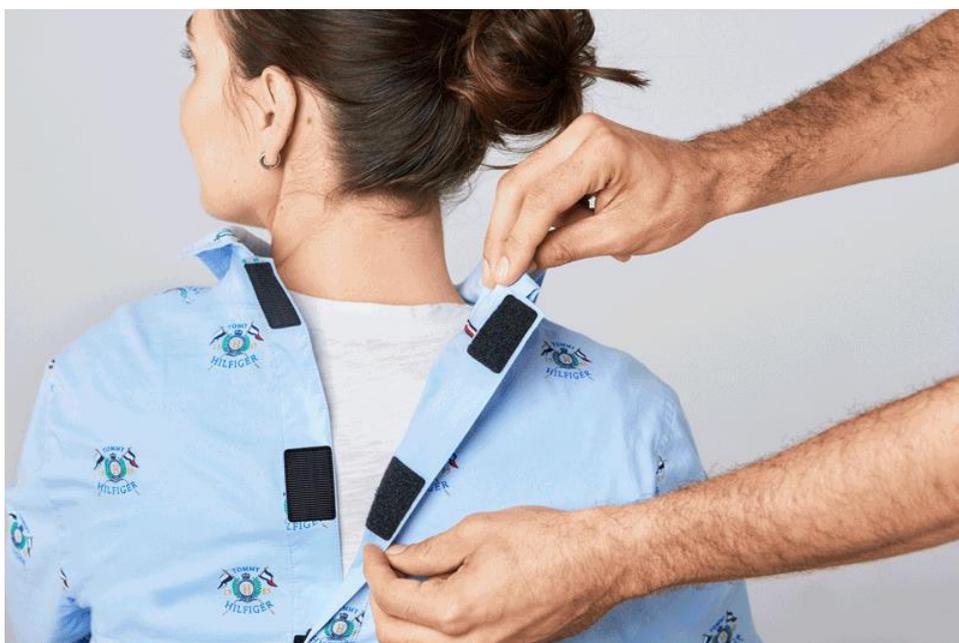
Fonte: <https://inovasocial.com.br/negocio-social/tommy-hilfiger-adaptive/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

Figura 28 - Blusa com sistema de velcro para abertura dos bolsos



Fonte: <https://inovasocial.com.br/negocio-social/tommy-hilfiger-adaptive/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

Figura 29 - Camiseta com sistema de velcro para abertura nas costas



Fonte: <https://vogue.globo.com/Vogue-Negocios/noticia/2021/04/tommy-hilfiger-investe-pesado-na-moda-adaptada-qual-marca-sera-proxima.html>. Acesso em: 29 nov. 2021.

Figura 30 - Calça Jeans com sistema de velcro e botões magnéticos



Fonte: <https://guiaderodas.com/moda-inclusiva/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

Durante todo o processo de desenvolvimento do projeto, a Tommy Hilfiger afirma que contou com o feedback de deficientes físicos a fim de garantir melhorias em relação à linha produzida anteriormente em parceria com a Runway of Dreams. No entanto, durante as pesquisas não ficou claro se eles ainda trabalham em cocriação com pessoas com deficiência, o que pode ser um problema uma vez que estes são os principais agentes.

II.6.2: Target – Coleção para sua marca infantil Cat & Jack

A história da Target no mercado de moda acessível começou em 2017. Quando a designer de produto da marca, Stancey Monsen, se deparou com a ausência de roupas inclusivas e a necessidade de adaptar as roupas de sua filha, Elinor, que se enquadra no espectro do autismo. Comportamento esse que identifiquei comum durante o meu estudo. Grande parte das pessoas começam a olhar para esse público a partir da sua própria experiência e contato com um PcD, se veem na necessidade de adaptar-se e por isso se motivam a criar algo.

Elinor possui habilidades motoras finas limitadas e não é treinada para usar o penico, então Monsen precisa de roupas que cubram uma fralda volumosa e de fácil acesso.

Com base no seu relato, as leggings eram muito longas para o corpo de Elinor de 8 anos de idade e na maioria das vezes as calças não tinham espaço suficiente na cintura para acomodar as fraldas que ela ainda usava. Além disso, as roupas não possuíam personalidade e estilo. Então Monsen começou a fazer as próprias vestimentas de Elinor e com isso pensou em lançar sua própria linha de roupas adaptáveis para crianças com deficiência. Mas ela percebeu rapidamente que os preços que teria de cobrar seriam mais altos do que ela gostaria, especialmente para famílias que já lutam com muitos custos médicos. Então, ela recorreu a seu empregador, a Target, de Minneapolis.

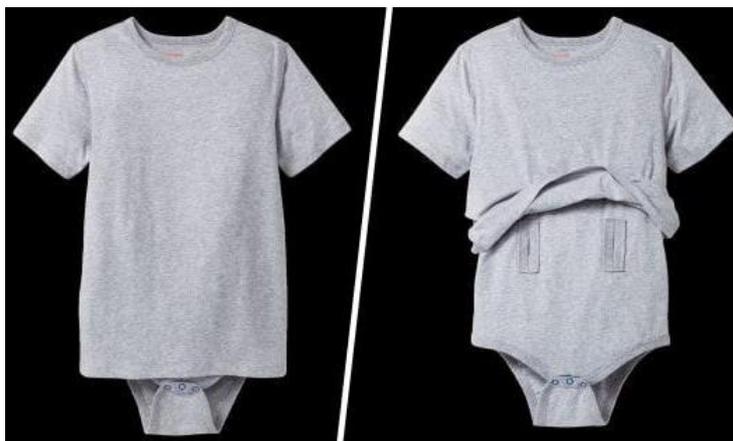
De acordo com Stancey, *“Eu acabei de perceber que uma plataforma incrível seria, onde poderíamos pegar pedaços que já existem na linha principal da Target e apenas alterá-los ligeiramente para que as adaptações fiquem invisíveis”* (STANCEY MONSEN, 2017).

Logo, nasceu a primeira linha infantil de moda inclusiva da Target, que se juntou à marca infantil já existente Cat & Jack, cujas peças foram desenvolvidas para crianças neuro diversas e com dificuldades de mobilidade, com tecidos que não causam desconforto e são fáceis de serem vestidas.

Em entrevista ao Today Parents⁷, Stacey afirmou que fazer peças funcionais era essencial - mas Monsen e a equipe queriam que as roupas fossem legais também. “Não se trata apenas de tornar a rotina de se vestir mais fácil para as crianças. É também oferecer opções de roupas que estão na moda e que sejam capazes de expressar a personalidade do seu filho e ainda atender às suas necessidades”, disse ela.

⁷ Site informativo cujo objetivo é informar pais e mães sobre diversos assuntos relacionados à disciplina, saúde, comportamento, educação, além de receitas fáceis e nutritivas.

Figura 31 - Macacão com abertura oculta para acesso abdominal



Fonte: <https://www.today.com/parents/target-launches-adaptive-clothing-special-needs-children-t117779/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

Este macacão foi desenvolvido com

- uma abertura oculta para acesso abdominal, possibilitando o fácil acesso às fraldas
- sem etiquetas, costuras internas ou materiais ásperos por conta de crianças com sensibilidades de processamento sensorial e autismo

Além disso, a equipe também desenhou roupas adaptadas para cadeiras de rodas e se preocupou para que não tivesse nada pendurado, evitando assim que tecidos fiquem presos na cadeira de rodas.

Figura 32 - Moletom de lã de mangas compridas sem etiquetas e costuras



Fonte: <https://www.today.com/parents/target-launches-adaptive-clothing-special-needs-children-t117779/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

Figura 33 - Moletom de lã de mangas compridas sem etiquetas e costuras



Fonte: <https://www.today.com/parents/target-launches-adaptive-clothing-special-needs-children-t117779/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

Este casaco é adequado para o uso em cadeiras de rodas, por isso possui:

- aberturas laterais
- mangas com fecho de correr, tornando mais fácil o vestir e o despir

Figura 34 - Calça legging com cós alto, costura plana e sem etiquetas



Fonte: <https://www.today.com/parents/target-launches-adaptive-clothing-special-needs-children-t117779/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

Após esse lançamento, a Target lançou também uma linha inclusiva voltada para adultos. E em 2019 a marca criou uma linha inclusiva de quatro fantasias infantis para o Halloween. Tendo isso em vista, os novos trajes trazem dois modelos de cadeira de rodas: uma princesa e um pirata. Além de oferecer roupas fáceis de colocar e tirar para os usuários de cadeira de rodas, essas roupas também incluem acessórios especiais que, usando fechos de gancho e laço, podem facilmente transformar a cadeira de rodas de uma criança em uma carruagem encantadora ou em um pirata pronto para uma aventura no navio.

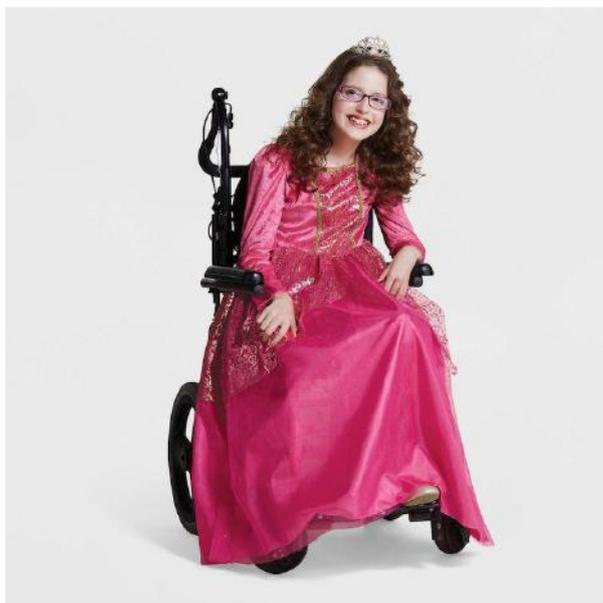
De acordo com a marca, o objetivo desta campanha é fazer com que todos tenham a oportunidade de comemorar uma data que é tão festejada.

Figura 35 - Cadeira de rodas que se transforma em uma carruagem



Fonte: <https://paisefilhos.uol.com.br/crianca/de-princesa-a-pirata-loja-cria-fantasias-inclusivas-para-criancas-com-diferentes-tipos-de-deficiencia/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

Figura 36 - Fantasia de princesa adaptada



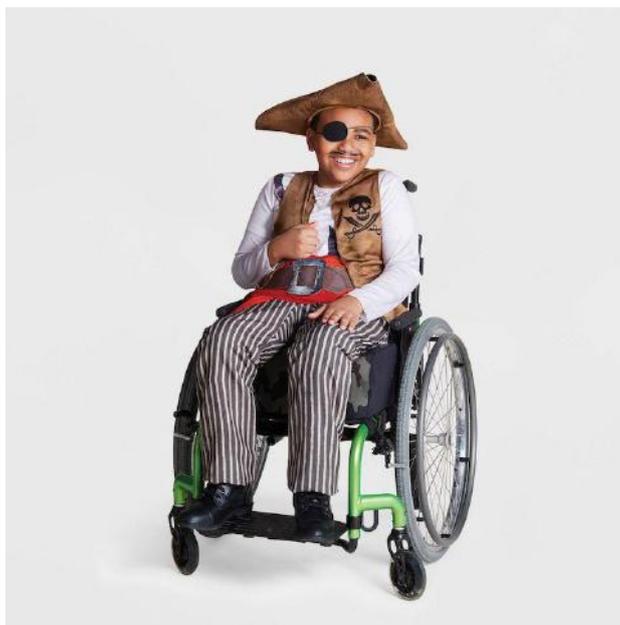
Fonte: MET, My Modern. **Loja lança linha inclusiva de fantasias de Halloween para crianças com deficiência.** Disponível em: <http://tendencee.com.br/2019/10/loja-lanca-linha-inclusiva-de-fantasias-de-halloween-para-criancas-com-deficiencia/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

Figura 37 - Cadeira de rodas que se transforma em um barco pirata



Fonte: MET, My Modern. **Loja lança linha inclusiva de fantasias de Halloween para crianças com deficiência.** Disponível em: <http://tendencee.com.br/2019/10/loja-lanca-linha-inclusiva-de-fantasias-de-halloween-para-criancas-com-deficiencia/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

Figura 38 - Fantasia de pirata adaptada



Fonte: MET, My Modern. **Loja lança linha inclusiva de fantasias de Halloween para crianças com deficiência.** Disponível em: <http://tendencee.com.br/2019/10/loja-lanca-linha-inclusiva-de-fantasias-de-halloween-para-criancas-com-deficiencia/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

Tanto a capa da carruagem quanto a do navio são adaptáveis para os diversos tamanhos de cadeira de rodas. A fantasia do pirata possui abertura na parte de trás para facilitar o acesso e a boca da calça é larga para possibilitar que ela seja colocada já com os sapatos no pé.

Ademais, é válido ressaltar a importância da inserção da cadeira de rodas na brincadeira, dado que é um objeto carregado de sentido e significados diante do olhar preconceituoso da sociedade. Sendo assim é possível transformar um acessório que se encontra tão presente na vida do cadeirante em algo lúdico podendo se transformar em uma carruagem ou um navio pirata.

A Target lançou juntamente a esta campanha uma linha de trajes inclusivos para crianças com sensibilidades sensoriais especiais. Os trajes se apresentam na forma de unicórnio e tubarão. Possuem costuras planas e não trazem etiquetas.

Figura 39 - Fantasia de tubarão adaptada

Fonte: <https://paisefilhos.uol.com.br/crianca/de-princesa-a-pirata-loja-cria-fantasia-inclusivas-para-criancas-com-diferentes-tipos-de-deficiencia/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

Figura 40 - Fantasia de unicórnio adaptada

Fonte: <https://paisefilhos.uol.com.br/crianca/de-princesa-a-pirata-loja-cria-fantasia-inclusivas-para-criancas-com-diferentes-tipos-de-deficiencia/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

Na Target do Brasil também não foi possível encontrar essa coleção de Halloween tão pouco a sua linha de roupas inclusivas.

II.6.3: IZ Adaptive

Criada pela renomada estilista canadense Izzy Camilleri, a marca nasceu tendo como influência sua primeira experiência em 2004 com roupas acessíveis, onde ela realizou um trabalho personalizado para cadeirantes. Isso a fez enxergar a ausência e a grande demanda de roupas inclusivas no mercado. Com isso, ela se dedicou ao desenvolvimento de uma grife que é totalmente adequada às necessidades dos usuários de cadeiras de rodas, mas também para pessoas que vivem com dificuldade de locomoção.

Conforme a missão da marca, a IZ Adaptive traz roupas bonitas e bem ajustadas que são acessíveis a todos. Se autointitulam como uma marca que oferece peças modernas, atemporais e funcionais. Além disso, possuem uma modelagem especial, de modo a

respeitem as particularidades anatômicas dos corpos que ficam constantemente sentados, o que promove maior elegância e caimento.

Ao longo da minha análise com essa marca e com as demais, pude notar a presença de alguns termos como bonitas, atemporais, elegantes, marcantes, icônicas. Estes diante da minha concepção servem como recursos utilizados pelas marcas como forma de chamar a atenção do consumidor e o seduzir a comprar aquele produto.

Ao observar as imagens da IZ Adaptive fui provocada a refletir sobre o que seria bonito e elegante. Seria o uso de cores mais sóbrias? Tudo cinza? Tudo preto? Não dá para ser bonito e elegante usando cores e estampas? E roupas atemporais de fato existem? Posto que é tão comum olharmos para um estilo e logo identificarmos sua época e seu contexto.

Portanto, fica evidente que é uma prática comum das empresas, principalmente a de moda, a utilização de termos mercadológicos que nos induzem a acreditar que aquele produto é o melhor que se pode ter, não desenvolvendo assim um senso crítico sobre ele.

Figura 41- Calça Legging Seamless Technology



Fonte: https://izadaptive.com/products/game-changer-seamless-back-leggings?_pos=2&_sid=06d0160be&_ss=r/. Acesso em: 30 nov. 2021.

Figura 42 - Cós alto possibilitando maior conforto



Fonte: https://izadaptive.com/products/game-changer-seamless-back-leggings?_pos=2&_sid=06d0160be&_ss=r/. Acesso em: 30 nov. 2021.

Esta calça possui Tecnologia Seamless que se baseia na roupa sem costura proporcionando assim maior conforto, principalmente na parte traseira onde normalmente encontra-se bolsos. Podemos destacar as principais características dessa legging como:

- Projeto traseiro uniforme com IZ Seamless Technology™;
- Fácil de vestir;
- Corte para um ajuste natural sentado;
- Cós totalmente elástico;
- Abas de puxar;
- Costura interna de 31,5 "- pode esticar mais quando usada;
- Composição - 80% poliéster, 20% spandex.

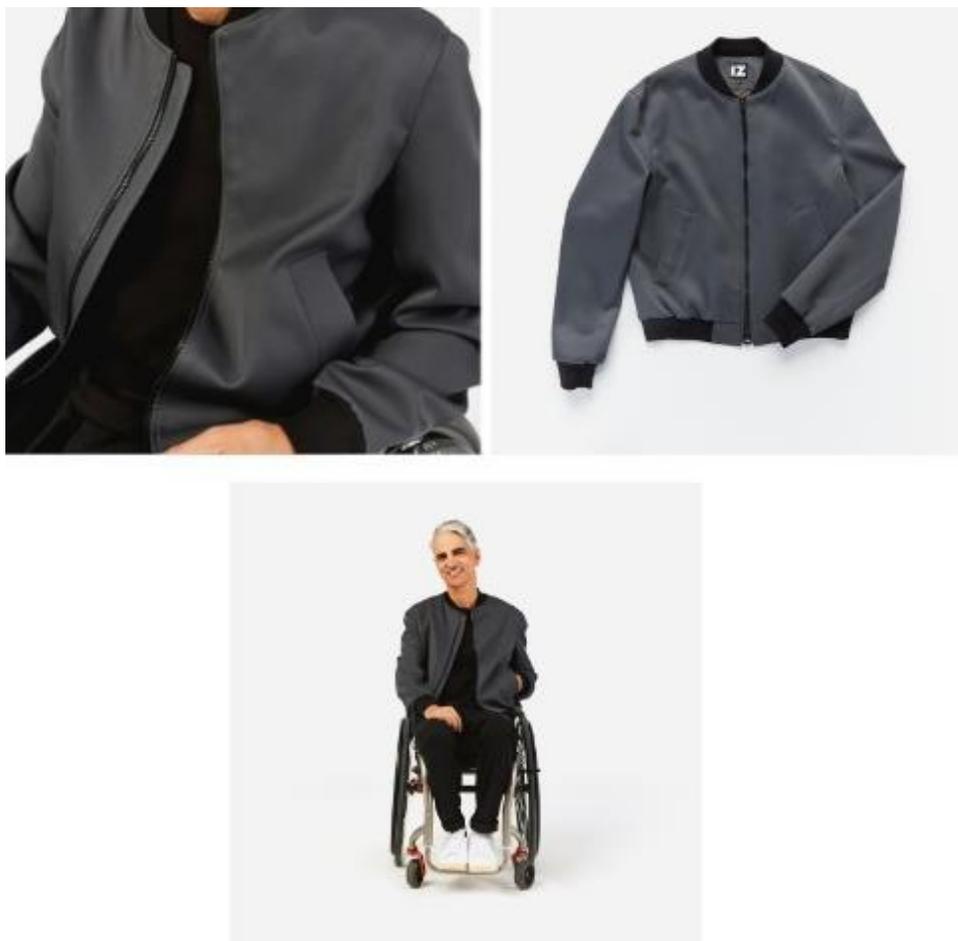
Figura 43 - Camisa Jeans clássica com fecho magnético



Fonte: <https://izadaptive.com/collections/tops-women/products/classic-denim-shirt-with-magnetic-closures?variant=32117908635759/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

- Fechos magnéticos na frente e punhos;
- Ajuste relaxado;
- Fácil de vestir;
- Composição - 97% algodão, 3% elastano.

Figura 44 - Jaqueta Camilleri Spring Bomber com Zíper Magnético



Fonte: <https://izadaptive.com/collections/jackets-coats-men/products/mens-wheelchair-bomber-jacket-with-magnetic-zipper-pull/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

Segundo a descrição da marca, esta Bomber utiliza um tecido mais leve ao invés do couro a fim de evitar causar qualquer irritação, promover camadas mais fáceis e um ajuste mais confortável. A aplicação do zíper magnético possibilita um melhor manuseio e independência na hora de vestir-se e os punhos elásticos mantêm o tecido da jaqueta longe das rodas.

- Zíper com puxador magnético;
- Fácil de vestir;
- Linha com forro de cetim preto;
- Ajuste relaxado;
- Tecido é repelente de água;
- Punhos elásticos;

- Composição - Camada externa: 100% poliéster / Forro: 97% poliéster, 3% spandex.

Figura 45 - Seated Dress Pant



Fonte: https://izadaptive.com/products/seated-dress-pant-1?_pos=1&_sid=d3cdcbba2&_ss=r/. Acesso em: 30 nov. 2021.

A Seated Dress Pant possui um corte especial que possibilita manter a silhueta marcante, icônica e elegante⁸ para aquele que se encontra na posição sentada.

⁸ Novamente a presença de termos mercadológicos

Figura 46 - Homem vestindo a Seated Dress Pant



Fonte: https://izadaptive.com/products/seated-dress-pant-1?_pos=1&_sid=d3cdcbba2&_ss=r/. Acesso em: 30 nov. 2021.

- Tecido tem elasticidade;
- Fácil de vestir;
- 34 "costura interna;
- Cintura com elástico nas costas;
- Corte para um ajuste natural sentado;
- Presilhas de cinto;
- Fecho de gancho e barra na cintura;
- Mosca frontal estendida para melhor acesso;
- Dois bolsos frontais com zíperes;
- Sem bolsos traseiros;
- Composição - 72% poliéster, 22% rayon, 6% spandex.

Figura 47 - Seated Parka

Fonte: https://izadaptive.com/products/seated-parka?_pos=1&_sid=ad84d7f5d&_ss=r. Acesso em: 30 nov. 2021.

Figura 48 - Mulher vestindo a Seated Parka

Fonte: https://izadaptive.com/products/seated-parka?_pos=1&_sid=ad84d7f5d&_ss=r. Acesso em: 30 nov. 2021.

Esta parka foi desenvolvida utilizando tecnologia para evitar sobra de tecidos na parte traseira oferecendo assim maior conforto, o comprimento das pernas foi aumentado para

manter as pernas aquecidas tanto quanto os braços, os punhos canelados são resistentes ao frio e as aberturas são feitas através de velcro e zíper para facilitar a abertura.

- Fácil de vestir;
- Enchimento Poli;
- Repelente à água;
- Forro respirável;
- Corte para um ajuste natural;
- Punhos estriados para evitar o frio;
- Zíper frontal com abas e fechamento de velcro;
- Dois bolsos frontais com zíper;
- Dois bolsos no peito;
- Capuz com zíper removível;
- Composição - Shell: 100% Nylon Forro: 100% Poliéster.

Ao final, é possível perceber também que dentre as características da peça a Iz Adaptive destaca em suas peças a facilidade de vestir, no entanto, o que configura uma peça ser fácil ou difícil de vestir? Será que a marca se utilizou de considerações de pessoas com deficiência para chegar a essa conclusão ou julgou o uso de aviamentos necessário para uma peça ser dita como fácil?

II.6.4: Rebirth Garments

As roupas e acessórios da Rebirth são desenhadas e feitas pelas mãos da Sky Cubacub. Ela se identifica como filipinx não-binário gay e deficiente. Sua marca surgiu devido a diversos fatores, como sua ansiedade e transtornos de pânico, bem como um transtorno estomacal ainda não diagnosticado, SOP (Síndrome do Ovário Policístico), depressão, C-PTSD e doenças ambientais.

Aos 21 anos, o problema de estômago de Sky se agravou e parou de funcionar. Diante disso as dores eram fortes e a impossibilitava de usar calças jeans e sem elásticos, o que fez com ela agora buscasse roupas mais confortáveis. Como resultado surgiu a Rebirth Garment com a missão de criar wearables e acessórios não conformes ao gênero para pessoas em todo o espectro de gênero, tamanho e habilidade. A linha cria uma comunidade

onde todas as pessoas podem expressar com confiança sua individualidade e identidade. Sua marca é centrada em pessoas gays e deficientes. Segundo ela⁹, as comunidades trans e deficientes têm necessidades de roupas muito específicas que não são atendidas adequadamente pelos estilistas tradicionais.

Rebirth Garments desafia os padrões de beleza convencionais, adotando um modelo que entende e abraça as diferenças baseando-se na noção de Visibilidade Radical, um movimento baseado na reivindicação dos diferentes corpos, por meio do uso de cores vivas, tecidos exuberantes e designs inovadores, destacando as partes de nós que a sociedade normalmente rejeita. Por meio da Visibilidade Radical, criam um movimento de reforma do vestido QueerCrip.

⁹ Não foi utilizado o pronome neutro nesse contexto a fim de facilitar a leitura do texto, no entanto, entendo a importância do seu uso

Figura 49 - Roupa Cyberpunk



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CT5W95lIxaX/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

Figura 50 - Radical Visibility



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CTypaM0LEhV/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

Figura 51 - Coleção de Hong Kong



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CRXxEmgDvIrl/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

Figura 52 - Performance de Transfat



Fonte: https://www.instagram.com/p/CPmrr_9BZsr/. Acesso em: 30 nov. 2021.

A marca Rebirths como foi visto se assemelha com o que busco neste projeto, pois trabalha a personalidade, a individualidade e a expressividade de cada indivíduo através das roupas. É possível perceber que a funcionalidade apesar de estar ali não é o personagem principal, pois quem rouba a cena é a pessoa que a veste. Ela é quem conta a história.

II.6.5: Equal Moda Inclusiva

Idealizada pela estilista carioca Silvana Louro, a Equal veste pessoas com dificuldades de locomoção, dificuldades de abrir e fechar botões convencionais, que se sentem desconfortáveis com seu vestuário ou as que possuem as articulações enrijecidas.

A ideia da marca surgiu quando a estilista percebeu as dificuldades que os paratletas cariocas enfrentavam para encontrarem uniformes adaptados. A partir disso, ela tomou a decisão de confeccionar com suas próprias mãos essas peças.

Hoje, a marca oferece etiquetas em braille, peças como camisetas, calças, casacos, vestidos, blazer e até acessórios. A Equal oferece conforto para mulheres cadeirantes através dos seus cortes e acabamentos diferenciados.

Figura 53 - Vestido na estampa marítimo



Fonte: <https://www.silvanalouro.com.br/equal-moda-inclusiva/vestido-maritimo-adaptado-para-cadeirantes/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

- Vestido exclusivo para cadeirantes com corte à fio;
- Sem excesso de tecido no abdômen;
- Modelagem libera a pressão do peso corporal no cóccix, pois não possui elásticos ou algo que pressione a cintura. Proporcionando extremo conforto;
- Os zíperes nos ombros facilitam o vestir;
- Composição: 95,5% Poliéster e 4,5% Elastano.

Figura 54 - Saia Tronco



Fonte: <https://www.silvanalouro.com.br/equal-moda-inclusiva/saia-tronco-adaptada-para-cadeirantes/>. Acesso em 30 nov. 2021.

- Saia reta em malha índigo;
- Modelo lápis com recorte sobreposto frontal;
- zíper destacável frontal;
- Cós traseiro mais alto, evitando o rebaixamento nessa área;

Composição - 81% Algodão e 19% Poliéster.

II.6.5.1 Equal + Reserva

Acreditando na representatividade das pessoas com deficiência, a marca Reserva, do grupo AR&Co, juntamente com a Equal Moda Inclusiva, lançou a linha Adapt& com foco em roupas adaptadas.

A coleção conta com 14 peças que de acordo com a marca possuem a aparência, modelagem, conforto e qualidade idêntica aos produtos tradicionais mais vendidos pela Reserva, porém com todos os ajustes ergonômicos e funcionais que irão fornecer mais autonomia ao público PcD. Entre as adaptações das peças estão a colocação de zíperes

laterais nas calças para facilitar o vestir de pessoas com mobilidade reduzida, botões substituídos por velcro e punhos com botões de pressão.

Para Silvana Louro foi de extrema importância uma marca como a Reserva investir em roupas para PcD. Segundo ela, as pessoas com deficiência querem ocupar diferentes lugares e se sentir bem, vestindo roupas iguais às convencionais. Dessa forma, a inclusão acontece de forma natural não gerando o sentimento de exclusão ou até mesmo do “ser especial”.

Figura 55 - Calça Iron Adapte Amputado



Fonte: <https://www.usereserva.com/calca-iron-adapte-amputado0050193/p?skuld=195121/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

Esta calça adaptada para amputados inferiores tem uma modelagem com:

- Reforço interno de tecido traseiro na altura dos bolsos evitando o desgaste no local do encaixe da prótese;
- Zíperes superiores com puxadores nas laterais inferiores, que abrem de baixo para cima e permitem o encaixe de uma ou duas próteses, em diferentes alturas;

- Proteção interna que impede o contato direto dos zíperes com a pele;
- Composição - 98% Algodão 2% Elastano.

Figura 56 - Camisa Mc Oxford Adapte Cadeirante



Fonte: <https://www.usereserva.com/camisa-mc-oxford-adapte-cadeirante0054329/p?skuld=195155/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

A camisa de manga curta adaptada para cadeirantes possui:

- Comprimento frontal mais curto que minimiza o excesso de tecido no abdômen e garante um visual mais alinhado;
- A parte das costas é maior para acompanhar toda a região da cadeira até o quadril;
- Fechamento frontal em velcro e as aberturas especiais nas laterais com zíperes invisíveis;
- Composição - 100% algodão.

Figura 57 - Bermuda Army Adapte Cadeirante



Fonte: <https://www.usereserva.com/bermuda-army-adapte-cadeirante0048412/p?skuld=195071/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

- Possui corte frontal moldado para evitar o excesso de tecido na região do quadril;
- Zíperes superiores com puxadores nas laterais;
- Os bolsos traseiros foram removidos e colocados na região frontal, na altura das coxas, ao alcance das mãos;
- Possui velcro na braguilha, para torná-la ainda mais agradável de usar;
- Possui o cós mais alto, numa altura ideal para evitar desconfortos ao final do dia.

Figura 58 - Camiseta Pima Cores Adapte Amputado



Fonte: <https://www.usereserva.com/camiseta-pima-cores-adapte-amputado0050203/p?skuld=195124/>.
Acesso em: 30 nov. 2021

- Possui velcro nos ombros, para facilitar o vestir;
- Composição 100% algodão.

É importante evidenciar a dificuldade de acessar essas peças no site da Reserva. Após muitas buscas na barra de navegação, não foi possível encontrar o botão que me levasse para a página da linha Adapt&. Entendo que a moda inclusiva vai além do produto em si, a moda para ser inclusiva tem que oferecer uma boa experiência de compra para quem vai usar aquele produto. Nesse contexto, a pessoa com deficiência deveria entrar no site da Reserva e encontrar facilmente a aba que o leva a sessão desejada. Visto que a marca em questão tem como propósito ser um exemplo mundial de como a moda pode transformar a sociedade, então porque não pensar em um site acessível?

Além disso, vale ressaltar também o preço cobrado em cada peça. Pensando em uma moda inclusiva em todos os sentidos, as roupas confeccionadas pela Reserva Adapt& se tornam inviável de ser comprada por pessoas de menor poder de compra. Uma vez que suas peças custam a partir de R\$200,00.

II.6.6: Riachuelo + Barbie + À La Garçonne

Em comemoração aos 60 anos da boneca Barbie, a Riachuelo juntamente com a marca Barbie e À La Garçonne e tendo à frente da coleção o estilista Alexandre Herchcovitch afirmam que o objetivo da campanha é destacar a diversidade e retratar a representatividade que a boneca oferece em uma variedade de biotipos, tons de pele, cabelos e estilos.

No entanto, é válido ressaltar que a boneca Barbie tem sua história iniciada em 1959 pela americana Ruth Handler, co-fundadora da Mattel, que percebeu que sua filha Bárbara, ou Barbie, como era apelidada, gostava de brincar com bonecas de papel que trocavam de roupa. Até então, todas as bonecas tinham aparência de bebês e a de papel era uma das únicas que tinha a feição mais próxima de uma adolescente.

Tendo isso em vista, a Barbie por muitos anos representou o estereótipo da mulher americana, branca, magra e rica, ou seja, a boneca inspirava meninas a sonhar com um modelo quase que inatingível. Ainda hoje, apesar das iniciativas da fabricante Mattel em subverter essa imagem, através do investimento em bonecas que simbolizam a diversidade, mesmo assim esta ainda é de difícil acesso por conta dos seus preços exorbitantes e por fazerem parte de edições limitadas. Desse modo, a boneca não chega nas mãos das meninas que de alguma forma querem e precisam se ver representadas na Barbie.

Já o fato dessa parceria ter como o estilista da coleção, Alexandre Herchcovitch, não parece uma escolha ingênua, afinal, ele é conhecido por uma trajetória marcada pela transgressão, onde realizou releituras de caveiras a partir do ícone Pop que é o Mickey Mouse. Diante disso, a coleção conta com dezenas de camisetas, jaquetas, moletons, calças, shorts e até lingerie e peças fitness nos tons de pink, preto, branco e verde neon. Faz uso de frases

empoderadas e imagens na tentativa de mostrar Barbies diversas, se é que é possível. Além disso, 90% da collab vem na grade plus-size e grande parte dos itens foram adaptados ergonomicamente para pessoas com deficiência.

Figura 59 - Short Viscose Adaptada Xadrez



Fonte: https://www.riachuelo.com.br/regata-malha-adaptada-rockers-a-la-garconne-barbie-riachuelo-13537415_sku/. Acesso em: 30 nov. 2021.

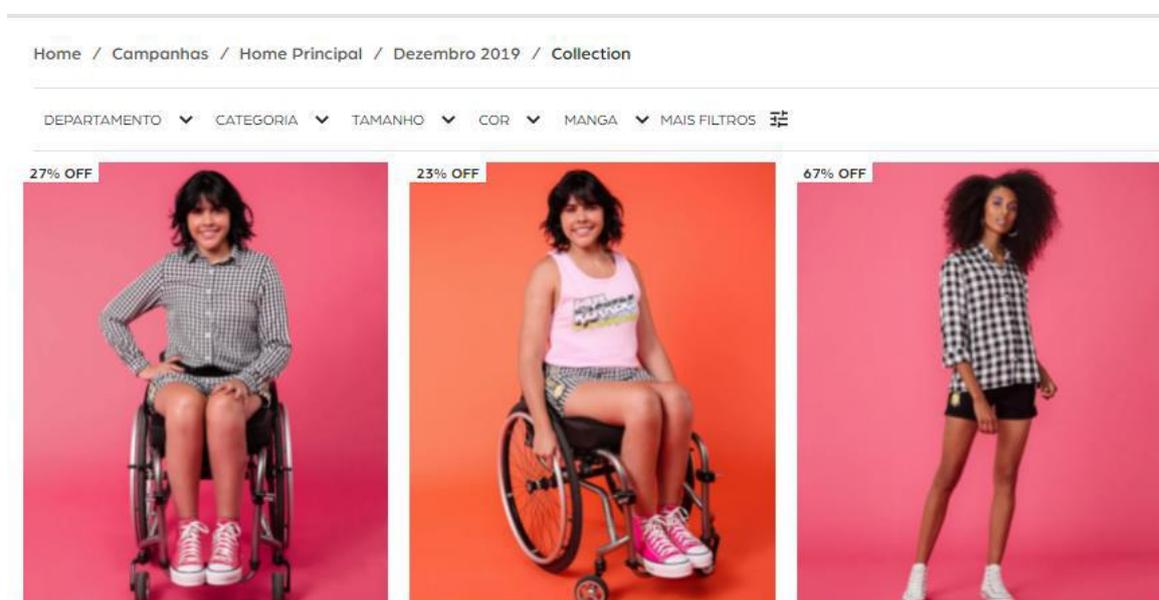
Figura 60 - Short Viscose Adaptada Xadrez



Fonte: https://www.riachuelo.com.br/short-viscose-adaptada-xadrez-a-la-garconne-barbie-riachuelo-13537458_sku/. Acesso em: 30 nov. 2021.

Segundo a marca, a concepção das roupas teve consultoria da Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD) e parte da renda foi revertida para a Associação. Segundo Marcella Kanner, gerente de marketing da Riachuelo, *"Não foi fácil fazer essa coleção, porque exige um desenvolvimento grande para ser confortável e fomos na AACD justamente para ver o que estava certo e o que não estava"* Cabe dizer que também encontrei dificuldades para encontrar essas peças no site, uma vez que o caminho para chegar às roupas da coleção não se apresenta de maneira intuitiva. Só foi possível encontrar através de um blog que redirecionava para a página do site da Riachuelo. Nessa imagem abaixo, fica claro que para chegar à campanha precisaria percorrer todos esses processos.

Figura 61 - Barra de navegação que dá acesso a coleção



Fonte: https://www.riachuelo.com.br/campanhas/homeprincipal/dezembro-2019/collection?product_list_dir=desc&product_list_order=activation_date/. Acesso em: 30 nov. 2021.

Outro ponto que gostaria de destacar é o fato de que existe um olhar infantil sobre a deficiência. Muitas das vezes estas pessoas são tratadas com pouca seriedade. São vistas como crianças através de um comportamento preconceituoso que ainda enxerga aquele indivíduo como alguém desprovido de opinião, intelecto e também dependente de alguém. Por esse motivo é comum vermos roupas voltadas para deficientes sempre fazendo alusão a um personagem de desenho animado ou com uma pegada mais lúdica. Essa campanha com a Barbie apenas ratifica essa conduta.

II.6.7: Aria

A Aria começou em 2011 sua pesquisa e desenvolvimento de roupas adaptadas, e em 2017 a marca foi reformulada e surgiu a Aria Moda Inclusiva. Segundo a marca, ela oferece roupas funcionais adaptadas pensando na melhor experiência em que pessoas com deficiência e seus cuidadores podem ter, criando peças práticas que facilitam o vestir e o despir no dia a dia, levando mais autonomia, praticidade, conforto, bem estar e resgatando a auto estima da pessoa com deficiência. Além disso, a marca também oferece cursos a fim de fomentar o mercado de moda inclusiva no Brasil.

Figura 62 - Calça Unissex adaptada com abertura frontal e lateral



Fonte: <https://ariamodainclusiva.com.br/calca-adaptada-reabilitacao-acamado/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

- Abertura frontal total com zíper e velcro, facilitando a ida ao banheiro, a troca de sonda ou de fralda;
- Puxadores no cós e nas laterais da perna, que ajudam pessoas com mobilidade reduzida a vestirem e ajustarem a peça no próprio corpo;
- Abertura nas pernas, até o joelho, facilitando a veste por cadeirantes, ou ajudando amputados a encaixarem a prótese;
- Argolas nos zíperes, ajudando quem não tem mobilidade nas mãos a terem autonomia de manusear a peça sem ajuda.
- Bolso na parte da frente da perna direita para guardar objetos.

Figura 63 - Jaqueta Jeans adaptada



Fonte: <https://ariamodainclusiva.com.br/jaqueta-jeans-adaptada-velcro/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

- Abertura na frente com botões falsos e velcro, fácil de abrir e de fechar;
- Abertura nas costas com velcro, é possível vestir pela frente e abotoar nas costas, sem esforço;
- Zíper nas mangas para quem não tem movimentos nas mãos conseguir ajustar e vestir-se sozinho.

II.7: Análise dos Similares

Através do levantamento de similares foi possível analisar alguns dos produtos similares e/ou concorrentes disponíveis no mercado de moda inclusiva, tanto no âmbito nacional, quanto no internacional. Com a finalidade de entender seus principais materiais e aviamentos utilizados, identificar inovações e auxiliar nas futuras tomadas de decisões.

Pode-se destacar alguns pontos que foram observados a partir desses estudos. São eles:

Pontos positivos

- Busca pela facilidade em vestir e despir;
- Priorizam soluções que exigem pouco esforço para manipulação;
- Buscam por modelagens que permitem a mobilidade e o alcance durante o uso;
- Possuem uma grande preocupação em relação ao conforto e a funcionalidade das peças, priorizando estes. Embora algumas marcas assumam que valorizam a estética, ainda é uma estética funcionalista onde pouco se vê a impressão da personalidade do indivíduo na peça.
- A forma do produto, aviamentos e componentes sugere claramente sua função;
- Atenção a pega, ao manuseio e ao acionamento de aviamentos;
- Uso de aviamentos como velcro, botões magnéticos e zíperes para tornar o ato de vestir e despir mais fácil e prazeroso;
- Aviamento sem bordas vivas;
- Evitam usar grande volume e sobreposições de tecidos, principalmente quando se trata da postura sentada;
- Evitam o uso de costuras internas e etiquetas;
- Aplicam cortes e modelagens específicas para pessoas com deficiência, gerando assim maior conforto e praticidade.

Pontos de melhoria

- É necessário que as marcas estejam mais atentas às atividades dos utilizadores do produto, a fim de propor soluções para suas reais necessidades;
- É preciso que a inclusão esteja em toda a experiência de compra da pessoa com deficiência, não só na peça final como foi possível notar em grande parte das empresas que não investem em uma web acessível.
- É importante que esses produtos estejam de fato disponíveis tanto nas lojas virtuais como nas físicas. Porque pude notar que muitas marcas realizam o marketing dos produtos e depois que a euforia do lançamento passa, estes somem do mercado, são de difícil acesso ou não se anuncia mais.
- É imprescindível que as marcas busquem capturar mais a personalidade da pessoa que vai vestir a roupa do que focar na deficiência em si. Porque a grande dificuldade do PcD é ser visto como uma pessoa que tem uma vida além daquela característica que é visível aos olhos.
- É importante que o preço de venda do produto seja acessível para todos.

Abaixo segue alguns aviamentos e soluções que foram identificados a partir das análises de similares.

Figura 64 - Aviamentos e soluções identificados



Fonte: Elaboração própria

II.8: Requisitos projetuais

- Foco em uma estética que transmite personalidade;
- Conforto;
- Funcionalidade e praticidade para as atividades do dia a dia, promovendo mais independência;
- Modelagens que atendam a diferentes corpos;
- Cortes que se atentem a postura sentada;
- Uso de tecidos que em contato com a pele não causam atrito;
- Sustentabilidade;
- Processo de fabricação e uso de materiais que não encareça o produto;
- Tornar todo o processo de compra inclusivo.

CAPÍTULO III: CONCEITUAÇÃO

III.1: Conceito

Levando em consideração a minha trajetória no curso de Desenho Industrial da Escola de Belas Artes, entendo o Design como uma ferramenta de inovação capaz de olhar para o mundo e para as pessoas e assim capturar não somente suas necessidades, mas traduzir e entender os comportamentos, os anseios e as emoções do interlocutor. Afinal, estamos lidando com pessoas reais e diversas entre si.

Dessa maneira, este projeto se apropria da capacidade que o vestuário tem como agente social e se apresenta como um MANIFESTO. De acordo com o dicionário, a palavra manifesto tem como seu significado uma declaração formal que, geralmente escrita, transmite intenções, opiniões, decisões ou ideias políticas, particulares a uma pessoa ou a um grupo de pessoas.

Neste sentido, eu enxergo esse projeto como um MANIFESTO, pois são corpos deficientes que vão se manifestar através do vestuário, este sendo usado como uma ferramenta de expressão para nos mostrar que eles também fazem parte desta sociedade, que eles existem. Desta forma, nas peças desenvolvidas, busquei traduzir essa manifestação explorando as possibilidades, a autonomia de decisão, de escolha e de expressão destes corpos.

Portanto, o intuito desse projeto é fazer com que corpos invisíveis se tornem visíveis através do simbólico da roupa, tendo em vista a maneira como a pessoa se enxerga e se expressa através do vestuário, ou seja, como ela deseja se apresentar ao mundo e a si mesma.

Com este trabalho quero que a deficiência seja vista como uma característica. Por isso, nas peças busquei explorar a potência que é a ação de fazer escolhas. Desta maneira, entendo que a pessoa com deficiência pode ou não querer ser vista como uma pessoa com deficiência, assim como também, ela pode optar por não esconder uma característica que faz parte dela, mas que pelo olhar do preconceito é visto como um defeito.

Portanto, a coleção surge baseando-se em 3 conceitos bem definidos. O primeiro se manifesta através das tramas. Estas tramas seriam aquilo que não é visto, o que não é mostrado, o que não está no superficial, por fora. Em outras palavras é tudo aquilo que não

enxergamos além da deficiência, é o ser humano com suas dores, seus sentimentos, seus medos, ou seja, é o seu avesso. Para esta finalidade, optei por trabalhar com costuras aparentes explorando desse modo o avesso das roupas e mostrando que este também é belo e que pode ser exposto.

Já o segundo conceito refere-se a visibilidade e a invisibilidade. Estes estão atrelados à possibilidade de revestir-se ou não de uma segunda pele. É um jogo de esconder e mostrar. Aqui foram explorados a versatilidade das roupas no sentido de poder tirar e colocar uma parte da peça, e dessa forma se transformar em uma outra. Além disso, para compor essa dualidade priorizei aplicar a transparência em alguns pontos da vestimenta.

Por fim, e não menos importante, foi abordado o conceito daquilo que “está fora do lugar”, isto é, por muitas vezes como já dito anteriormente, a deficiência ainda é vista como um defeito e pessoas deficientes são consideradas diferentes. No entanto, tudo aquilo que é diferente na nossa sociedade é visto e tratado com estranheza.

Desta forma, o objetivo aqui é trazer uma outra perspectiva do diferente, é mostrar que há uma riqueza em ser diferente e que isso por muitas vezes é perdido por conta da busca da padronização do existir. Esse termo foi criado por mim para o fato de que vivemos em uma sociedade em que todo mundo tem que ter o mesmo corpo, a mesma cor de cabelo, de olhos e até de pele, gostar das mesmas coisas, ter as mesmas ideologias, se portar da mesma maneira e se vestir igual. Sim. Concordo com você. Seria muito chato se todos nós nos rendêssemos a esse sistema.

Posto isto, busquei explorar nas vestimentas a irregularidade, subverter a ordem em que estamos acostumados a ver as coisas e evidenciar propositalmente o que é considerado um “defeito”.

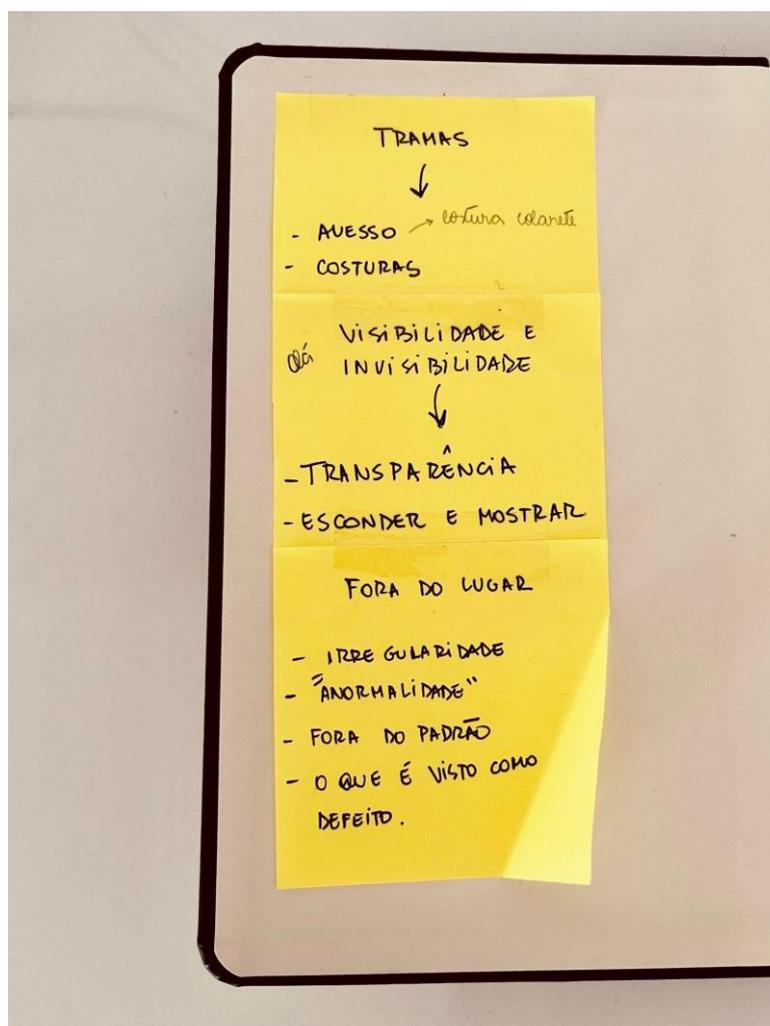
É importante ressaltar que esta coleção tal como o seu conceito nasceram de uma extensa pesquisa teórica que foi responsável por despertar em mim uma vontade de retratar a deficiência de forma que o foco não fosse ela em si, como estamos habituados a ver. Assim sendo, é uma coleção que traz o simbólico da inclusão por meio da vestimenta, onde, procurei através destes conceitos traduzir o meu entendimento do que é um corpo deficiente e desta maneira propor um MANIFESTO destes corpos.

III.2: Expressão Visual do Conceito e Oportunidades

Com o objetivo de auxiliar na definição e na visualização do conceito do projeto foi desenvolvido um painel de referências que foi de extrema importância para facilitar no momento das gerações de alternativas. Assim como possibilitou-me também, pensar em algumas soluções, enxergar oportunidades e a definir os aspectos semânticos e simbólicos da coleção.

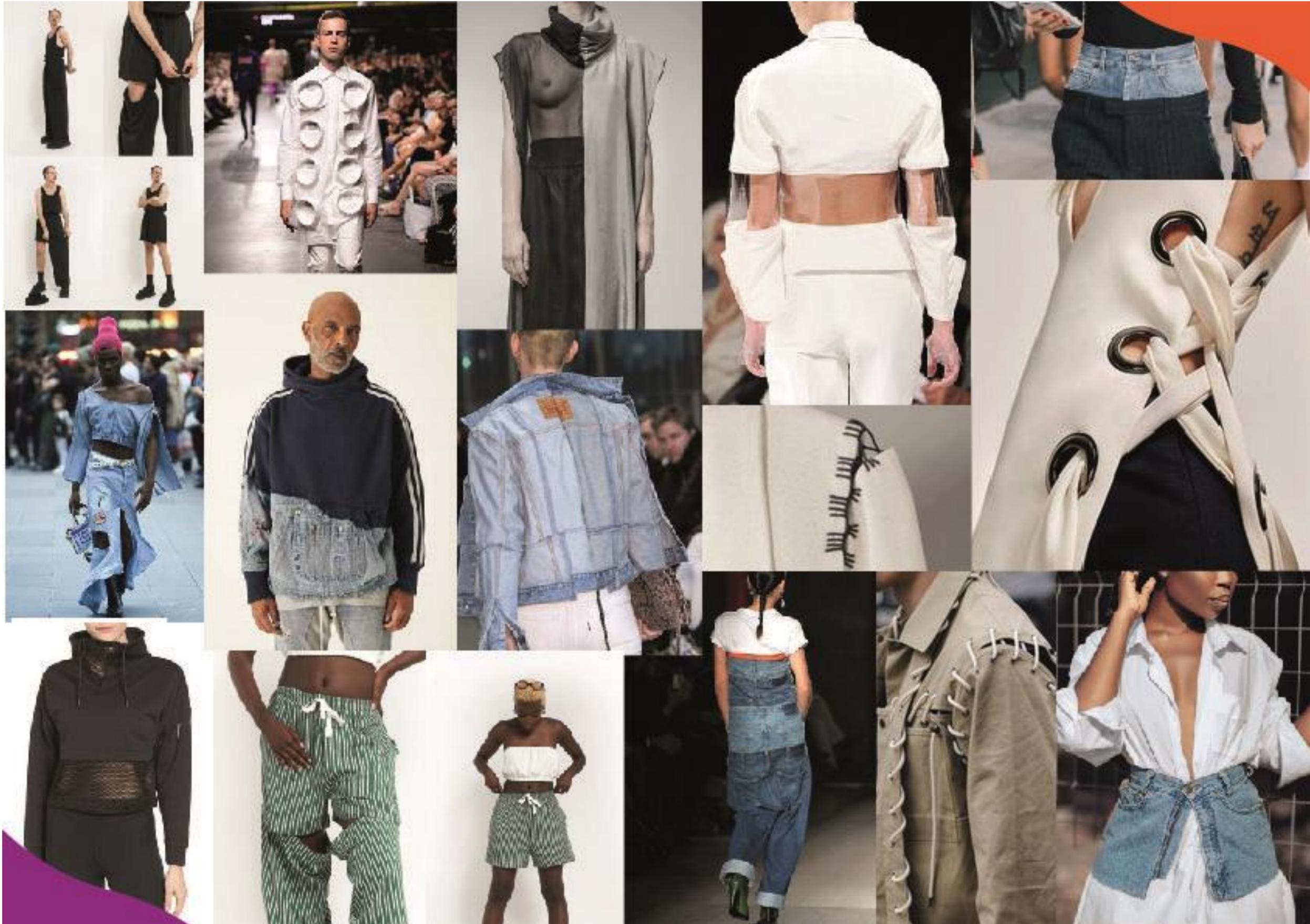
Para organizar e sintetizar o que eu estava buscando, achei interessante anotar os conceitos para que eu pudesse observá-los enquanto montava o board e desenhava as peças. Dessa forma, foi possível estar sempre conectada ao significado que aquela peça teria que transmitir.

Figura 65 - Conceito do Projeto



Fonte: Elaboração própria

Figura 66 - Painel Visual do Conceito



Fonte: Elaboração própria

III.3 Geração de Alternativas

As alternativas foram geradas a partir das referências visuais e das pesquisas e análises realizadas ao longo do projeto.

Pensando nisso, cada peça foi desenhada levando em consideração os conceitos que foram estabelecidos. Além disso, as alternativas buscam ressignificar a maneira de se vestir, reforçando assim a ideia de que é possível se comunicar e se expressar através da moda.

Os sketches foram organizados em um caderno onde foi possível realizar colagens, anotações, agrupar as ideias e criar um campo visual que me permitisse enxergar todos os elementos.

Figura 67 - Sketch book conceitual



Fonte: Elaboração própria

Estas peças a seguir foram desenhadas de forma a repensar as diversas maneiras de se usar um jeans. Nesse sentido foi feita uma releitura.

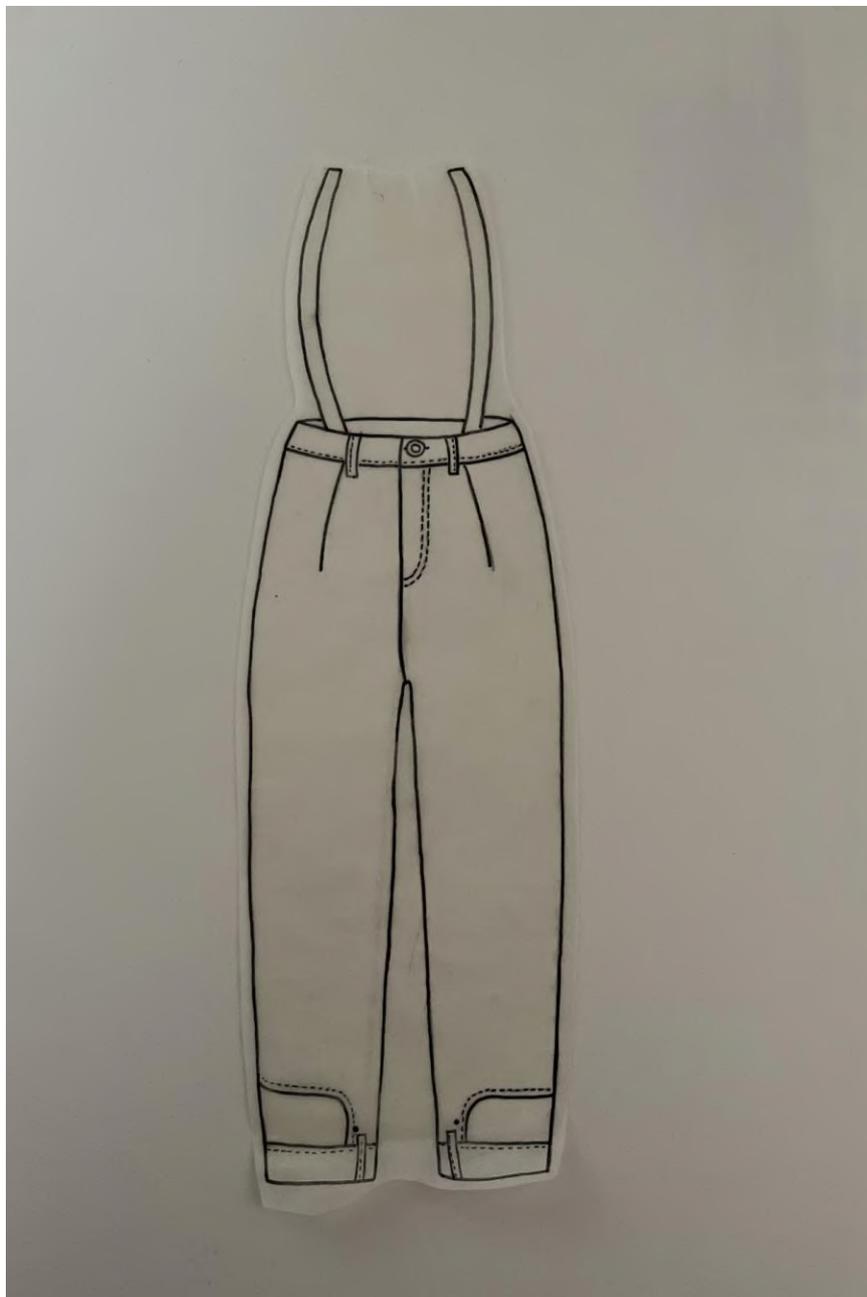
Figura 68 - Camiseta Short Jeans



Fonte: Elaboração própria

Esta calça com suspensórios possui sua barra estilizada com os bolsos da parte superior, o cóis e os passantes.

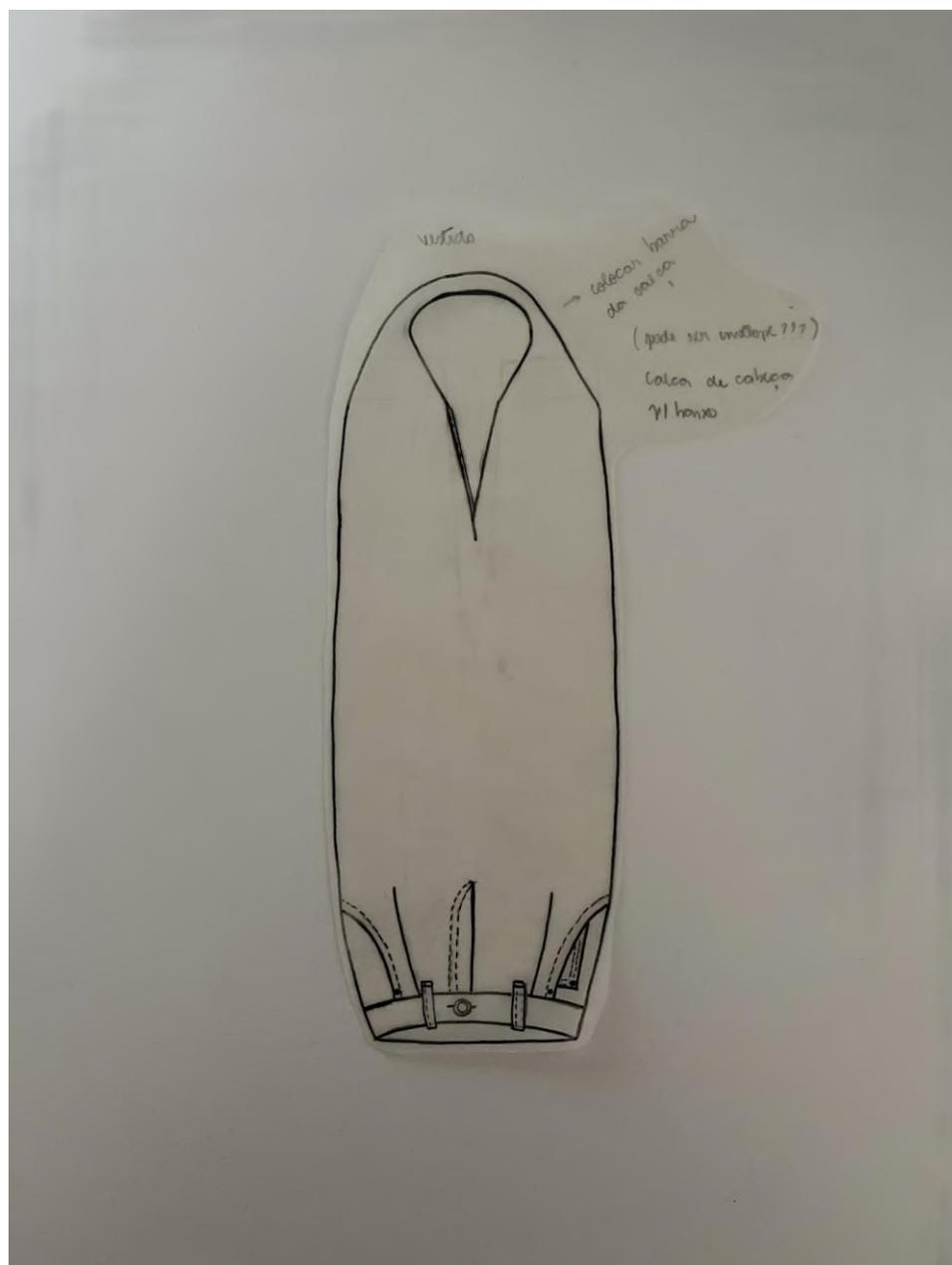
Figura 69 - Calça suspensório invertida



Fonte: Elaboração própria

Esta peça abaixo segue a mesma ideia da anterior, mas agora, na versão de um vestido onde sua barra simbolicamente é uma calça jeans e sua amarração no pescoço é feita com a barra da calça.

Figura 70 - Vestido calça jeans



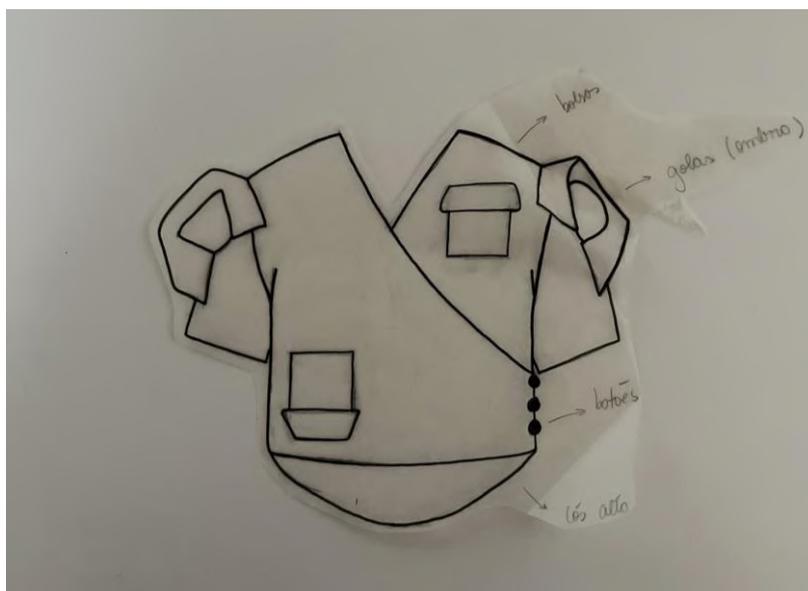
Fonte: Elaboração própria

O vestido braços e a camiseta golas faz uma brincadeira com o que “está fora do lugar”. No primeiro, as mangas foram deslocadas de seu lugar usual, criando um efeito que quando soltos compõem um outro par de braços e quando amarrados são mangas abraçadas à cintura. Já a segunda, representa uma camiseta social desconstruída, onde as golas apresentam-se nos ombros. Além disso, os bolsos assumem posições invertidas e opostas.

Figura 71 - Vestido braços



Fonte: Elaboração própria

Figura 72 - Camiseta Golas

Fonte: Elaboração própria

Este short possui os bolsos laterais um pouco mais compridos que a peça, criando esse movimento e essa continuidade.

Figura 73 - Short bolsos deslocados

Fonte: Elaboração própria

Já o short com bolsos assimétricos produz essa ilusão de que há tecido faltando ou que algo está fora do padrão.

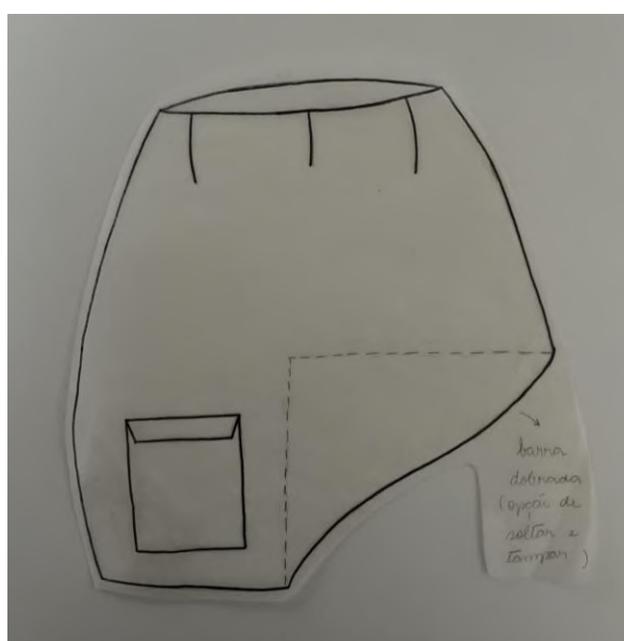
Figura 74 - Short assimétrico



Fonte: Elaboração própria

A saia Dobra Desdobra permite ao interlocutor utilizar um dos lados dobrados, deixando assim a perna mais exposta.

Figura 75 - Saia Dobra Desdobra



Fonte: Elaboração própria

As Camisetas em seguida buscam assim como a saia Dobra Desdobra dar uma autonomia a quem está utilizando. Deixando que a pessoa escolha a maneira que deseja usar a peça.

Dessa forma, a peça seguir foi elaborada com a possibilidade de remover as mangas, transformando-se em uma camiseta.

Figura 76 - Camisa mangas removíveis



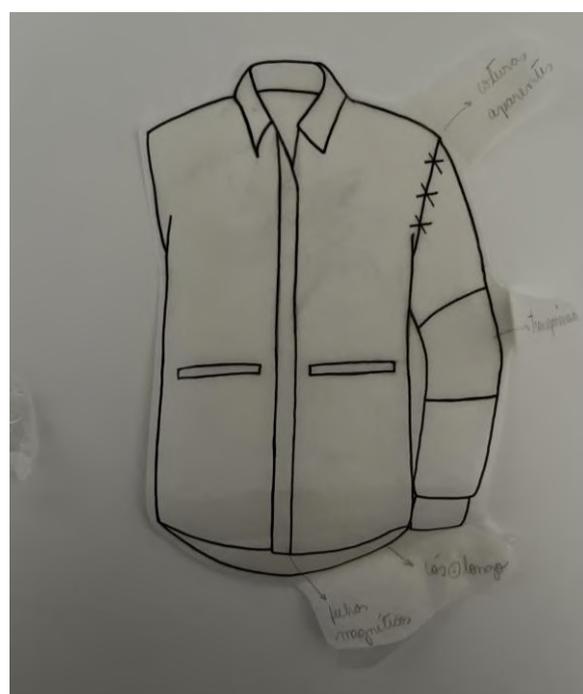
Fonte: Elaboração própria

Essa abaixo possui uma assimetria, onde um dos braços faz o papel da manga da blusa completando assim a peça. Além disso, há partes da camiseta que é possível notar uma transparência e uma opacidade fazendo essa alternância. Já a abertura frontal nos dois sentidos permite que o interlocutor escolha se deseja deixar a camiseta mais aberta ou mais fechada.

Figura 77 - Camisa Assimétrica

Fonte: Elaboração própria

Este modelo é uma outra versão da camisa assimétrica, no entanto, esta possui suas mangas com costuras aparentes.

Figura 78 - Camisa costuras aparentes

Fonte: Elaboração própria

A ideia para esta calça short é que ela seja versátil, podendo ser 2 peças em 1. Dessa forma, através de botões magnéticos a parte de baixo pode ser removida transformando-se assim em um short.

Figura 79 - Calça short



Fonte: Elaboração própria

O casaco foi pensado para ser uma peça versátil, tendo a possibilidade de remover as golas, assim como trazer estas com uma altura que oferecesse maior conforto para o usuário.

Figura 80 - Casaco

Fonte: Elaboração própria

Para facilitar a escolha das peças que seriam refinadas, optei por agrupá-las e atribuí-las de acordo com os conceitos. Tendo dessa forma uma ideia dos conjuntos que estavam sendo formados. Conforme a imagem abaixo.

Figura 81 - Agrupamento das peças conforme os conceitos



Logo após a realização desse painel que se mostrou de extrema importância para uma visão geral das peças e melhor alinhamento destas em relação ao conceito, foi necessário reuni-las a fim de descrevê-las, apontando dessa maneira as características e especificações de cada uma delas conforme eu estava imaginando.

Figura 82 - Painel de detalhamento das peças

	<ul style="list-style-type: none"> - Camiseta irregular; - Transparência nas mangas - Costuras aparentes - Cós alto 		<ul style="list-style-type: none"> - Camiseta irregular; - Transparência nas mangas e no corpo; - Fechamento frontal com zíper magnético nos dois sentidos; - Cós alto. 		<ul style="list-style-type: none"> - Saia assimétrica; - Dobra & Desdobra 	<p>1</p>	<p>2</p>	<ul style="list-style-type: none"> - 1 short com bolsos recortados nas laterais; - 2 Bolso frontal e um lado maior que outro irregulares; - Cós alto.
	<p>Camiseta com mangas armadas; Possibilidade de tirar as mangas; Cós alto.</p>		<p>Casaco com mistura de tecidos (jeans+moletom); Golas altas e removíveis. ps: fazer uma versão onde o zíper não segue uma linha reta</p>		<ul style="list-style-type: none"> - Camiseta com golas de camisa social nos ombros; - Bolsos frontais irregulares; - Cós alto. 		<ul style="list-style-type: none"> - Vestido com estampa nave; - Amarração na cintura com mistura de tecidos; - Cós alto. 	
	<p>Calça com a possibilidade de virar short; Mistura de tecidos (jeans + moletom ou transparência).</p>		<p>Camiseta short jeans; Costuras aparentes.</p>		<ul style="list-style-type: none"> - Vestido calça invertida; - Costuras aparentes; - Fechamento no pescoço com a barra da calça; 		<ul style="list-style-type: none"> - Calça com suspensório - Costuras aparentes; - Detalhe dos bolsos superiores na barra da calça; 	

Fonte: Elaboração própria

III.4 Projeto Manifesto

A partir da análise das alternativas, foi possível criar a coleção Manifesto composta por quatro peças elementares, que surgiram através da combinação de características que considero importantes na exaltação dos corpos deficientes e que confirmam a excentricidade e a personalidade da pessoa que a veste.

Um projeto que busca exaltar corpos não normativos, mostrando que pessoas com deficiência não consomem apenas a funcionalidade, elas têm estilo e todas as particularidades, desejos e valores que qualquer outra pessoa. Sendo assim, a coleção Manifesto permite que estes corpos possam se expressar através do vestuário e assim se fazer vistos.

Peça 01 | Calça short

A calça short é um modelo 2 em 1, versátil, podendo ser usada de duas maneiras. Para facilitar a hora de vestir, no short foram adicionados zíperes superiores com puxadores nas laterais, sua abertura frontal se dá por um botão magnético, que inclusive é válido salientar que a presença do caseado e a abertura do zíper presentes no short não se dá de forma funcional, estes estão ali apenas pelo simbólico. Foi utilizado também o colchete na parte superior, a fim de reforçar e assegurar o fechamento do zíper, dando assim uma maior segurança. Além disso, para evitar o desconforto, esta peça possui o cós mais alto e não possui bolsos traseiros. Já a parte inferior quando presa a parte superior com o uso de velcro pode se transformar em uma calça.

Os bolsos recortados presentes no short pretendem passar a ideia de que houve um defeito na peça, criando a sensação de que há tecido faltando. Já a escolha de mistura de tecidos é para fazer uma brincadeira entre o que a gente considera ser confortável e desconfortável. Por isso, temos a presença do jeans que compõe o short, o moletom na parte inferior e os bolsos em plástico transparente.

O uso do elemento transparente assim como a possibilidade de poder usar a peça ora sendo um short ora sendo uma calça, vem da capacidade de escolha do indivíduo, tendo a

opção de mostrar ou esconder algo quando ele quiser ou até mesmo se quiser. Além da noção daquilo que não é visto ou que se pretende esconder.

Figura 83 - Calça Short opção de uso 1



Fonte: Acervo pessoal

Figura 84 - Calça Short opção de uso 2



Fonte: Acervo pessoal

Peça 02 | Camiseta short

A camiseta short possui abertura frontal realizada por botões magnéticos, além disso o bolso frontal e a sua a parte posterior são mais compridas para um maior conforto. O corpo da camiseta é em jeans, sendo as mangas e os bolsos em moletom e o punho em plástico transparente.

À primeira vista esta peça confunde e gera causa um estranhamento, pois sua forma se assemelha e foi inspirada em um short jeans, no entanto nesse contexto ela é ressignificada e usada de uma outra maneira na qual não estamos habituados a ver.

Figura 85 - Camiseta Short



Fonte: Acervo pessoal

Peça 03 | Casaco

Este casaco conta com diversas formas de uso. Com um bolso frontal e um sistema de abertura diferenciado, onde o zíper segue por um caminho irregular. Além disso, as mangas podem ser removidas, transformando a peça em uma camiseta. No capuz também encontramos a possibilidade de ser usado ou não na peça estando ela na forma de um casaco ou uma camiseta. Todas essas maneiras de utilização possibilita a personalização do interlocutor com a peça, gerando uma configuração visual diferente.

Figura 86 - Casaco opção de uso 1



Fonte: Acervo pessoal

Figura 87 - Casaco opção de uso 2



Fonte: Acervo pessoal

Figura 88 - Casaco opção de uso 2



Fonte: Acervo pessoal

Peça 04 | Vestido braços

O vestido braços é aquela peça que nos tira da zona de conforto e bagunça as nossas ideias ao brincar com os elementos fora do lugar usual. Com golas nos ombros, o cós de uma calça jeans na parte inferior da peça e mangas na cintura como se fossem outros pares de braços são capazes de criar uma ilusão e provocar o nosso imaginário. Além da sua versatilidade, pois pode ser usada de diversas maneiras.

Com seu corpo e golas posicionadas nos ombros em jeans, suas mangas superiores feitas em plástico transparente, mangas presas na cintura em moletom e abertura frontal com botões magnéticos para maior praticidade.

Figura 89 - Vestido braços opção 1



Fonte: Acervo pessoal

Figura 90 - Vestido braços opção de uso 2



Fonte: Acervo pessoal

Essa peça foi escolhida para ser confeccionada porque ela consegue comunicar e englobar a intenção desse projeto. Primeiramente é válido dizer que a escolha de ter um vestido na coleção também é um manifesto e a escolha deste para o modelo a ser desenvolvido no projeto não foi feita por acaso. O vestido possui uma grande carga simbólica, por ser uma peça de vestuário destinada ao público feminino, de comprimento variável e que serve para cobrir o corpo, estar vestido é estar coberto e o contrário disso seria estar nu. Mas é sabido que essa vestimenta funciona como um componente que ao mesmo tempo que reveste o corpo feminino cobrindo as partes consideradas íntimas ele também age controlando e reprimindo o comportamento da mulher. Ao se utilizar um vestido, as mulheres recebem um “manual de boas maneiras”, que consiste em uma série de ações que devem ser tomadas para que não haja nenhum constrangimento. Por exemplo, é preciso saber como se sentar, como andar, o vestido não pode ser muito curto ou muito justo, não pode ter muito decote e não pode chamar a atenção.

Dessa maneira, traçando um paralelo entre o vestido e a deficiência, concluo que a sociedade cria artifícios para nos calar e é nesse momento que começo a me questionar sobre algumas questões. Será que é realmente necessário nos esconder e nos resumir para nos encaixarmos? Porque é errado uma mulher usar um vestido e se sentar de pernas abertas? Porque ela não pode querer se mostrar ao invés de ter que se esconder? Porque um PcD não pode querer exibir a sua prótese ou qualquer outra característica que faça parte do todo que o integra? Porque a vida de uma pessoa com deficiência é reduzida a sua deficiência?

Dessa maneira a coleção MANIFESTO busca instigar e mostrar uma nova maneira de enxergar as coisas. Apresento-lhes a seguir o resultado da coleção.

Figura 91 - Coleção MANIFESTO



Fonte: Acervo pessoal

CAPÍTULO IV: DETALHAMENTO E FINALIZAÇÃO

IV.1: Materiais e Aviamentos

É indiscutível a importância da escolha dos tecidos na confecção de roupas para evitar qualquer tipo de irritação, mas essa atenção tem que ser redobrada quando estamos falando de pessoas com deficiência devido a sua mobilidade reduzida e o lento processo de cicatrização de feridas. Por isso, o tecido deve ser macio com o intuito de evitar lesões e feridas na pele, confortáveis e também facilitar a transpiração, além de terem uma sensação térmica agradável.

Tendo isso em vista, para a coleção optei por trabalhar com três tecidos diferentes, mas que aparecem juntos em todas as peças criando dessa maneira uma composição visual. São eles: o tecido jeans, o moletom e o plástico transparente.

O jeans e o moletom fazem essa intermediação entre o confortável e o desconfortável. Por meio de pesquisas e conversas pude observar que algumas pessoas com deficiência apesar de gostarem de usar calças jeans deixavam de usá-las por conta da dificuldade de vesti-las devido à sua pouca elasticidade. Com o propósito de ressignificar o seu uso, decidi utilizá-lo. O tecido jeans ele pode sim ser confortável, isso irá depender somente da quantidade de elastano presente na sua composição.

Desta maneira, a fim de tornar a experiência do vestir mais agradável, permitindo uma maior mobilidade e uma maior adaptabilidade ao corpo, proporcionando uma leveza em relação ao toque do tecido em contato com a pele, optei por trabalhar com um jeans na cor azul escuro que possui na sua composição 80% algodão, 18% poliéster e 2% elastano. Apesar de parecer pouco, a presença de 2% de elastano já constitui um tecido mais leve e confortável.

Já o moletom utilizado, possui na sua composição 88% algodão e 12% poliéster, na cor cinza mescla. Embora estes tecidos sejam vistos como antagônicos, na coleção Manifesto estes são sinônimo de conforto, praticidade e mobilidade.

O plástico utilizado foi o superflex com uma gramatura 0.10mm, este foi utilizado em algumas partes estratégicas com o intuito de não gerar atrito com a pele, evitando dessa maneira alguma reação.

Para a escolha dos aviamentos, foi levado em consideração o uso de materiais que fossem funcionais e que não gerassem irritações, facilitando o ato de se vestir ou despir com o mínimo esforço possível. Ademais, não fiz o uso de etiquetas na parte interna do corpo também para evitar incômodo.

Sendo assim foram utilizados os seguintes aviamentos:

- Zíperes invisíveis de 20cm e 30 cm, com as cores correspondentes às peças em que estão sendo aplicadas. Estes irão possuir puxadores de elástico para facilitar o manuseio. Para abertura e fechamento da calça short nas laterais superiores do short.

Figura 92 - Zíper invisível com cores sortidas



Fonte: <https://www.armarinhosaojose.com.br/ziper-invisivel-20cm-cores-sortidas-com-50und.72949.html/>.

Acesso em: 03 ago. 2022.

- Zíper aberto de nylon tratorado, com as cores correspondentes à peça que será aplicada, para a retirada das mangas transformando dessa maneira o casaco em uma camiseta.

Figura 93 - Zíper tratorado com cores sortidas



Fonte: https://www.silviaarmarinho.com.br/ziper-tratorado-6-mm-separavel--80-cm-pct-c_-5-unidades.11128.html/. Acesso em: 03 ago. 2022.

- Velcro de 25mm de largura na cor preta utilizada para realizar a junção da calça short. Com a parte macia em contato com a pele.

Figura 94 - Velcro



Fonte: <https://vicone.com.br/produto/velcro-importado-preto-10mts/>. Acesso em: 03 ago. 2022.

- Botão baixo magnético 14,5mm latão para aplicação nas peças que possuem abertura feita por botões como a abertura frontal da calça short, a abertura frontal da camiseta short, o capuz do casaco e a abertura do vestido braços.

Figura 95 - Botão magnético



Fonte: <https://www.armarinhos25.com.br/produto/1606647/botao-magnetico-de-latao-145-mm-eberle-ref-bt814510l-c-100-un/>. Acesso em: 04 ago. 2022.

- Colchete de Gancho em ferro, de 10mmx12mm, para aplicação na calça short na parte superior, a fim de reforçar e garantir que o zíper permaneça fechado.

Figura 96 - Colchete de gancho

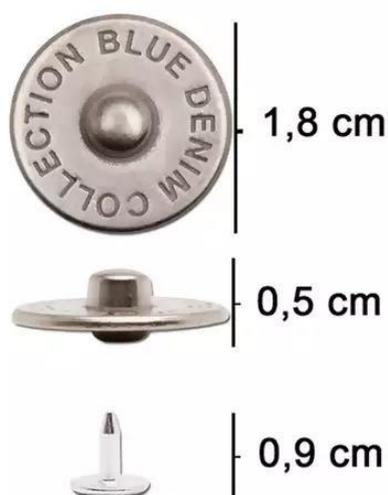


Fonte: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-2140000856-25-pcs-colchete-de-ferro-p-aplicar-de-gancho-eberle-_JM?matt_tool=14804773&matt_word=&matt_source=google&matt_campaign_id=14302215543&matt_ad_group_id=134553705348&matt_match_type=&matt_network=g&matt_device=c&matt_creative=539425529185&matt_keyword=&matt_ad_position=&matt_ad_type=pla&matt_merchant_id=597879551&matt_product_id=

MLB2140000856&att_product_partition_id=1404320022641&att_target_id=aud-1658975302941:pla-1404320022641&gclid=CjwKCAjw3K2XBhAzEiwAmmgrAmpxhIPS7Efl7j6VnpFti2U7YgrpVzTKHCLMuCW Wv1IDI6wX3P1CxoCjSIQAvD_BwE/. Acesso em: 04 ago. 2022.

- Rebite Autoperfurante para reforçar os bolsos da camiseta short e enfatizar a ideia do jeans clássico. De 18mm de diâmetro.

Figura 97 - Rebite autoperfurante



Fonte: https://www.armarinhosaojose.com.br/eberle---rebite-5194_90z-auto-perfurante-de-zamac-pct-com-200-unidades-fl.12349.html?gclid=CjwKCAjw3K2XBhAzEiwAmmgrAj_3yTntx6yyoczXNUGcWGyky4uVihxqNYZvJ2fOX8Ic6BhLKnsmezxoCuBQQAvD_BwE/. Acesso em: 04 ago. 2022.

- Linha 100% poliéster de cores correspondentes as peças em que serão aplicadas para costura simples, duplas e pespontos.

Figura 98 - Linha e fio 100% poliéster



Fonte: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1768802186-linha-120-para-costura-reta-100-poliester-1-unidade-_JM?matt_tool=79588531&matt_word=&matt_source=google&matt_campaign_id=14302215549&matt_ad_group_id=134553705988&matt_match_type=&matt_network=g&matt_device=c&matt_creative=539425529206&matt_keyword=&matt_ad_position=&matt_ad_type=pla&matt_merchant_id=121211038&matt_product_id=MLB1768802186&matt_product_partition_id=1636134429531&matt_target_id=aud-1658975302941;pla-1636134429531&gclid=CjwKCAjw3K2XBhAzEiwAmmgrAqjfaVo2k8IDVU4LIEzZkkMB_QsS8woVw69GeK4-IB6zMDeHZHJ3xoCWRsQAvD_BwE/. Acesso em: 04 ago. 2022.

IV.2: Processo de Construção

A construção do vestido braços foi realizada com o auxílio das costureiras da Vila da Costura. A Natália e a Regina foram essenciais nesse processo. Com o desenho técnico em mãos, elas conferiram as medidas principais do meu corpo, que são elas: busto, cintura e quadril, e em seguida partiram para a produção dos moldes.

É válido ressaltar que nesse projeto optei por trabalhar com uma grade maior de tamanhos, que varia do tamanho 36 ao 48, com o objetivo de abranger uma maior diversidade de corpos possíveis. Dessa maneira, foi utilizado como referência um material de apoio para a disciplina de Modelagem Industrial Feminina Básico do curso Técnico em Vestuário concedida pelo SENAI de Minas Gerais.

Apesar do interlocutor estar na faixa etária dos 16 aos 19 anos, já podemos utilizar como referência a tabela de medidas referente ao corpo adulto feminino. Como pode ser visto a seguir.

Figura 99 - Tabela de medidas do corpo feminino adulto

5. TABELA DE MEDIDAS DO CORPO FEMININO ADULTO								
Unidade de medida em centímetro (cm)								
CONTORNO								
Tamanhos		36	38	40	42	44	46	48
1	Contorno do busto	80,0	84,0	88,0	92,0	96,0	100,0	104,0
2	Contorno da cintura $\text{Busto} - 18\text{cm} = \text{Cintura}$	62,0	66,0	70,0	74,0	78,0	82,0	86,0
	Contorno da cintura para calça baixa	72,0	76,0	80,0	84,0	88,0	92,0	96,0
3	Contorno do quadril $\text{Busto} + 10\text{cm} = \text{Quadril}$	90,0	94,0	98,0	102,0	106,0	110,0	114,0
4	Contorno do pequeno quadril $\text{Quadril} - 13,5\text{cm} = \text{Pequeno}$	76,5	80,5	84,5	88,5	92,5	96,5	100,5
5	Contorno do degolo	34,0	35,0	36,0	37,0	38,0	39,0	40,0
6	Contorno do pescoço (colarinho)	33,0	34,0	35,0	36,0	37,0	38,0	39,0
7	Contorno da cava	39,5	41,2	43,0	44,8	46,5	48,3	50,1
	Profundidade da cava	16,9	17,4	17,9	18,4	18,9	19,4	20,0
8	Contorno do braço (bíceps)	24,8	26,0	27,2	28,4	29,6	30,8	32,0
9	Contorno do cotovelo	23,8	25,0	26,2	27,4	28,6	29,0	31,0
	Contorno do cotovelo dobrado	27,8	29,0	30,2	31,4	32,6	33,0	35,0
10	Contorno do punho	17,2	18,0	18,8	19,6	20,2	21,0	21,8
11	Contorno mínimo da mão	22,9	23,7	24,5	25,3	26,1	26,9	27,7
12	Contorno da coxa	55,0	58,0	61,0	64,0	67,0	70,0	73,0
13	Contorno do joelho justo	35,0	36,0	37,0	38,0	39,0	40,0	41,0
	Contorno do joelho dobrado	38,0	39,0	40,0	41,0	42,0	43,0	44,0
14	Contorno da panturrilha	32,0	33,0	34,0	35,0	36,0	37,0	38,0
15	Contorno do tornozelo	20,0	21,0	22,0	23,0	24,0	25,0	26,0
16	Contorno da articulação / calcanhar	30,0	31,0	32,0	33,0	34,0	35,0	36,0
17	Contorno do gancho frente	27,5	28,0	28,5	29,0	29,5	30,0	30,5
18	Contorno do gancho costas	35,5	36,0	36,5	37,0	37,5	38,0	38,5

TABELA DE MEDIDAS DO CORPO FEMININO ADULTO								
Unidade de medida em centímetro (cm)								
ALTURA								
Tamanhos		36	38	40	42	44	46	48
19	Altura de degolo à cintura frente $=ACMF$	36,4	36,7	37,0	37,3	37,6	37,9	38,2
20	Altura de ombro à cintura frente	41,9	42,5	43,1	43,7	44,3	44,9	45,5
21	Altura de degolo à cintura costa $=ACMC$ $ACMC = ACMF + 3,5\text{ cm}$	39,9	40,2	40,5	40,8	41,1	41,4	41,7
22	Altura de ombro à cintura costa	41,4	42,0	42,6	43,2	43,8	44,4	45,0
23	Altura do busto (centro do degolo ao busto)	21,4	21,7	22,0	22,3	22,6	22,9	23,1
24	Altura do busto (centro do ombro ao busto)	22,8	23,3	23,8	24,3	24,8	25,3	25,8
25	Altura da lateral da cintura a cava $ACMF + ACMC + 2\text{cm}: 4$	19,5	19,7	19,9	20,0	20,2	20,3	20,5
26	Altura da cintura ao pequeno quadril	8,6	8,8	9,0	9,2	9,4	9,6	9,8
27	Altura da cintura ao quadril	21,7	22,0	22,3	22,6	22,9	23,2	23,5
28	Altura da cintura à linha de gancho	26,0	26,5	27,0	27,5	28,0	28,5	29,0
29	Altura da cintura ao joelho	58,0	58,5	59,0	59,5	60,0	60,5	61,0
30	Altura da cintura ao chão (frente)	106,0	106,5	107,0	107,5	108,0	108,5	109,0
31	Altura da cintura ao chão (lateral)	106,5	107,0	107,5	108,0	108,5	109,0	109,5
32	Altura entre - pernas	80,0	80,0	80,0	80,0	80,0	80,0	80,0
33	Altura total do braço	59,3	60,0	60,7	61,4	62,1	62,8	63,5
34	Altura da parte interna do braço	45,8	46,0	46,2	46,4	46,6	46,8	47,0
35	Altura do cotovelo	33,5	34,0	34,5	35,0	35,5	36,0	36,5

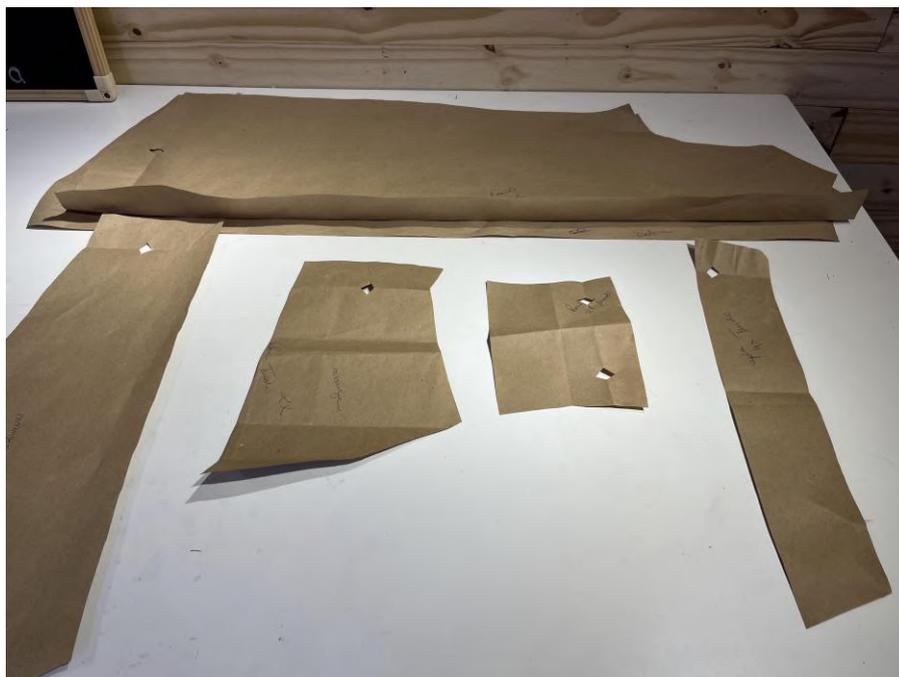
TABELA DE MEDIDAS DO CORPO FEMININO ADULTO								
Unidade de medida em centímetro (cm)								
COMPRIMENTO								
Tamanhos		36	38	40	42	44	46	48
36	Comprimento do ombro	11,6	12,0	12,4	12,8	13,2	13,6	14,0
37	Comprimento carrure frente	29,0	30,0	31,0	32,0	33,0	34,0	35,0
38	Comprimento carrure costas	34,5	35,5	36,5	37,5	38,5	39,5	40,5
39	Comprimento seio a seio = SS	18,0	18,5	19,0	19,5	20,0	20,5	21,0
40	Comprimento do costado	37,0	38,0	39,0	40,0	41,0	42,0	43,0
<p align="center">Observação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nenhuma das medidas inclui valores de costuras. • As medidas de altura devem ser calculadas de acordo com a medida de estatura através de Regra de Três. 								

Fonte: SENAI. Modelagem Industrial Feminina. Disponível em:

<https://pt.slideshare.net/LidiaMSR/senai-modelagem-fem>. Acesso em: 03 maio 2022.

A etapa de modelagem é importante, pois é nessa fase que alguns pontos importantes são definidos, garantindo que o resultado final seja positivo e a peça caia bem no corpo. O primeiro passo foi a criação dos moldes, em papel Kraft.

Figura 100 - Modelagem em papel Kraft



Fonte: Elaboração própria

Figura 101 - Partes do vestido braços (gola, mangas e corpo)



Fonte: Elaboração própria

Em seguida passamos para a construção da peça, ao longo dessa etapa tivemos duas provas que foram de grande importância para realizarmos alguns ajustes como por exemplo a altura dos bolsos frontais, as marcações da posição das golas nos ombros para que fossem confortáveis ao vestir. Ademais, foi nessa fase também que identifiquei a necessidade de diminuir o comprimento do vestido e as mangas transparentes que estavam gerando incomodo ao mover os braços. A seguir as imagens que ilustram essa etapa.

Figura 102 - Vestido braços em fase de construção



Fonte: Elaboração própria

Figura 103 - Marcação dos bolsos

Fonte: Elaboração própria

Figura 104 - Mangas da cintura em construção

Fonte: Elaboração própria

Figura 105 - Vestido braços (Vista frontal)

Fonte: Elaboração própria

Figura 106 - Molde e peça piloto



Fonte: Elaboração própria

IV.3: Modelo Final

Figura 107 - Vestido braços opção de uso 1



Fonte: Elaboração própria

Figura 108 - Detalhes do vestido braços



Fonte: Elaboração própria

Figura 109 - Vestido braços opção de uso 2



Fonte: Elaboração própria

Figura 110 - Vestido braços costas opção de uso 3



Fonte: Elaboração própria

Figura 111 - Usabilidade do vestido braços



Fonte: Elaboração própria

IV.4: Embalagem

Para a embalagem optei por uma alternativa sustentável, onde houvesse a possibilidade de reutilização. Até porque já é sabido que as sacolas plásticas são extremamente nocivas ao meio ambiente.

Segundo a Agência de Proteção Ambiental (EPA), mais de 3 trilhões de sacolas plásticas são consumidas a cada ano em todo o mundo. Os Estados Unidos usam 380 bilhões de sacolas plásticas por ano e são necessários 12 milhões de barris de petróleo para fabricação destas. Já no Brasil são distribuídas cerca de 1,5 milhão de sacolas a cada hora, segundo o Ministério do Meio Ambiente. Portanto, são 13 bilhões de sacos plásticos por ano.

Por isso, a escolha de usar Ecobags de algodão cru, pois as vantagens para o uso destas são diversas. Além de proporcionar maior resistência e segurança ao que está sendo carregado, ela também é confortável e não causa impacto ao meio ambiente. Possuem uma vida útil longa e quando não estiver mais em condições de uso, ela pode ser reciclada e compostada, se não tiver entrado em contato com substâncias químicas.

Além disso, para mim era importante que esta Ecobag fosse uma extensão do conceito das peças. Por isso, sabendo que a coleção defende o vestuário como uma forma de linguagem, considerei interessante trazer essa ideia do “vestuário que fala” para a embalagem, como pode ser visto nas imagens a seguir.

Figura 112 - Ecobag de algodão cru opção 1



Fonte: Elaboração própria

Figura 113 - Ecobag de algodão cru opção 2



Fonte: Elaboração própria

Futuramente a ideia é que estas Ecobags sejam confeccionadas com os restos dos materiais utilizados para a construção das peças. Criando dessa forma uma composição de retalhos e contribuindo ainda mais para o meio ambiente. Assim como também ressignificando o destino desses materiais.

CONCLUSÃO

Apesar das várias razões que me levaram a discorrer sobre a Moda Inclusiva, por um momento eu senti que esse tema estava muito distante de mim, afinal não tenho nenhuma deficiência. No entanto, à medida que fui me aprofundando nas pesquisas, percebi que não se trata somente da deficiência em si, mas sim de uma parcela da sociedade que por não atender às características normativas são invisibilizados assim como EU, que sou uma mulher preta.

Logo, entendi a importância desse projeto e o porquê eu tinha que abordá-lo. Acredito na Moda como uma ferramenta de expressão, de afirmação de identidade que infelizmente foi retirada das pessoas que possuem os corpos “fora do padrão”. Dessa maneira, a moda se faz como uma forma de linguagem não verbal que se comunica através do vestuário. Assim, o indivíduo pode vestir-se de uma segunda pele a fim de pertencer a um determinado grupo social, se reconhecer, expressar suas ideologias, seus sentimentos, ou seja, estabelecer uma comunicação com o eu e com o mundo.

Somado a isso, compreendi que a moda inclusiva vai muito além do produto em si e das suas peças funcionais, a inclusão ela tem que acontecer em todos os aspectos. A pessoa com deficiência também é um consumidor e quer ser tratado como tal, logo a experiência de compra também deve ser inclusiva. Por isso, é preciso haver um encantamento e uma identificação com a marca. O interlocutor precisa se sentir representado, ele precisa se enxergar naquele produto que está sendo vendido.

Para a coleção MANIFESTO busquei provocar e instigar a sociedade a pensar fora da caixa, mudando sua relação com aquilo que é diferente. Além de possibilitar às pessoas com deficiência de se expressarem e serem vistos da maneira que desejam.

Portanto, pode-se afirmar através dessa experiência que a Moda quando combinada ao Design, é capaz de gerar inovação por meio da diversidade, contribuindo cada vez mais para uma sociedade mais empática.

Referências Bibliográficas

LIPOVETSKY, G. **O Império do Efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo, SP: Companhia de Letras, 1989. 294 p.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GOMES, Danila; QUARESMA, Manuela. **Introdução ao Design Inclusivo**. Curitiba: Editora e Livraria Appris, 2018. 197 p.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

REINKE, Carlos Augusto. Quando as roupas falam: Debate sobre a moda como uma forma de Linguagem. **Prâksis**, Novo Hamburgo, v. 1, n. 14, p. 75-84, jan./jun. 2017.

CIDREIRA, Renata Pitombo. A moda como modo de vida. **Dobra[S] – Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S.L.], v. 3, n. 5, p. 56, 10 fev. 2009. Dobras.

SILVA, Amanda Prado. O plus size sob a ótica da sintaxe visual: a necessidade do aprimoramento da expressão das consumidoras de moda maior. **Dobra[S] – Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S.L.], v. 9, n. 20, p. 216, 29 nov. 2016. Dobras.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. Corpo, roupa, moda nas inter-relações semióticas da comunicação. **Dobra[S] – Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S.L.], v. 3, n. 6, p. 58, 9 fev. 2009. Dobras.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. Corpo vestido no social. **Dobra[S] – Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S.L.], n. 31, p. 13-40, 13 abr. 2021. Dobras.

TEIXEIRA, Flávia V. S... Moda como linguagem. **Dobra[S] – Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S.L.], n. 31, p. 262-273, 14 abr. 2021. Dobras.

CLEMENTE, Mariana Braga. Nos desfiles do cotidiano, diversos modos de estar “na Moda”. **Dobra[S] – Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S.L.], n. 31, p. 329-351, 15 abr. 2021. Dobras

LEAHY, Renata Costa. **Metáfora do cabide: corpo e aparição nos desfiles de moda**. 2018. 418 f. Tese (Doutorado) - Curso de Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador; Nanterre, 2018.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. Barthes e Bourdieu: Os maîtres à penser e a moda. **Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 147-164, jan./jun. 2010.

MICHETTI, Miqueli. **A lógica social da moda**: apontamentos para uma teoria crítica da cultura de consumo. 2006. 249 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

SILVA, Henriette Valéria da. O padrão de beleza imposto pela mídia. **Observatório da Imprensa**. Campinas, p. 1-1. abr. 2014.

SOUSA, Rosângela Elisa de; XAVIER, Lucyana Azevedo; ALBUQUERQUE, Suellen Silva de. Moda Inclusiva, Reconhecendo as Necessidades da Criança Cadeirante. **Modapalavra**, [S.L.], v. 10, n. 19, p. 004-022, 16 dez. 2016. Universidade do Estado de Santa Catarina.

ALONSO, Carolina Maria do Carmo. **O trabalho e o trabalhar de uma equipe de reabilitação no programa saúde da Família do município de São Paulo**. 2009. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Saúde, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

RECHINELI, Andréa; PORTO, Eline Tereza Rozante; MOREIRA, Wagner Wey. Corpos deficientes, eficientes e diferentes: uma visão a partir da educação física.

Revista Brasileira de Educação Especial, [S.L.], v. 14, n. 2, p. 293-310, ago. 2008. FapUNIFESP (SciELO).

MOISES, Ronaldo Rodrigues; STOCKMANN, Daniel. A pessoa com deficiência no curso da história: aspectos sociais, culturais e políticos. **History Of Education In Latin America - Histela**, [S.L.], v. 3, p. 1-17, 20 jun. 2020. Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.

ROMANATO, Daniella. **A SEMIÓTICA E A MODA**. 2010. 10 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Design de Moda, Unicamp, São Paulo, 2010.

VÍDEOS

O FUTURO anti-capacitista: curar preconceitos e celebrar diversidades. Realização de Lau Patron. São Paulo: Tedx, 2020. Son., color.

DESIGN e Acessibilidade: relações entre interfaces, identidades e dissidências. Realização de Michele Simões. 2021. Son., color.

A DIFERENÇA não é um defeito. Realização de Lorrane Silva. São Paulo: Tedx, 2020. Son., color.

MANIFESTO ANTI_INCLUSÃO. Realização de Estela Lapponi. 2013. Son., color. Legendado.

MEU corpo é real. Realização de Michele Simões. São Paulo: Tedx, 2017. Son., color.

CHIMAMANDA Adichie: o perigo de uma única história. Realização de Chimamanda Adichie. São Paulo: Tedx, 2009. Son., color. Legendado.

SITES

SIMÕES, Michele. **Meu corpo é real**. Disponível em: <https://www.meucorpoereal.com/>. Acesso em: 17 nov. 2021.

SANTOS, Guga. **LAB injeta representatividade na passarela do SPFW**. Disponível em: <https://vogue.globo.com/moda/moda-news/noticia/2016/10/lab-injeta-representatividade-na-passerela-do-spfw.html>. Acesso em: 16 nov. 2021.

PARANÁ. Rita Reni Cosmo. Secretaria da Educação do Estado do Paraná. **Contexto Histórico do corpo deficiente**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1928-8.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2021.

IBC. **O IBC e a educação de cegos no Brasil**. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/a-criacao-do-ibc>. Acesso em: 18 nov. 2021.

GARCIA, Vinícius Gaspar. **As pessoas com deficiência na história do mundo**. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/pcd-mundial>. Acesso em: 18 nov. 2021.

SENAI. **Modelagem Industrial Feminina**. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/LidiaMSR/senai-modelagem-fem>. Acesso em: 03 maio 2022.

OLIVEIRA, Rebeca. **Para preservar saúde mental, movimento pede boicote a filtros do Instagram**. Disponível em: <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/para-preservar-saude-mental-movimento-pede-boicote-a-filtros-do-instagram>. Acesso em: 09 nov. 2021.

SOCIAL, Inova. **Moda acessível: Tommy Hilfiger anuncia sua coleção produzida para pessoas com deficiências físicas**. Disponível em: <https://inovasocial.com.br/negocio-social/tommy-hilfiger-adaptive/#:~:text=%E2%80%9CA%20miss%C3%A3o%20da%20Tommy%20Adaptive,mais%20f%C3%A1ceis%20de%20serem%20vestidas>. Acesso em: 29 nov. 2021.

ZAMBARDINO, Marcella. **5 vantagens de usar Ecobags**. 2019. Disponível em: [https://blog.positiva.eco.br/vantagens-usar-ecobags/#:~:text=1\)%20As%20ecobags%20s%C3%A3o%20mais,usualmente%2C%20mas%20confort%C3%A1veis%20de%20segurar](https://blog.positiva.eco.br/vantagens-usar-ecobags/#:~:text=1)%20As%20ecobags%20s%C3%A3o%20mais,usualmente%2C%20mas%20confort%C3%A1veis%20de%20segurar). Acesso em: 21 maio 2022.

EBA. Disponível em <<https://eba.ufrj.br/>>. Acesso em 14 Set 2022.

APÊNDICE A: Entrevista com a profissional de educação física Camila Fuchs

1. Qual seu o nome

Resp.: Camila Fuchs Chaves.

2. Qual a sua idade

Resp.: 30 anos.

3. Conte um pouco sobre a sua história (Como tudo aconteceu e que idade você tinha?)

Resp.: Deficiência congênita chamada mielomeningocele, é uma má formação da coluna vertebral em que a medula, meninge e raízes nervosas não são formadas corretamente durante a formação do feto, pode ocorrer em cada criança na cervical torácica ou lombar ou sacral, o tipo da minha lesão é lombossacra e dependendo do nível da lesão, pode trazer algumas anomalias, no meu caso trouxe dificuldades falta de sensibilidade e movimento do joelho pra baixo, 95% das crianças com essa lesão podem vir a ter hidrocefalia e precisa da colocação de uma válvula para drenar o líquido. Enfim, cada criança nasce com alguma comorbidade dependendo do nível que a mielomeningocele afete.

4. Como era a sua vida antes e como está agora?

Resp.: Minha vida não mudou.

5. Como é/foi sua adaptação com seu novo corpo?

Resp.: Não tive que me adaptar, apenas faço as coisas da minha maneira e caso não consiga fazer algo, peço ajuda, mas não me lembro de pedir ajuda pra fazer nada. Sempre fui independente e tentei fazer de tudo.

6. Como você enfrenta os obstáculos que surgem no seu cotidiano?

Resp.: Tento enfrentar da melhor forma, pensar antes de agir e ter a noção de que nem sempre as pessoas estarão dispostas a ter empatia e respeito ao outro.

7. Você sente/ já sentiu vergonha da sua diferença funcional?

Resp.: Nunca senti vergonha.

8. Qual foi seu maior desafio até agora?

Resp.: Meu maior desafio é enfrentar uma sociedade preconceituosa e capacitista, que acha que só por eu ter uma deficiência eu não posso fazer as coisas.

9. Você já deixou de realizar alguma tarefa por conta da sua diferença funcional?

Resp.: Nunca.

10. Como é viver em uma sociedade não inclusiva? (referente às pessoas, serviços, produtos)

Resp.: É complicado, pois falta acessibilidade, respeito e empatia.

11. Você usa algum tipo de instrumento para te ajudar no desenvolvimento de alguma atividade? Qual sua relação com o instrumento?

Resp.: Ando com ajuda de muletas e também tenho cadeira de rodas, ando de muletas desde os 7 anos de idade e a cadeira de rodas eu adquiri a partir dos 20 anos, pois vi a necessidade de usá-la em locais muito extensos, ela me ajuda no meu ambiente de trabalho e quando eu vou a lugares com bastante gente, sempre gostei mais de andar de muletas e a cadeira eu enxergava como algo que ia me limitar, mas depois fui vendo que na verdade ela me ajuda muito.

12. Qual a sua relação com a moda?

Resp.: Sempre gostei de me vestir bem e o mais confortável possível.

13. Você acha que a maneira que se veste pode influenciar na sua autoestima?

Resp.: Com certeza influencia bastante, na verdade é o contrário, a minha autoestima influencia na maneira que eu me visto.

14. Você acha que a indústria da moda leva em consideração diferentes corpos e habilidades específicas?

Resp.: Não leva, pois a moda não tem representatividade nenhuma para quem possui algum tipo de deficiência.

15. Quais são suas aspirações?

Resp.: Eu me visto com roupas variadas, gosto de me sentir bem e com estilo.

16. Como é o seu estilo?

Resp.: Meu estilo é básico, gosto de camisas, calças, camisetas, coisas que me deixam confortável e com estilo ao mesmo tempo.

17. Você acha que a moda te representa? Se sim, como? Se não, o que um objeto de vestir teria que ter para te representar?

Resp.: Me representa sim, pois nunca tive dificuldades de encontrar uma roupa e vesti-la.

18. Quais peças você gosta de vestir? Alguma você deixou de vestir por não ser prática ou confortável?

Resp.: Gosto muito de usar calças, tênis, blusas, camisas de botão, a única peça que as vezes eu posso ter alguma dificuldade é tênis, mas nada que me impeça de comprar.

19. Quais suas maiores dificuldades na hora de se vestir? Você realiza essa atividade sozinha ou precisa de ajuda?

Resp.: Me visto totalmente sozinha, nunca tive dificuldades de vestir nada.

20. Qual peça você tem mais dificuldade?

Resp.: Nenhuma, as vezes o que dificulta é algum tênis.

21. E quando está fora de casa como acontece? (caso precise ir ao banheiro por exemplo)

Resp.: Vou na maior tranquilidade.

22. Como você se sente ao ir à uma loja de roupas? Você acha o que você procura? Sai satisfeita com a compra?

Resp.: Sim.

23. Você já passou por alguma situação desconfortável em relação ao que estava vestindo/ usando?

Resp.: Nunca, a única coisa que às vezes atrapalha é não ter uma cabine acessível.

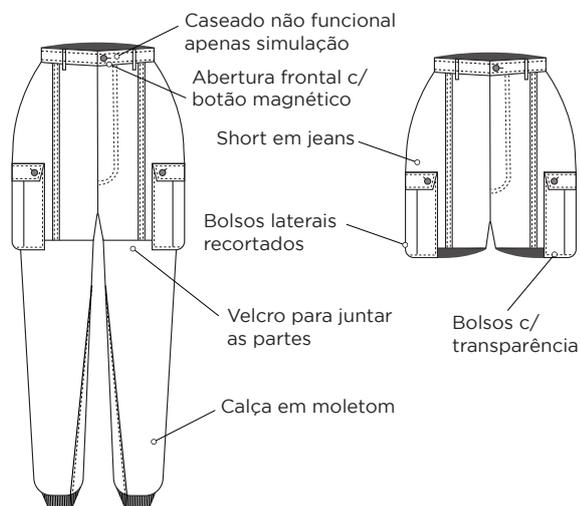
24. Para você o que é ser uma pessoa com deficiência e como você gostaria de ser vista e se sentir incluída na sociedade.

Resp.: É ser uma pessoa como qualquer outra, pois a deficiência é apenas mais uma característica e eu quero ser vista como um ser humano com

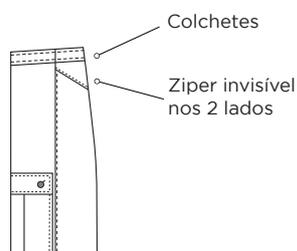
sentimentos, que eu possa ir em busca do que quero sem ficar toda hora tendo que provar que eu posso fazer tal coisa.

APÊNDICE B: Fichas Técnicas

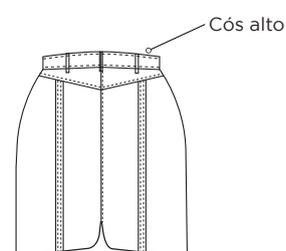
Frente



Lateral Esquerda



Costas



Observações

Para o pesponto, utilizar a linha na cor azul marinho
 Cor referência ████████

Tecidos



	Descrição:	Fornecedor:
1	Moletom mescla cinza	Cabo verde tecidos
2	Jeans mescla azul médio	RLT Comércio de tecidos e confecções
3	Plástico cristal transparente	Tecidos Vinatex

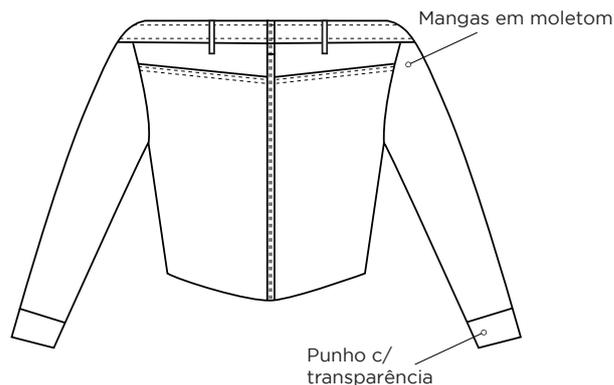
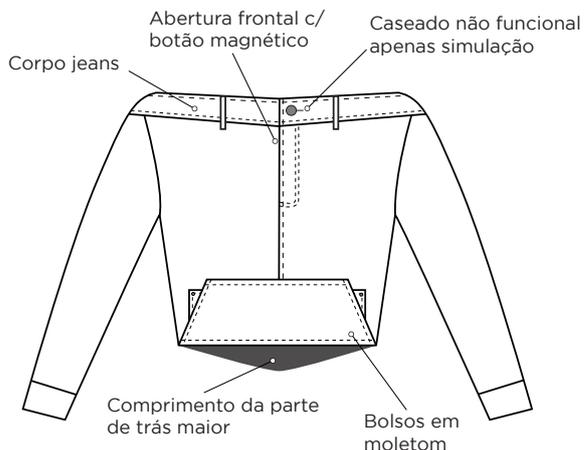
Aviamentos



	Descrição:	Fornecedor:	Qtde:
1	Botão baixo magnético 14,5mm latão	Eberle	4 unid.
2	Velcro	Vicone Armarinhos	1 unid.
3	Colchete	Eberle	1 unid.
4	Zíper invisível 20 e 30cm	Armarinho São José	1 unid.

Frente

Costas



Observações

Para o corpo, utilizar a linha na cor azul marinho
Cor referência
Para os bolsos, utilizar a linha na cor cinza claro
Cor referência

Tecidos



	Descrição:	Fornecedor:
1	Moletom mescla cinza	Cabo verde tecidos
2	Jeans mescla azul médio	RLT Comércio de tecidos e confecções
3	Plástico cristal transparente	Tecidos Vinatex

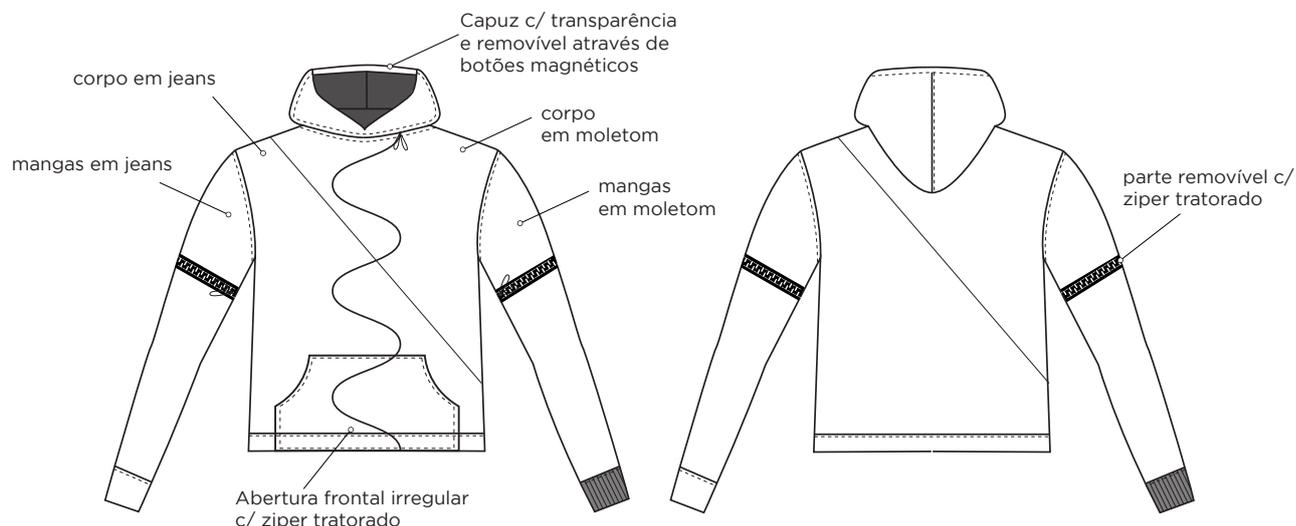
Aviamentos



	Descrição:	Fornecedor:	Qtde:
1	Botão baixo magnético 14,5mm latão	Eberle	5 unid.

Frente

Costas



Observações

Para o pesponto da parte jeans, utilizar a linha na cor azul marinho
Cor referência

Para o pesponto da parte de moletom, utilizar a linha na cor cinza claro
Cor referência

Tecidos



	Descrição:	Fornecedor:
1	Moletom mescla cinza	Cabo verde tecidos
2	Jeans mescla azul médio	RLT Comércio de tecidos e confecções
3	Plástico cristal transparente	Tecidos Vinatex

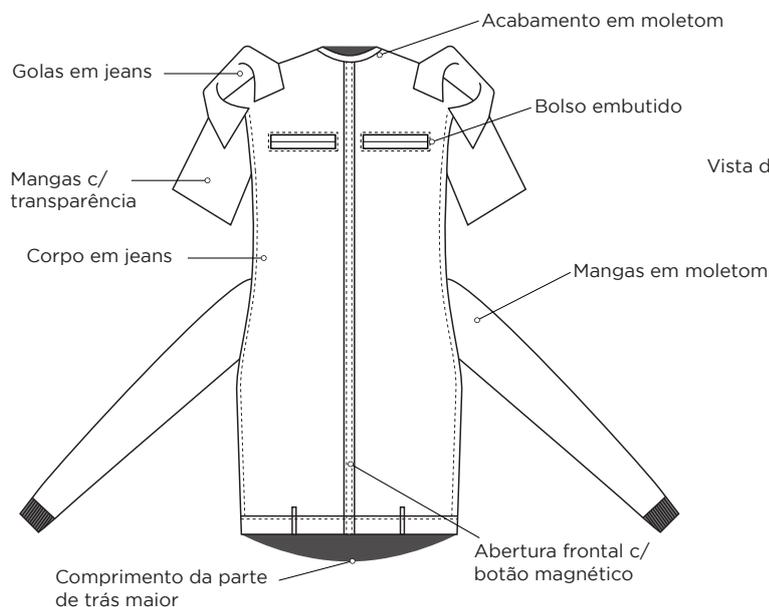
Aviamentos



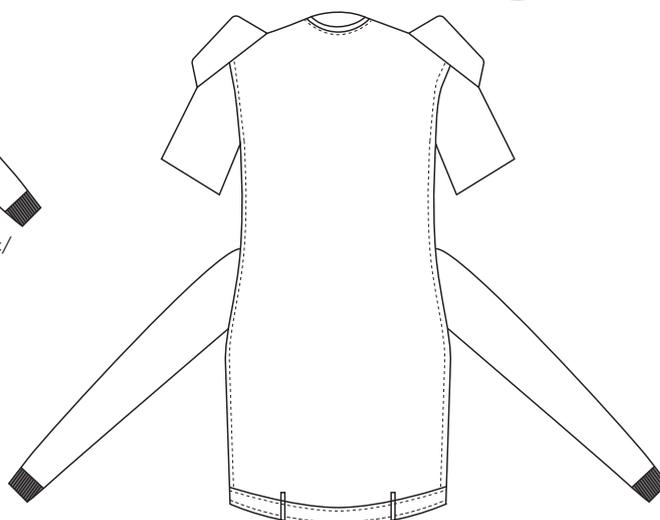
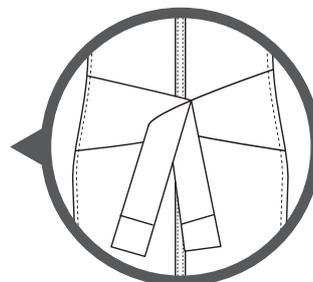
	Descrição:	Fornecedor:	Qtde:
1	Botão baixo magnético 14,5mm latão	Eberle	5 unid.
2	Zíper de nylon tratorado 6mm	Sílvia Armário	10 unid.

Frente

Costas



Vista das mangas amarradas



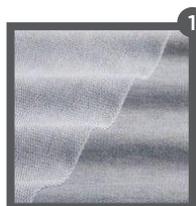
Observações

Para o corpo, utilizar a linha na cor azul marinho
Cor referência ████████

Para as mangas superiores, utilizar a linha na cor branca

Para as mangas na cintura, utilizar a linha na cor cinza claro
Cor referência ████████

Tecidos



	Descrição:	Fornecedor:
1	Moletom mescla cinza	Cabo verde tecidos
2	Jeans mescla azul médio	RLT Comércio de tecidos e confecções
3	Plástico cristal transparente	Tecidos Vinatex

Aviamentos



	Descrição:	Fornecedor:	Qtde:
1	Botão baixo magnético 14,5mm latão	Eberle	7 unid.